



O RECOMEÇO
do mafioso

ALINE PÁDUA



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

*poder, então nossa sociedade poderá enfim
evoluir a um novo nível."*





O RECOMEÇO
do mafioso

ALINE PÁDUA



O RECOMEÇO
do mafioso

ALINE PÁDUA



ALINE PÁDUA

Copyright 2022 © Aline Pádua

2º edição - outubro 2022

Todo o enredo é de total domínio da autora, sendo todos os direitos reservados. Proibida qualquer forma de reprodução total ou parcial da obra, sem autorização prévia e expressa da autora.

Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Edição: AAA Design

SUMÁRIO

[SINOPSE](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

[PLAYLIST](#)

[NOTA](#)

[PRÓLOGO](#)

[01](#)

[02](#)

[03](#)

[04](#)

[05](#)

[06](#)

[07](#)

[08](#)

[09](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[DEPOIS...](#)

[ELIJAH](#)

[OS VALLEN](#)

[CONTATOS](#)

[OUTRA SÉRIE](#)

SINOPSE

A lei suprema dos Vallen é clara: sempre um Vallen no poder.

Jacob Vallen sentiu como ninguém o quanto tal lei pode ser cruel. Contudo, tudo o que realmente deseja é enterrar seu passado, assim como seu sobrenome, e se pudesse, o sangue que corre em suas veias. Com uma segunda chance, ele escolhe ter uma nova vida, começando por uma nova identidade: Kirian.

Além de poder realizar seu maior sonho: aprender a ler e escrever.

Cali Díaz é professora de história e línguas, e se dedica ao máximo para o que ama fazer – lecionar. Contudo, as controversas da vida, e seu senso de justiça, acabam levando-a diretamente para o olho da rua. Entretanto, em meio ao seu próprio caos e no momento em que desaba por completo, ela conhece seu novo vizinho. O que ela não esperava, era que em pouco tempo, se tornaria algo além para ele – sua professora.

Duas pessoas completamente diferentes.

Duas almas marcadas por um encontro inevitável.

Em meio ao sangue, recomeços, palavras, números, símbolos e livros, será possível surgir algo *mais*?

NOTA DA AUTORA

Essa é uma obra fictícia. O país é fictício e não será explanado seu nome ou sua localização. Leis, ordens e os próprios Vallen são fruto da imaginação da autora. Vale ressaltar que não há relação com qualquer país do mundo. Qualquer semelhança é mera coincidência.

AVISO IMPORTANTE: essa obra apresenta violência contra mulher e crianças, e tortura psicológica e física.

Boa leitura!

PLAYLIST

All To Well - Taylor Swift

BB'S Theme - Jenny Plant

Call It What You Want - Taylor Swift

Codinome - Maria

Cornelia Street - Taylor Swift

Cruel Summer - Taylor Swift

Dancing With Our Hands Tied - Taylor Swift

Daylight - Taylor Swift

Deep - Julia Michaels

Delicate – Taylor Swift

Don't Be So Serious – Low Roar

Dress – Taylor Swift

Everything Has Changed – Taylor Swift feat. Ed Sheeran
Fall In Line – Christina Aguilera feat. Demi Lovato
Falling For Boys – Julia Michaels

Getaway Car – Taylor Swift

Gorgeous – Taylor Swift

I'll Keep Coming – Low Roar

Little Do You Know – Alex & Sierra
Meu Talismã – Iza

More Than Words – Extreme

New Year's Day – Taylor Swift

Out Of The Woods – Taylor Swift

Rewrite The Stars – James Arthur feat. Anne-Marie
Safe and Soud – Taylor Swift feat. The Civil Wars
So It Goes... – Taylor Swift

Take Me Home – Jess Glyne

Take Your Time – Sam Hunt

Teatro dos Vampiros – Legião Urbana

The Last Time – Taylor Swift feat. Gary Lightbody
The Weight Of The World – J'nique

Your Song – Rita Ora

NOTA

Esse livro é um relançamento. Anteriormente, essa história foi lançada intitulada como KIRIAN. O livro passou por nova edição e ilustração. Espero que seja essa sua primeira ou segunda experiência com eles, que ela seja incrível!

Boa leitura,

Aline

“Esperança é a única coisa mais forte que o medo. Um pouco de esperança é eficaz, muita esperança é perigoso.

Faíscas são boas enquanto são contidas.” [\[1\]](#)



PRÓLOGO

“Esse é o nosso mundo

O que é demais nunca é o bastante

E a primeira vez é sempre a última chance

Ninguém vê onde chegamos

Os assassinos estão livres, nós não estamos.” [2]

— Covarde! — Oliver gritou alto, diante do homem que deixava a arma escorregar de suas mãos. — Um *puto* covarde, que não consegue matar!

As palavras ecoaram em minha mente, e ali ficaram intactas. Eu tinha apenas doze anos, assistindo um verdadeiro

filme de terror a minha frente. Tampando os olhos de Cameron para que o mesmo não tivesse que presenciar tal maldade. Nosso pai não era pai, estava mais para um homem movido a negócios ilícitos, sem qualquer escrúpulo. Ali, ainda criança, percebi que não existia a família a qual via na televisão.

Era um mito, algo inventado... Ao menos, para um homem que carregava o sobrenome Vallen. O Clã Vallen comandava aquele país e algumas regiões ao redor do mesmo há muito tempo, sendo a única família *intocável* dentro da máfia estabelecida. *Ser um Vallen era o mesmo que continuar no controle de tudo ao redor* - palavras de Oliver Vallen. O homem que jamais deveria ser chamado de pai.

— Jake! — bradou, e passei Cameron para minhas costas, tentando tampar a todo custo sua visão. Ele tinha onze anos, e assim como eu, não deveria assistir aquilo. — Brincando do que, Jake?

Como sempre, sua voz era ácida, e senti meu corpo rejeitar o simples contato de seus dedos em meus cabelos. Fechei os olhos, e tentei pensar em minha mãe, que se tivesse a chance nos tiraria dali. Contudo, sabia que ela não a tinha. Nunca a teve.

— Sua vez. — Afastou Cameron, entregando-me a arma pesada, que me fez cambalear, mas mantive-me em pé. —

Espero que seja mais corajoso do que isso, Jake! — desafiou-me, mas não importava, eu já queria tirar a arma de minha mão e jogar-lhe. — Se não, Cameron aprenderá a atirar hoje... Para matar.

Arregalei os olhos, e soube que ele não brincava. Desde que me entendo por gente, ensinou-me a atirar em alvos no meio da floresta. Eu odiava aquele contato, mas ele sempre soube bem o que usar. Usava Cameron, meu irmão, para poder me manipular.

E foi assim, que aos doze anos, posicionei a arma, e mesmo diante dos gritos do homem desconhecido a minha frente... atirei.



01

“Em breve eu vou chegar perto

Perdido e nunca encontrado

Esperando minhas palavras

Visto, mas nunca ouvido

Enterrado no subsolo

Mas eu vou continuar voltando.” [3]

VINTE ANOS DEPOIS

Os raios solares estavam por todos os lados e eu não sabia o que dizer, enquanto minha pele recebia aquele contato.

Era muito mais do que tive por anos. Além do que esperava ter um dia. Forcei o olhar em direção a pessoa frente, mas não consegui reconhecê-la.

Nem sabia porque alguém me aguardava ali ou o que me esperava fora de Viamar. Nem que existia ainda uma vida fora de Viamar. Mas pelo jeito, o que me esperava era um homem jovem de camiseta branca e jeans, de estatura alta e um olhar que me parecia muito familiar. Indaguei-me naquele instante como algo poderia me parecer familiar após tantos anos.

— Oi. — Ele deu um passo à frente, e notei seus olhos marejados. Eu não entendia muito de emoções, não das boas, então, apenas parei, sem querer causar algo pior. Minha imagem fora do escuro poderia não ser muito bonita. Na realidade, não sabia o que era um espelho em muito tempo. — Cameron me mandou.

Aquele nome fez meu corpo todo ficar em alerta, não por temer meu irmão, mas porque não tinha a mínima ideia do que aconteceu com ele depois que fui mandado para Viamar. Se minhas contas não estivessem erradas, já teriam se passado cerca de vinte anos, e eu... Não sabia nem se meus irmãos estavam vivos.

Ouvir falar sobre Cameron era um alívio, mesmo que temesse que tivesse de fato tomado a frente do Clã Vallen, e dessa maneira, ocupado o cargo mais alto da máfia.

— Ele... Ele... — tentei dizer, mas travei em seguida. Temia pela resposta, então apenas fiquei encarando o estranho por alguns segundos. Contudo, como se me entendesse o homem a minha frente, acabou se adiantando.

— Ele é o novo líder dos Vallen. — Fechei os olhos, odiando-me mais uma vez por não ter o livrado daquilo. — Ele está bem, Jacob.

Paralisei diante do nome, e encarei com mais atenção o homem a minha frente. Ele me era tão familiar, que assustava.

Não que fossemos parecidos, mas com certeza, os olhos verdes me remetiam aos de minha mãe. Foi quando tentei fazer mais contas em minha cabeça e juntar o fato de que meu irmão caçula certamente nasceu na época em que fui banido.

— Elijah? — indaguei baixo, e ele sorriu, assentindo. Fiquei estático por alguns segundos, sem conseguir acreditar. Mas era como se visse a cópia masculina dela a minha frente. — Nossa mãe? — perguntei de uma vez, mesmo que já esperasse por uma resposta nada bonita.

Em meu coração, senti que a tinha perdido há muito tempo.

Não sabia dizer se aquela sensação era real. Já que nunca recebi qualquer informação sobre o mundo exterior, muito menos, sobre minha família.

— Ela faleceu no meu parto. — falou baixo e notei que era difícil falar sobre aquilo. Assenti, pois algo dentro de mim

parecia sempre avisar sobre, mesmo que a esperança de revê-la um dia ainda existisse. Contudo, não era possível. — Eu sinto muito.

Assenti, sem saber o que lhe dizer, e tentando colocar meus sentimentos no lugar. Encarei ao redor, e notei que estávamos em uma parte praticamente deserta, e que basicamente não enxergava a estrutura grande e imponente de Viamar.

Agora eu entendia porque me tiraram de lá com tanto cuidado e afoitos. Ordens expressas do líder do Clã eram obedecidas de imediato. Suspirei fundo, tentando não pensar sobre Cameron no lugar de Oliver. No lugar que eu deveria tê-lo livrado.

— Oliver? — perguntei e a dor no rosto de Elijah pareceu se desfazer instantaneamente.

Talvez eu fosse seu reflexo naquele instante. Porque no fundo, ao contrário da perda que senti por minha mãe ao decorrer dos anos, eu apenas torcia para que Oliver estivesse morto.

— Ele morreu há dois dias... estágio terminal de câncer. —

falou e não notei nenhuma tristeza no que disse. *Mas quem era eu para entender o que ele sentia a respeito?* Eu odiava Oliver, e apenas desejava o pior para ele. *Já Elijah?* Eu não tinha ideia de como sua vida foi. Apenas torcia para que fosse completamente diferente da minha. — Eu não vivi no Clã... — falou, deixando-me surpreso. — Sinto muito que apenas eu tenha tido essa sorte.

Apenas assenti, ainda sem entender muito. Suspirei profundamente e levei as mãos aos cabelos, ainda

molhados do banho tomado dentro de Viamar, que foi meu cativo por anos.

— Oliver está morto. — falei em voz alta, sentindo um alívio profundo no peito. Ele biologicamente era meu pai, contudo, nunca de fato deveria ter sido algo de qualquer um de nós. Elijah apenas assentiu e sorriu, parecendo não se importar com o assunto. — Por que Cameron te mandou? — indaguei, tentando focar no que interessava.

— Porque queremos que tenha uma vida, Jacob. — Parou de repente e me encarou como se tentando contar algo. — Um novo nome, nova vida... Um recomeço longe do que o Oliver tirou de você, e principalmente, longe por completo da máfia. Te tirar daqui foi a primeira coisa que Cameron fez assim que assumiu, *palavras dele*.

Fechei os olhos, sentindo o peso daquelas palavras. Não houve um dia, em todos aqueles anos que não senti falta de Cameron. Ele foi meu mundo quando crianças, e nossa ligação sempre foi forte. A ponto de que nem mesmo Oliver conseguiu quebrá-la. O meu maior medo era que ele tivesse quebrado Cameron por dentro. Assim como tentou e quase conseguiu comigo.

— Alguém da máfia sabe sobre mim? — indaguei temeroso. Pois sabia o que implicaria o fato de qualquer parte e principalmente os devotos ao Clã Vallen, saber que o primogênito dos Vallen estava vivo.

— Cameron me assegurou que não, e que cuidou pessoalmente, ao longo dos anos para que ninguém soubesse ou quem sabia, vazar a informação. — Assenti, sentindo-me um pouco aliviado. — De quem está dentro do Clã, apenas ele e seu braço direito, sabem que o primogênito dos Vallen na verdade está vivo.

— O que Oliver falou sobre mim? — perguntei, tentando juntar as poucas informações que chegaram até mim através de Kirian.

— Que morreu de leucemia aos doze anos. Além de inventar histórias de que o primogênito na verdade era um assassino, o melhor do Clã, desde muito novo. — falou e eu assenti, lembrando-me de que era exatamente o que Kirian me contou. As únicas informações que ele me passava sobre o mundo exterior, o que falavam a respeito de mim. Nunca entendi de fato porque o fez, mas ali, fora de Viamar, comecei a entender.

— Preciso de um novo nome, não é?. — perguntei e Elijah assentiu, colocando as mãos nos bolsos das calças. Pensei a respeito e deixei meu pensamento focar nas poucas coisas boas que tive naqueles anos, e a feição da única pessoa que me ajudou me veio em mente, e sabia que se fosse me espelhar em recomeçar, seria, ao menos, com alguém parecido com o pouco que sabia dele. — Pode me chamar de Kirian.

Elijah apenas assentiu e agradeceu por não perguntar nada.

Não conseguia falar com pessoas, e escolher aquele nome, me levava para uma das poucas que foi gentil e boa comigo em anos preso pelo meu próprio sangue.

— Certo. — Abriu os braços, e notei que ele claramente não fazia parte da máfia. Existia leveza na forma como se portava e como me encarava. Parecendo realmente querer me conhecer.

Ali estávamos nós, anos depois. — Sei que não posso te pedir isso, Kirian. Mas quero muito que possamos nos conhecer e que tenha uma vida. — Notei a forma franca com que me encarou e valorizei imensamente aquilo.

— Eu te conheci na barriga de nossa mãe.

Comentei, e ele assentiu, como se feliz por entender que eu não era o monstro que construíram ao redor. Boatos e mais histórias que chegavam a meus ouvidos através de Kirian, sobre o que inventaram e reinventaram sobre o mais velho dos Vallen.

Tudo para não admitir que não era de fato preparado para assumir algo como aquilo. Nunca seria.

Eu preferia a teoria de que tinha morrido aos doze anos.

Era preferível ser declarado como morto do que como um monstro.

— Bom, acho que podemos começar a nos conhecer enquanto te levo de carro para sua casa.

— Minha casa? — perguntei, completamente perdido.

— Nossa mãe a deixou para nós. — Pisquei algumas vezes e ele sorriu, suspirando profundamente. — Foi lá que fui criado e onde espero que possa ser feliz como eu fui.

— Eu não sei o que dizer. — Fui honesto e ele veio para mais perto, levando a mão com cuidado até meu ombro e o apertando levemente, como se testando se aquilo não me afetava. Por incrível que pareça, eu não rejeitei que me tocasse.

Por mais que aquilo me enojasse quando outros o faziam.

A diferença era que os outros me tocavam para me machucar, e Elijah, não era como eles. Nem de longe.

Ele não é como eles, Jaco... Kirian!

Comecei a tentar convencer a mim mesmo de quem agora era. Que eu poderia escolher ser.

— *Vamos!* Vou te contar tudo no caminho. — Afastou-se e o segui em direção ao carro, que era completamente diferente do último que vi em anos.

— Qual ano é? — perguntei, tentando encontrar a palavra certa, mas ainda me perdendo. Era difícil admitir, mas tinha certeza que não sabia mais ler e escrever.

— Estamos em 2020, irmão. — falou e notei a fragilidade em seu olhar, e que comprovava minhas contas confusas, e o tempo que fiquei em Viamar.

Virei-me rapidamente e mesmo que não pudesse mais ver Viamar, tentei deixar ali todo meu desespero e rancor. Por mais que um lugar não pudesse ser de fato ruim, as pessoas o transformavam. Assim, apenas adentrei o carro de Elijah, e não olhei para trás. Nunca mais olharia.

Era o que realmente esperava.



“É assim que as coisas são

Talvez isso nunca mude

Mas eu tenho vontade de mostrar minha força E eu tenho o direito de falar o que penso

E eu pagarei por isso” [4]

CALI

Eu era uma lutadora e nunca desisti fácil. Portanto, o olhar feio que me era destinado não seria o bastante para me parar.

Lutei contra o abandono, a decadência do orfanato que vivi até os

dezoito, a favor de ter três empregos para pagar minha faculdade, e ao fato de que cheguei ali por algum motivo.

Sempre acreditei em *algum* motivo. Poderia ser interpretado como sinal divino ou simplesmente uma intuição.

Como estrelas cadentes, astrologia e pedidos na calada da noite para o universo. Eu acreditava que se o universo me permitiu chegar até ali, lutando para *cacete*, eu insistia no que realmente acreditava - de que todos mereciam mais do que mediocridade.

Crianças e adolescentes mereciam o melhor de uma instituição de ensino.

Um pensamento tolo? Na visão de muitos, e principalmente, da pessoa a minha frente.

Contudo, meus pensamentos considerados tolos me levaram até um trabalho que amava e a vida que sempre

sonhei.

Então, não seria vencida por opiniões e atitudes contrárias tão facilmente. Se fossemos continuar por mais alguns anos naquela discussão, tinha certeza de que eu venceria pelo cansaço. Como já disse, eu era uma lutadora. Além de uma língua bem afiada e um temperamento explosivo.

— Não podem tratar esse caso como mais um! — falei, tentando colocar alguma consciência na mulher mais velha a

minha frente, mas ela negou com a cabeça, focando-se novamente no computador.

Suspirei profundamente, e da forma mais gentil que sabia, baixei a tela do notebook, e seu olhar parou no meu.

— O que quer que façamos, Cali? — naquele momento notei que estava estressada.

Talvez pelo fato de eu a estar privando de passar mais alguns minutos conversando pela internet. Era isso que ela fazia, todos os dias, em vez de tentar dar um futuro melhor para os alunos.

Estávamos em um lugar precário, era um fato. Sabíamos das limitações que a escola apresentava. Contudo, há anos tentava convencê-la de que precisávamos de livros para aquelas crianças. Além dos didáticos que estavam atrasados em anos.

Eu nunca pensei que gostaria de fato de ser professora, mas me apaixonei por aquilo. A ponto de querer socar a cara de todos os funcionários que apenas diziam que o dinheiro que arrecadávamos e recebíamos todo o ano, seria doado para o benfeitor da escola.

Benfeitor o cacete!

— Não podemos continuar doando dinheiro que é direito dessas crianças! O que diabos eles têm feito com essa porcaria de doação? — perguntei revoltada. — Eu aposto que esse dinheiro nem chega de fato aos Vallen ou qualquer parte da máfia!

— acusei de uma vez e ela paralisou por um instante, deixando-me ainda mais crédula daquela suposição.

A máfia era o comando daquele país há muitos anos. O

que nos levava ao Clã Vallen, a família responsável pela máfia dali, e que sempre esteve à frente da mesma. E mesmo morando na capital, onde a sede principal do Clã se localizava, nunca os vi melhorar em nada os bairros carentes. Contudo, pareciam apenas ignorar tais lugares e não tomar o pouco que se tinha. As coisas não batiam em minha mente, e assim, eu estava farta de não colocar aquela perspectiva na mesa.

O que a máfia faria com o dinheiro mínimo de uma escola basicamente esquecido pelo mesmo? Não fazia sentido.

— O que está insinuando? — ali eu tive toda sua atenção.

Ela até se levantou e se segurou contra a mesa, e o tom branco de sua pele começou a ficar avermelhado.

— Nada! — respondi com raiva. — Eu só quero o dinheiro necessário para montarmos a biblioteca. *O resto estou pouco me*

fodendo!

— Com que direito acha que pode entrar nessa diretoria e me agredir verbalmente? — encarei-a com um ponto de interrogação, e seu olhar mudou. — Estou cheia de aguentar seus chilikues, Cali! Se não consegue trabalhar com o que temos, então não deveria estar aqui.

— O que diabos está...

— Rua! — gritou, deixando-me paralisada. — Rua, agora!

— Não pode fazer isso. — Rebati e apontei o dedo em seu rosto. — Eu sou a única pessoa que faz essa escola andar, e a única que consegue o maldito dinheiro com festas e...

— Existem milhares de pessoas nas ruas que conseguem fazer melhor que você! — apontou o seu dedo para mim. — E o melhor, elas ficariam caladas.

— Quer saber de uma coisa? — abri os braços, segurando o ódio dentro de mim. — Vá direto para o inferno! — gritei, e notei a veia de seu pescoço pulsar. — Eu torço pelo dia em que os Vallen saberão das suas mentiras e roubos nessa escola, e te mandem para Viamar!

— Sua...

— Vai se foder, Berta!

Saí daquele minúsculo cômodo, e segui pelos corredores.

Aquela escola era o antro da pobreza extrema que habitava os arredores daquele lugar, e com toda certeza, era o único lugar onde a maioria de crianças e adolescentes poderiam comer e fugir um pouco de sua realidade. Que era uma merda. *Aquele país era uma merda para o pobre.*

Balancei a cabeça e segui para a sala dos professores.

Peguei minha bolsa e apaguei as luzes, sabendo que não desistiria do meu emprego, não mesmo. Berta poderia até tentar me demitir, mas ela sabia que precisava de um consenso com pessoas acima dela. Eu não sairia dali apenas por um grito e um dedo na cara. Eu amava aquele trabalho e apenas o defendia.

Defendia o futuro daquelas crianças, e aquilo, valia tudo.

Já era tarde, e ninguém além de nós e o zelador estava por ali. Saí pelo portão de arame da frente, e segui para minha casa.

O medo de mais uma vez estar nas ruas me veio, como um soco no estômago. Era a cisma de ser mulher. Andar sozinha na noite, sempre trazia uma imensidão de medos e olhares para todos os lados. Qualquer movimento, eu praticamente corria. E aquilo se seguia, por todo santo dia.

Cerca de vinte minutos depois, eu estava no primeiro ônibus. De alguma forma, consegui melhorar de vida, saindo do bairro mais pobre, e me mudando para um mediano. Nada grandioso ou luxuoso. Apenas, com um mínimo de segurança.

Que nem eu mesma sabia quem provia. Apenas desconfiava.

Quinze minutos depois, o segundo ônibus, e agradei aos céus por ser o último, e melhor, que parava perto de casa.

Tudo o que queria após aquele dia exaustivo, era me jogar no colchão e nele ficar. Não poderia imaginar algo melhor para a noite. Quando meus pés tocaram a calçada novamente, senti um pinga cair sobre minha testa. Apertei meu passo em direção a casa, e assim que adentrei o espaço coberto da porta, uma tempestade despencou.

Notei um movimento na casa ao lado da minha, que não era habitada desde que uma das poucas amigas que tive na vida, se mudou. Em outro país, tudo incluso pelo seu novo emprego e que trouxe muitas vantagens consigo. Lind merecia aquilo, por todo seu trabalho e estudo. Era uma das poucas felicidades de minha vida, ver pessoas progredindo em um lugar onde geralmente pobres apenas se moviam em meio a enchentes.

Tentei não parecer curiosa, mas permaneci parada tentando pegar o vislumbre de alguém que adentrava a casa.

Contudo, a miopia não ajudou em nada e com aquela chuva, tornara-se impossível. Ao que tudo indicava, eu teria um novo ou nova vizinha. Acabei entrando em minha casa e deixei isso para lá. Só precisava relaxar um pouco e parar de pensar tanto.

Amanhã seria um novo dia.

E um novo dia para conseguir montar a biblioteca daquela escola e mandar Berta se foder.



“Partimos cedo demais
Mas em nossas mentiras
Há uma verdade para encontrar
O ar é novo
Mas amanhã devemos alcançar
Ser ouvido.” [\[5\]](#)

KIRIAN

Eu ainda sabia muito pouco de tudo.

Senti os raios solares adentrarem as janelas abertas e fiquei apenas ali, parado, deixando o momento acontecer.

Lágrimas vieram aos meus olhos e permiti-me desabar por completo. Depois de longos anos me esquivando e me escondendo de sentir emoções. Eu só queria deixá-las livres.

Deixar com que todo meu passado e meu nome fossem levados para fora de mim, e que nunca mais retornassem.

Sorri em meio as lágrimas e caí de joelhos, enquanto sentia minha pele agradecer por aquele contato. Saber que poderia ter aquilo todos os dias me assustava, com o medo de que algum momento algo me tirasse dali. Mas não queria focar nos meus medos, mas sim, naqueles pequenos momentos. Era muito mais do que tive em tantos anos ruins. *Um momento* valia mais, soube ali.

Levantei-me, limpando as lágrimas e caminhando em direção a pequena sacada. Elijah me explicou em detalhes sobre o lugar e do porquê ter se mudado dali. Meu irmão

mais novo tinha uma vida no centro da cidade, e um ótimo emprego.

Segundo ele, quando descobriu sua origem, esperou junto a Cameron que Oliver finalmente morresse, para que pudessem me tirar de Viamar .

Nunca imaginei que teria um lugar para ir, se em algum momento, saísse de lá. Mas ali estava eu, em um lugar maior e melhor do que qualquer sonho que pudesse ter. Elijah já tinha me ajudado em muita coisa, e principalmente, com meus novos documentos, roupas e comida. Na realidade, ele me ajudou com *tudo* e não tinha ideia de como o agradecerá um dia. Sairia atrás de algum emprego naquele mesmo dia, o que fosse. Eu não sabia ler e escrever, contudo, precisava dar um jeito de me sustentar, e mais, de começar a retribuir tudo que me era dado.

Fechei os olhos e pensei em minha mãe, e em como ela deveria estar em um lugar melhor que o nosso. Por mais que fosse um milagre ainda estar vivo, em vários momentos, perguntei-me se realmente valia a pena. Dali, olhando para a casa vizinha, e o jardim ao redor, e tive certeza de que alguma forma deveria estar ali.

Tirei a camisa, deixando os raios solares me tocarem por completo e sorri para o nada. Como se agradecendo o mesmo por aquele presente. Era um dia tão bonito, e poderia ser tão simples, contudo, era o dia mais feliz de minha vida. Tinha toda certeza.

Ainda não tinha dormido, porém, sabia que era um mau costume trazido do passado. Passei muitas noites em claro, até

finalmente não aguentar e desabar pelo sono. Porém, não estava mais em Viamar. Ali, eu estava seguro.

Estou seguro!

Estou seguro!

Estou seguro!

Era o que repetia para mim mesmo, a cada segundo.

Ouvi barulhos a frente, e no segundo seguinte, algo caindo.

Meu corpo paralisou e arregalei os olhos, olhando na direção do som. Uma mulher baixa de cabelos verdes me encarava claramente incrédula. Olhos arregalados e boca semiaberta.

Surpreendendo-me, ela deu um leve aceno com a cabeça e sorriu, como se tentando dizer algo, mas não o fazendo.

— Bom dia, novo vizinho! — sua voz saiu quase como um grito, enquanto pegava o que pareciam livros, empilhando-os em seus braços. — Sou Cali. — falou, dando um leve aceno com a mão livre, e sorrindo abertamente e eu fiquei completamente sem reação.

Era o meu primeiro contato de fato com alguém que não me reconhecia e muito menos sabia meu real sobrenome. Ela parecia verdadeira na forma que sorria, e na forma como me

encarava com curiosidade. Passei as mãos por meus cabelos mais longos que os dela, e os preendi no alto da cabeça, e notei seu olhar acompanhar cada gesto. Não soube explicar porque senti-me completamente acuado.

Ela era simplesmente linda, e aquilo me assustava. Os cabelos verdes curtos em contraste com a pele negra, e o olhar castanho. Em um vestido de cor cinza e os pés

descalços, ela parecia tão bem consigo mesma, que não soube o que responder.

Eu mal sabia meu próprio nome depois do último dia.

— Bom... — ela limpou a garganta, e ficou com a boca aberta, como se querendo dizer algo, mas sem saber.

Pensei comigo mesmo que precisava falar algo, e me comunicar. Precisava dar adeus a um passado silencioso e com medo. Cali não era um dos guardas de Viamar, muito menos, qualquer um que passou por meu caminho. Ela era minha nova vizinha, e claramente, tentava ser educada.

— Tenha um bom dia. — falou, e sorriu novamente, dando-me as costas.

— Sou Kirian! — soltei de uma vez, quase em um grito, surpreendendo a mim mesmo.

Ela se virou e sorriu, encarando-me profundamente, e de alguma forma desconhecida, consegui encará-la nos olhos.

Gostava do que encontrava no seu olhar. Ela sorriu e pareceu ainda mais linda, como se feliz por eu ter sido no mínimo educado.

— É um prazer te conhecer, Kirian.

Deu uma piscadela e se virou, adentrando sua casa, e fechando as portas da sacada. Fiquei ali, parado por alguns segundos, sem saber o que pensar. Mas com toda certeza, sabia que era realmente o melhor dia de minha vida.

O melhor de muitos.



04

“Eles irão me queimar na fogueira

Mas eu tenho fogo em minhas veias

Não fui feita para entrar na linha

Não, eu não fui feita para entrar na linha, não” [6]

CALI

Minha mente não estava ali, mas deveria.

Parei a frente do espelho velho e abri a torneira, levando água até meu rosto e o lavando. Talvez ela me ajudasse a parar de pensar na visão de paraíso que era meu novo vizinho. Encarei

meu reflexo e me senti uma completa imbecil. O homem na sacada parecia claramente assustado comigo, e com certeza, com minha falta de sutileza. Ele era bonito, na verdade, *muito mais que apenas bonito*. E meus olhos expressivos não sabiam esconder o que apreciavam.

Sequei as mãos no vestido e encarei o estado daquele banheiro que parecia a ponto de desabar. Toda aquela escola o parecia. Encostei-me contra o balcão da pia e com toda certeza, meus olhos expressavam raiva e desespero. Um misto não muito favorável. Ainda mais, para um dia de reunião com todo o time de professores e responsáveis pela escola.

Sabia que daria em discussão, era óbvio. Eu não sabia simplesmente sorrir e assentir para o que estava errado. E tinha muita coisa errada ali. Escutei o barulho na porta e me desencostei da pia, saindo do banheiro enquanto uma aluna entrava. Caminhei em direção a sala de reuniões, e já procurei um lugar para ficar perto o suficiente dos que realmente mandavam ali, e longe o suficiente para não esganar Berta.

Peguei meu celular e notei que ainda faltavam cerca de quinze minutos para que a reunião começasse. Pela falta de pessoas no lugar, com toda certeza, apareceriam dali meia hora.

Fui direto para o Instagram e de algum jeito nem um pouco lógico, tentei encontrar meu vizinho. Em geral, não era desesperada por homens, mas esse tinha um olhar diferente. De algum jeito, despertou minha curiosidade e ali estava.

Passei cerca de quarenta minutos pesquisando sem sucesso algum. Caindo em diferentes perfis de caras com cabelos ondulados longos, mas que não se pareciam com ele em mais nada. Ouvi o barulho da porta velha sendo aberta e a primeira pessoa que passou por ela foi Berta, o que já me incomodou o bastante.

O restante começou a chegar e guardei o celular novamente na bolsa, enquanto os encarava. Nenhum deles de fato gostava de mim. Não podia mentir que o sentimento não era recíproco. E ali estávamos, para mais uma reunião, onde eu alegaria todos os erros que cometiam e como poderíamos consertá-los.

Eu era dura na queda, e eles sabiam que não poderiam me vencer pelo cansaço.

— Então, aqui estão todos! — Berta anunciou, sorrindo descaradamente para os supervisores da escola, que mal apareciam por ali, e encaravam seus notebooks, e ao mesmo

tempo, davam-nos um breve olhar. — Antes de começarmos... —

levantou-se e sorriu, encarando-me em seguida.

Não entendi tal ação, mas poderia jurar que ela estava tentando fingir algo a frente daquelas pessoas, logo depois da última reunião que tivemos e acabamos nos exaltando na frente de todos. Contudo, não poderia estar mais errada.

— Nós entramos em um consenso. — falou e continuou a me encarar. — E quando digo *nós*, me refiro a cada um nessa sala. — Indicou com o dedo seu entorno e fiquei apenas acompanhando seu monólogo.

— Não estou de acordo com nada. — Soltei de uma vez, e ela me encarou cinicamente.

— Talvez deva ouvir antes de questionar, ao menos uma vez, querida Cali. — Tom falou ao meu lado e me segurei para não o mandar a *merda*.

Era um dos professores sem limites daquela escola, que nunca dava aula e passava o tempo assediando todas as mulheres que trabalhavam ali. Já perdi as contas de quantas vezes mandei-o ao inferno, durante aqueles anos.

— E você devia ficar calado enquanto não pediram sua opinião. — comentei, e ele continuou a sorrir de forma nojenta.

Suspirei fundo e encarei Berta, que permanecia em pé. — Pode dizer do que se trata? — perguntei, segurando-me ainda para não surtar e socar a cara daquele homem ridículo.

— Está demitida, Cali.

No caso, eu acabava de levar um soco direto no estômago.

— *O que?* — minha voz quase não saiu, e minha mente girou por completo. — Do que está falando?

— Que ninguém aqui aguenta mais seus mandos e desmandos, como se fosse algo além de uma professora de história e línguas. — falou com desdém, e não precisei olhar ao redor para saber que todos estavam felizes com aquela decisão.

Talvez até estivessem felizes porque com certeza não contratariam alguém por um longo tempo e o dinheiro que deveria ir para a professora, iria para o bolso deles. Não tinha dúvidas sobre aquilo.

— Uma professora que luta desde o princípio para que a escola ensine essas crianças e adolescentes, para que elas possam ter mais oportunidades do que uma vida de merda!

—

exaltei-me e segurei as lágrimas de raiva que queriam descer. —

Eu desconfio do que fazem com o dinheiro das festas que comecei aqui e que arrecadam dinheiro mais do que suficiente para mudarmos algo a cada semestre. E pelo jeito, até os supervisores estão no meio... — olhei com desdém para os dois homens ao meu lado. — Com certeza os Vallen adorarão saber do que acontece nesse lugar!

— Como ousa? — Berta estourou, e minhas lágrimas evaporaram, e um sorriso presunçoso se abriu em meu rosto.

— Sempre dizem que o dinheiro vai para o seu benfeitor, não são eles? Os Vallen? A máfia? — indaguei, e ela engoliu em seco, claramente sem saber o que responder. — A sorte de vocês é que não me meto com essa gente, porque se o fizesse, estariam sem cabeça amanhã.

Levantei-me e peguei minha bolsa, já saindo em direção a porta. Foi no último segundo que algo me veio em mente e parei, olhando-os rapidamente.

— E para não deixarmos a tradição de lado... *Vão todos para o inferno!* Ou que um dia, os Vallen os mandem diretamente para lá!

Dei-lhes o dedo do meio, como se fosse uma adolescente e saí dali. Andando pelos corredores, e ainda vendo crianças brincando no pátio, senti meu coração apertar, e toda minha raiva se transformar em tristeza. Eu amava trabalhar ali, e a única coisa que me fazia brigar tão fervorosamente era que sabia que podíamos ser melhores. Poderíamos dar algo mais para todos.

Felizmente, eu não tinha mais nada ali, e com toda certeza, não deveria voltar no dia seguinte. Não existiam direitos trabalhistas, nunca soube o que era aquilo, apenas boatos do que um dia foram. Não existiam papéis para assinar da demissão, nem mesmo algo parecido. Aquela cidade estava na completa merda, e eu, depois de anos, encontrava-me desempregada.

A sorte deles era que minha raiva era grande, mas minha tristeza, era ainda maior. Pois se não, daria algum jeito de falar com algum membro dos Vallen. Eles eram o comando do país, basicamente como era dito nas ruas. Eles tornaram aquele país em algo habitável e menos deplorável do que era, e assim, controlavam todas as camadas do país. Ainda, evitavam guerras com países vizinhos. Eu não entendia muito daquilo, mas com o pouco que sabia, preferia me manter longe. A máfia era a ordem naquele país, e se era desafiada, existiam consequências.

Por mais que odiasse o que estava vivendo, não desejava o mesmo para os outros, mesmo estando tão errados.

Infelizmente, deixando os perversos como donos da educação da escola que sempre vi como um recomeço para os alunos, e uma segunda casa para mim.



05

“Veja nossas palavras

Virar pó

Como nos esquecemos

À medida que avançamos

Ainda eu recuso

Deixar você escapar.” [7]

KIRIAN

— Precisamos conversar melhor sobre isso, irmão. Vai entender que é preciso e que esse dinheiro que tenho é para nós.

— Elijah repetiu pela décima vez e neguei com a cabeça.

— Já fez demais, Elijah! — falei com pavor. — Eu preciso dar um jeito na vida e...

— Precisa aprender a ler e escrever primeiro. — Cortou-me rapidamente. — Pelo o que Gi me contou, você sempre quis aprender, e isso foi o que gerou mais problemas com... — Parou de falar e negou com a cabeça. — Apenas me deixe te ajudar mais um pouco. — Estendeu-me novamente a caixa de presente e acabei aceitando, sem saber como reagir de fato.

Dei um passo à frente, e toquei seu ombro. Nossa relação não poderia ser comparada a que construí com Cameron durante minha infância, contudo, notei ali que era tão forte quanto. Puxei-o para mim, e dei-lhe um leve abraço, da forma que conseguia.

Ainda não estava pronto para tocar e ser tocado abertamente, mas era mais do que esperava para o segundo dia fora do inferno.

Assim que Elijah me encarou, notei seus olhos marejados.

Ele era tão parecido comigo em alguns aspectos, que me assustava. A mesma forma de não esconder o que sentia ou guardar seus sentimentos. Aquelas foram fortes razões para que fosse castigado pelo nosso pai por anos e mais anos. Eu não era

frio e forte como ele queria, nem como o Clã necessitava.
Eu era um erro, palavras de Oliver Vallen.

Ali, vendo meu irmão sendo tão honesto com seus sentimentos, vi que eram padrões criados por um homem que não encarava a vida como nós. Até mesmo, como quase ninguém.

Estava tudo bem sentir, e se deixar sentir. Guardei aquelas palavras, as últimas que tive de minha mãe. Era naquilo que

me apeguei por anos e que levaria dali por diante. Uma das poucas partes do meu passado que deixaria intacta.

— Eu ainda não sei como aprender a ler e escrever. —

Admiti com vergonha, e Elijah sorriu com carinho, como se me entendesse. — Hoje é que dia?

— Dia vinte e oito de agosto, irmão.

— Então, já estou para completar trinta e três anos. —

comentei, afastando-me um pouco, e sentindo o peso daquilo. —

Sei que é vergonhoso.

— Vergonhoso é o que fizeram com você, Kirian! — falou com pesar e uma lágrima desceu por seu rosto. — Eu tenho a mínima noção do que lhe fizeram, do que nosso próprio pai, se é

que podemos chamá-lo assim, fez. *Isso é vergonha, irmão!*

Recomeçar não é.

— Como pode saber tudo isso com apenas vinte anos? —

indaguei incrédulo, e ele gargalhou baixo, e foi a primeira vez que me vi rindo para alguém depois de tanto tempo. — Obrigado por estar aqui.

— Cameron também estaria se pudesse. — falou e assenti, pois, conhecia como ninguém as normas do Vallen. — Mas ele tem seu número e com toda certeza, pode te ligar em algum momento. Ele só precisa...

— Que ninguém saiba. — Complementei e Elijah assentiu.

— Eu o conheço dessa forma, por telefone. Por mais que quisesse poder abraçá-lo como fiz contigo, sei que se descobrirem sobre nós... — ficou em silêncio e assenti, sabendo das claras consequências.

— Eu só quero que ele esteja bem. — Admiti, segurando com força a caixa que me entregou. — Obrigado, mais uma vez!

— Não precisa agradecer por nada, irmão. — Piscou um olho e se afastou, fazendo-me lembrar no mesmo instante da vizinha que conheci. — Eu preciso voltar para o trabalho, mas volto mais tarde.

— Não...

— Temos muito o que conversar, lembra? — brincou e me deu um leve aceno, enquanto caminhava para seu carro.

Fiquei ali parado por alguns segundos, vendo-o sair e imaginei como seria ter tal liberdade. Eu mal sabia escrever e ler, e já me via dirigindo. De algum jeito esquisito, ainda tinha ambições. Ao menos, algumas que poderia alcançar um dia.

— *Merda!*

Paralisei diante do grito e deixei a caixa sobre a cadeira na frente da casa, tentando ver pela cerca viva se algo tinha acontecido do outro lado. Como não consegui enxergar nada, e os gritos continuaram, com vários palavrões, corri para a frente da casa de minha vizinha e assustei-me ao vê-la caída na grama, a frente dos primeiros degraus que davam para a porta. A fachada de sua casa era muito parecida com a que estava, quase idênticas. Não saberia

dizer porquê, mas eu fui. Fui até ela, e como não sabia ao certo o que fazer, obriguei-me a dizer algo.

— Está tudo bem? — perguntei, lembrando de que como fui criado a princípio e que aquilo demonstrava pouco da preocupação que sentia ao vê-la caída.

Seus olhos castanhos pararam nos meus, e assim que me encarou, desabou em um choro alto. Eu queria tocá-la e a tirar dali, mas não consegui. Então, vendo que se sentou melhor, mudando da posição de queda sobre as pernas, sentei-me a uma distância segura dela.

Ela continuou a chorar, mas não me pediu para sair. Então, entendendo que ela poderia ser muito parecida com Cameron, fiquei ali. Era o que fazia quando éramos muito pequenos, se ele se machucava, e como era negado a nós ajuda física, eu ficava ao seu lado, como um pilar.

Pela primeira vez, eu estava ali por outra pessoa.

Permaneci ali por Cali.

Os segundos se tornaram minutos e percebi o quão frágil ela estava. Queria saber dizer algo para melhorar seu momento, assim como Kirian fez comigo por um longo tempo, ao menos, quando cuidou de mim em Viamar. Foram os únicos anos relativamente bons que tive naquele lugar. Por aquilo, escolhi

carregar o nome daquele homem. Porque graças a ele, eu estava vivo.

— Eu não sou bom com palavras, mas... — respirei fundo e tentei encontrar algo para complementar, mas nada me veio. Ela poderia ter passado por tantas situações diferentes e de níveis ruins, que fiquei ainda mais perdido.

— Não precisa dizer nada. — falou, entre um soluço e outro, parecendo começar a se acalmar. Ela respirou profundamente, limpando grosseiramente a face, como se brava consigo mesma por chorar. — Acho que todo mundo desaba de vez em quando...

Naquilo poderia concordar, então, assenti para ela.

— O bizarro é estar desabada ao lado do meu novo vizinho que mal conheço. — Confessou, e quando a encarei, notei um sorriso tímido em seu rosto. Como se ela estivesse focando em melhorar. — *Desculpe por isso!* É que não sei não gritar todos os palavrões possíveis quando estou no limite, e assim que passo do limite, o choro vem. Pode me considerar um furacão com tempestade se quiser.

Sorri sem dentes, pois era a única resposta que tinha. Não sabia o que significava ser um furacão com tempestade, e sentime um completo estúpido a sua frente. Tentei pensar no que Elijah falou minutos antes, ainda assim, senti-me mal. Era complicado não conseguir entender tudo, ou até mesmo, entender quase nada.

— Acho que vou te chamar de *caladão*. — comentou e acabei sorrindo de verdade, diante da forma como ela era sincera.

Temia pessoas que usavam máscaras diante de si. E sem saber porque, Cali não se parecia com nenhuma delas. Surpreendia-me o fato de me sentir tranquilo perto dela. — Então, eu vou entrar...

Antes que passe a noite toda lamentando como boa canceriana que sou.

Encarei-a ainda mais sem jeito, pois não entendia o que ela era. Contudo, assim que se levantou, fiz o mesmo. Ela sorriu

em minha direção, e deu um leve aceno com a cabeça, enquanto adentrava sua casa. Assim que me movi para ir para minha, ouvia me chamar.

— E Kirian! — virei-me e a encarei. — Obrigada... de coração.

Assenti, e assim que passei para o outro lado da cerca viva, senti-me parte de algo. Pela primeira vez em anos, eu tinha ajudado alguém, e não machucado. Aquilo significava mais do que poderia colocar em palavras, por mais bonitas que fossem.



06

“Eu passei pela porta ao seu lado

O ar estava frio, mas algo sobre isso

Me fez sentir em casa.” [\[8\]](#)

CALI

Desabar por completo na frente do meu novo vizinho gato

- *feito!*

Com aquele pensamento, encarei meu rosto no espelho, e notei o quanto parecia acabada. Meu rímel borrou o resto da maquiagem, e eu estava marcada por manchas pretas pelo rosto.

Abri a torneira da pia e passei água no rosto, já que a vontade de fazer alguma rotina para cuidados com a pele, tinha ido embora.

Sentia-me exausta após ser demitida.

Existiam tantas perguntas depois daquilo, que sequer sabia por onde começar a tentar responde-las.

Primeira: como conseguiria outro emprego?

Segunda: como ia ter dinheiro no próximo mês?

Terceira: como ia conseguir ficar sem poder trabalhar no que tanto amava?

Quarta: como não sentir saudades dos alunos?

— Merda de dia! — bradei, pegando a toalha lilás e passando por meu rosto. Estava tão fora de meu contexto habitual, que sequer me importei de sujá-la com o resto de maquiagem.

Assim que olhei para o reflexo novamente, soube que precisava tomar um ar. No meu rosto estava óbvia a minha aflição. E só existiam duas coisas que me ajudavam a esquecer um pouco do mundo: respirar ar puro ou comer. Como a segunda opção não me parecia tão boa no momento, resolvi apenas

colocar um pijama mais leve e chinelos, e assim sentar-me na varanda.

No fundo não sabia se torcia ou não para rever Kirian. Nem conseguia entender como aquele cara simplesmente estava em minha mente, em meio a tantos problemas que não faziam jus a sua presença. Ele parecia ser uma boa pessoa, ao menos, agiu como uma. O que poderia ser a grande razão. Junto ao fato de ser um dos caras mais lindos que já coloquei os olhos.

Ao contrário de mim, ele tinha os cabelos longos e ondulados na cor castanho-escuro, olhos claros e a pele clara.

Além de ter um abdome para se invejar. Uma aura de mau estava nele, mas não de forma ruim. Como se fosse um homem fechado ou misterioso. Não saberia definir. Porém, após vê-lo se importar comigo, uma desconhecida, resolvi apenas deixar de lado qualquer observação prévia.

As pessoas eram o que eram, não o que colocava na cabeça. Portanto, Kirian permaneceria como um mistério bonito, mas interessante por ser gentil. Era tudo o que sabia.

Sentei-me na cadeira velha, mas ainda confortável, e fiquei ali, encarando o nada em minha rua. Era um lugar calmo e seguro, porém, custava um considerável preço de aluguel.

Apenas realizei o sonho de sair da zona mais perigosa da cidade para ali, por conta do trabalho como professora. Não que ganhasse rios de dinheiro, mas era o suficiente para poder viver em um lugar como aquele e ainda, ter uma vida melhor.

Agora, indagava-me de como faria para pagar as contas e esquecer o fato de que certamente estavam roubando dinheiro para seus próprios bolsos naquela escola. Queria ser maluca o suficiente para ir falar com membros dos Vallen, e fazer uma confissão.

Geralmente, era assim que se fazia quando queria contar sobre alguém que mentia sobre o Clã ou tramava contra ele. Pelo pouco que sabia, eles tinham um lema claro sobre lealdade.

Nunca quis entender de fato como aquilo funcionava. Vi muitas pessoas ao meu redor, quando mais nova, entrar para o Clã, até mesmo, vi as mesmas morrerem em nome dele.

Sabia que era muito mais complicado e incerto do que a visão simplista que tinha. Contudo, sabendo do perigo e dos conflitos que o Clã tinha, manter-me quieta era a única opção. Já tinha perdido muita coisa, mas não colocado minha vida em risco, então... Não faria uma *confissão* a eles.

Um carro parou a frente da casa de meu vizinho, e minha mente se focou ali, assim como meu olhar. Em vez de pensar em problemas, agora pensava sobre a vida dos outros. Às vezes era mais fácil assim. Um homem de terno saiu do carro e trazia consigo uma sacola enorme. Fiquei ali, como bela vizinha fofoqueira, mas que no máximo fofocaria com meu subconsciente.

De repente, o olhar do homem se virou para mim e ele abriu um sorriso. Surpreendendo-me, mudou de direção e veio à minha casa, e eu fiquei ali, apenas sentada, assistindo aquela maluquice. *Ele não era um dos meus ex malucos que descobriu onde morava?*

Olhei-o melhor, para ter a certeza de que não, e não correr para dentro e pegar uma faca. Felizmente, assim que consegui analisá-lo, soube que não o era. Porém, infelizmente, não tinha ideia de quem era a pessoa parada ali, no meu jardim.

— Posso ajudar você? — perguntei, e me levantei, descendo da varanda e ficando a poucos passos dele. O homem que agora notei ter os olhos claros, sorriu levemente e o encarei sem entender.

— Boa noite! — comentou e o encarei sem entender que caminho aquilo tomava. — Desculpe incomodar a essa hora, é

que sou o antigo morador da casa ao lado. Talvez se lembre de mim um pouco... Quer dizer, eu era bem menor e menos falante.

Coloquei minha mente para funcionar e assim que lembrei do adolescente magro e cheio de espinhas que cantava rock muito alto em todas as tardes, fiquei estática.

— Elijah? — indaguei e encarei o homem enorme a minha frente. — *Mentira!* — exclamei completamente surpresa. — A última vez que te vi, você devia ter uns quinze anos ou menos!

— Sim, sou eu! — sorriu e ali soube porque me era tão familiar. — Estou um pouco maior, mas nada *demais*. — Para mim, estava completamente diferente. Postura ereta, cabelo bem cortado, um terno sob medida... Além de não conseguir ver nele o mesmo adolescente de antes. Elijah tinha se tornado um homem.

— Como você está, Cali? Ainda leciona?

Sorri para ele, e me aproximei.

— Bom, tecnicamente não. — Tentei não parecer cabisbaixa ao dizer. Contudo, sentia muita raiva. — Fui demitida hoje.

— O que? Mas por que? — perguntou parecendo incrédulo. Bom, parte de mim estava daquela maneira também.

— Você me conhece um pouco, sou uma pessoa sincera demais para trabalhar em um lugar tão mentiroso. — Confessei e ele me encarou com tristeza. — Mas enfim, o que te traz aqui?

Bora falar de coisa boa!

Elijah pareceu pensar em algo por alguns segundos e de repente, um sorriso enorme se abriu em seu rosto.

— Já pensou em dar aulas particulares? — indagou de repente, e o encarei sem entender. — Apenas para uma pessoa.

— Complementou e eu dei de ombros.

— Nunca tive a oportunidade. — Fui sincera. — Por que?

— indaguei curiosa. No fundo, torcendo para que o universo estivesse me dando algum empurrãozinho para conseguir continuar trabalhando com o que amava.

— Bom, eu te tenho uma proposta. — Era como se o universo mandasse o sinal, e fiquei em choque. Não esperava uma resposta tão cedo.

— Como assim?

— Meu irmão precisa aprender a ler e escrever, acredito que ele não se recorde do pouco que um dia aprendeu... —

suspirou fundo, parecendo pensar em algo mais profundo.
— Eu não consigo imaginar alguém melhor que você para isso!

Naquele momento fiquei tão animada com a ideia que me esqueci completamente do fato de que nunca tinha visto o irmão de Elijah. Sequer sabia que ele tinha um. Lembrava-me apenas de Gianna, sua mãe.

— Eu tô dentro! — falei, e levantei as mãos aos céus.

Obrigada, universo! — Tudo o que precisava hoje era uma notícia boa com um emprego a tiracolo. É perfeito, Elijah!

— Bom, pode conhecê-lo agora? — perguntou e assenti de imediato. Sequer precisava pensar muito. Precisava do emprego e ganhar dinheiro. — Só acho que ele precisa gostar de você, não que isso seja difícil de acontecer. Aí, podemos discutir como será o pagamento, os dias de aulas e tudo mais.

— Claro, sem problema! Já estava feliz por te ver, mas com essa notícia, tô me segurando para não pular de felicidade.
—

falei sincera e ele gargalhou.

— Cali sendo Cali! — brincou e sorri, vendo que algumas coisas se ajeitavam tão de repente, que nem conseguia acreditar.

— Vamos lá!

Chamou-me e o segui, em direção a casa de meu vizinho.

Fiquei ali me indagando o que Kirian seria para Elijah, se ele morava com seu irmão. Minha mente voou um pouco para

longe, mas assim que Elijah bateu na porta da casa, e em alguns segundos ela se abriu, a visão de Kirian me trouxe novamente para o lugar.

Eu só não estava preparada para o que viria a seguir.

— Ei, Kirian! — Elijah falou e eu fiquei ali, apenas perdida diante do olhar claro e lindo do homem a minha frente.

O que eu poderia dizer?

E aí vizinho, como vai à noite após sentar ao lado da sua vizinha chorona?

— Essa é a Cali! — Elijah falou, e eu tentei até corrigir que já conhecia Kirian, mas ele foi mais rápido. — Cali, esse é Kirian, meu irmão, do qual falei agora há pouco.

Ali, paralisei e fiquei perplexa diante de Kirian.

Eu acabava de conhecer meu mais novo aluno.



07

“Alguém deixou eu me sentindo vazia

E alguém me rasgou nas costuras

Mas você está trazendo de volta

Todos os meus sentimentos.” [9]

KIRIAN

— Achou que seriam férias, traidor? — a indagação veio de longe, mas era como se pudesse sentir a presença ao meu lado.

De repente, apenas senti meu cabelo sendo puxado, e meu rosto sendo batido diretamente no chão. Sangue saiu de minha boca e minha cabeça explodiu de dor. Era o primeiro dia naquele lugar que finalmente entendi o que era.

— Eu... — tentei falar, mas um chute em meu rosto, fez com que tudo ficasse preto e minha cabeça doesse ainda mais, se fosse possível.

Senti meu corpo desligar, e entendi que desmaiaria ali mesmo. No chão negro que mal reconhecia, e que vi refletido um simples raio solar. Porém, o baque da água gelada no rosto me fez despertar.

Um rosto se posicionou sobre o meu e riu, cuspiendo na minha cara em seguida.

— Bem-vindo ao inferno, fraco!

Tentei levar minhas mãos ao rosto, tentando me proteger, mas foi em vão. O soco veio direto em meu estômago.

Senti o impacto, e de repente, meus olhos se abriram.

Puxei o ar com força e olhei ao redor. Já era noite e estava escuro, porém, eu não estava mais naquele lugar.

Estou seguro! repeti pela centésima vez naquele dia.

Estava sentado em uma cama macia, em um quarto com cara de lar, e senti o suor escorrer de minha pele. Coloquei os pés para fora da cama, e respirei profundamente várias vezes seguidas. Antes de pensar mais, levantei e fui em direção ao banheiro. Não consegui acender as luzes, apenas precisava de água, para me limpar daquele pesadelo. Para tentar começar a me limpar daquele passado.

Eu tinha apenas doze anos quando tudo começou, e aos trinta e dois, ele acabou. *Acabou!* Não sabia ao certo até quando seria possível, por isso, aproveitaria ao máximo a segunda chance que ganhei da vida – de Cameron.

Saber que Oliver Vallen estava morto era a melhor notícia da minha vida. Porém, sabia o peso que meu sangue carregava, por mais que não fosse mais um Vallen nos documentos. Sabia quem era. E muitos poderiam o saber também, por mais que tenha sido declarado como morto e Cameron tenha sido cuidadoso. O Clã sempre teve inimigos, e eles poderiam destruir minha vida o tanto quanto o meu próprio pai o fez.

Abri a ducha e me sentei no chão, deixando a água descer por mim, sobre a própria roupa que usava. Não conseguia pensar em nada, ali apenas buscava um pouco de paz. A água quente

me remetia a dias ensolarados e poucos momentos bons na infância. Lembrava-me de minha mãe e Cameron, e de como ficávamos no chuveiro por um longo período brincando. Era o único momento permitido para tal coisa. A qual, Oliver não tinha ideia.

Suspirei fundo e me levantei aos poucos, quando comecei a me acalmar. Desliguei a ducha, e retirei as roupas com

cuidado, sabendo que precisava dar um jeito naquela bagunça. Meus irmãos me cederam uma vida nova, e eu não podia simplesmente estragar o que me era dado. Pendurei as roupas sobre o box, e puxei uma toalha pendurada em um gancho ao lado, passei-a por meu corpo, e fui até a pia, sendo guiado pelo tato, e a pouca luz que adentrava pela janela do banheiro.

Liguei o interruptor e meu reflexo veio em seguida, como uma lembrança de quem era. Estava bem melhor do que em muitos anos, e sabia daquilo. Tudo se devia ao fato de que o verdadeiro Kirian me ajudou. Ele foi meu supervisor de Viamar por alguns anos, e assim, mudou por completo a minha vida na cela isolada de tudo e de todos. Onde, na realidade, os antigos supervisores me castigavam dia e noite, com surras e mais surras.

Ainda, mais tarde descobri através de Kirian, que era o único na *ala do escuro*, a qual era impossível de ser acessada por alguém que o Clã não queira que o faça. A ala escura era conhecida por ser destinada a traidores. O que trazia mais sentido para os espancamentos diários que recebi antes de Kirian aparecer, e que voltaram depois que ele se foi.

Os outros supervisores nunca citaram meu nome verdadeiro, e apenas me chamavam de traidor, aquilo era o bastante para que me espancassem. Pelo jeito, meu pai me considerava um. Nunca entenderia o porquê.

Olhei ao redor do banheiro e notei, novamente, que Elijah realmente deixou tudo preparado para me receber, além do necessário. Existiam produtos para todos os lados. Assim como ele me mostrou antes. Resolvi tomar um banho e assim, tirar de mim, a lembrança de banhos frios com mangueiras e praticamente uma grama de sabonete.

Enquanto tomava, fechei os olhos e agradei. Era tudo o que sabia fazer desde o momento em que saí de Viamar, e encontrei meu irmão caçula do lado de fora. Não saberia explicar porque, mas de repente, olhos castanhos e cabelos verdes me vieram em mente. Realmente, não tinha ideia.

Talvez por reconhecer a fragilidade em seu olhar, ou me encontrar na forma como suas lágrimas saíram livremente. Fazia muito tempo que não interagia com alguém completamente desconhecido, e me sentia bem, mas com ela, parecia natural.

Assim que desci as escadas, parei no sofá e peguei o celular novamente, tentando entender como mexer no mesmo.

Por mais que clicasse em uma imagem específica, abria sempre a câmera. Não conseguia entender o que tanto errava. Porém, como não conseguia ler o que estava ali, e o que cada coisa era, me guiava pelo o que meu irmão chamou de ícones. Suspirei fundo, ao encarar meu próprio rosto na câmera, sem saber como fiz tal coisa. Parecia tão diferente de como a vida era antes de ser preso. Vinte anos eram muita coisa para se perder do mundo.

Batidas na porta me chamaram atenção e deixei o celular de lado. Lembrei-me que Elijah viria jantar comigo, segundo ele,

precisava me ensinar a mexer no celular. E realmente, precisava muito. Além de que, não tinha ideia de como cozinhar, e teria que pedir-lhe alguma instrução.

Assim que abri a porta, meus olhos pararam nos castanhos de Cali. Fiquei preso neles por alguns segundos, sem conseguir me soltar. Ela parecia melhor e bem mais calma,

mas seus olhos tinham um brilho que não sabia explicar ou o que significava.

Contudo, acabei abrindo um sorriso. Foi tamanha a surpresa de poder simplesmente estar olhando para ela, uma completa desconhecida, mas que de alguma forma, fazia-me sentir bem.

— Ei, Kirian! — Elijah falou e voltei meu olhar para ele, olhando-o com atenção. — Essa é a Cali! — apresentou-nos. —

Cali, esse é Kirian, meu irmão, do qual falei agora há pouco.

Fiquei ali sem entender nada, principalmente, sobre o que eles tinham falado sobre mim. Contudo, abri a porta, para deixá-los entrar. Quando Cali passou por mim, não consegui não seguir o seu olhar, que permaneceu no meu. Aquela era a maior surpresa da minha noite. Gostar tanto de estar perto de alguém que acabei de conhecer.



08

“Você deveria saber das consequências

Do seu poder magnético

[Ser um pouco forte demais”\[10\]](#)

CALI

Era uma das primeiras vezes da minha vida que me sentia tão exposta ao olhar de alguém. Não sabia explicar o porquê, mas talvez, a forma como Kirian me olhava, mostrava muito mais sobre mim, do que a respeito dele, o que me deixava completamente perdida.

A beleza dele também me atordoava, e o fato de os cabelos longos ondulados estarem molhados, fez-me colocar-nos em momentos que não deveria estar pensando sobre. Xinguei-me mentalmente, tentando focar no andar de Elijah, que parecia tão confortável, que me deixava ainda mais pensativa do porquê de repente, parecia tão dispersa da realidade.

— A gente se conheceu mais cedo. — falei, e Elijah me encarou, enquanto me indicava um lugar para sentar no sofá.

Kirian permaneceu em pé, a frente de nós, mas não ousei olhá-lo. Estava me assustando com o fato de que aquele homem parecia despertar algo diferente em mim. Diferente da gentileza que encontrei mais cedo.

— Fico feliz por isso. — Elijah parecia genuinamente feliz e o encarei curiosa. — Faz pouco tempo que tive contato com Kirian... — explicou e assenti, sabendo que não precisava de todos os detalhes sobre a vida dos dois. *Eu apenas precisava do emprego, certo?* — Bom, eu falei com Cali sobre aulas, irmão.

Foi naquele momento que tive que olhar para Kirian, e fiquei mais uma vez imersa em seu semblante. Ele era assustadoramente bonito, e a cada vez que o encarava, parecia que ficava mais.

Comecei a entender a aura de mau sobre ele. Parecia na verdade, algo que o deixava ainda mais sexy, e aquilo, era um perigo para mim. De todos os interesses que tive em homens, cem por cento, caí por alguns que não valiam absolutamente nada. Nem mesmo a fama de *bad boy*.

Foco, Cali!

— Sou professora de línguas e história. — Intervi, notando que Kirian parecia não estar entendendo. — Fui demitida hoje do meu emprego, e por isso, me viu chorando daquela forma. —

expliquei, e ele me encarou profundamente, como se finalmente me entendesse por completo. Assentiu e notei um pequeno sorriso por trás dos lábios fechados.

— Sabe o que penso, Elijah. — comentou, a voz baixa e controlada em direção ao irmão. *Meu Deus, até a voz dele era malditamente boa de se ouvir!* — Eu preciso de um emprego antes de tudo isso.

— Seu emprego está garantido, irmão. Só precisa fazer o que sempre quis por agora... — vi o mais novo ir até Kirian e tocar seu ombro. Os dois se encararam, e notei a leve semelhança entre eles. — Apenas dê uma chance para as aulas e depois, caso não goste, podemos pensar em outra coisa.

— Moro aqui do lado, como sabe. — Tentei ajudar. — Acho que pode ser ainda mais fácil para te ensinar e para você aprender, ainda mais, que pode ser feito na sua casa, ou

onde se sinta confortável. — Sugerir e me calei no segundo seguinte. Tinha momentos que não guardava a língua na boca e aquele era claramente um.

Kirian ficou em silêncio e me senti uma completa intrusa.

Não que eles pareciam me excluir, mas pelo simples fato de que estava adentrando a vida daquele homem, que chutaria ter uns trinta anos, e não sabia os reais motivos de ele não saber ler e escrever. Não que aquilo tivesse que me importar ou fosse da minha conta.

Na realidade, Tinha que surtar de felicidade apenas por ter um emprego, caso ele aceitasse. Contudo, uma parte de mim, parecia genuinamente interessada em enxergar a essência dele.

E quem sabe, sua história de vida.

— Tudo bem. — Ele falou baixo, parecendo vencido, e sem entender ou conseguir me segurar, acabei sorrindo.

Seu olhar veio ao meu, e ele deu alguns passos em minha direção, esticando a mão. Olhei-o com carinho e não saberia explicar como me sentia tão *bem* perto dele. Assim que aceitei

sua mão e a apertei, foi como se Elijah e todo o resto tivessem sido desligados ou colocados no mudo. Éramos apenas eu e Kirian.

Agora sim, comecei a me assustar.

— Bom, eu acho que podemos conversar sobre os detalhes durante o jantar. — Elijah falou e Kirian se afastou no mesmo instante.

Fiquei ali, parada e perdida por alguns segundos, tentando me recuperar daquela intensidade . *Eu realmente precisava parar de ler livros de romance.*

— O que acham? — Elijah insistiu, e notei que ele tentava me incluir e pedir permissão de Kirian ao mesmo tempo.

Também entendia por completo sua busca por permissão.

Se eles se conheciam há pouco tempo e Elijah trazia uma estranha para dentro da casa, nada mais justo do que Kirian estar de acordo.

— Eu não sei cozinhar. — Kirian comentou baixo, mas foi audível para mim. Senti meu coração se apertar, ao mesmo tempo que aquecer, e não soube, mais uma vez, o que *diabos* me acontecia.

— O lado bom de trazer comida pronta, irmão. — Elijah falou e pegou a sacola enorme de papelão ao lado do sofá. —

Mas prometo que te ensino algumas coisas ainda hoje.

— Obrigado, Elijah.

O tom de Kirian era tão profundo, que fiquei pasma ao imaginar o quanto aquele homem enorme não sabia da vida. Algo me alertava que ele era tão inocente que não sabia o básico, e outro me sugeria que ele conhecia o mal de formas incompreensíveis.

Estava na hora de parar de assistir documentários policiais.

— Eu agradeço o convite Elijah, mas... — tentei encontrar uma justificativa, mas o olhar de Kirian me consumiu, e se pudesse lê-lo, juraria que pedia para que ficasse. Eu estava enlouquecendo, era a realidade.

— Sem desculpas para não aceitar, certo? — Elijah alfinetou e foi impossível não sorrir.

Bati levemente em seu ombro e ele também sorriu. De repente, o olhar de Kirian mudou sobre mim, e fiquei sem entender nada. Não que já tivesse o feito em algum momento depois que adentrei aquela casa.

— Eu apenas preciso descansar um pouco depois dessa avalanche de coisas que aconteceram. — falei, e não era uma mentira completa.

Se fosse honesta, apenas diria que Kirian me intimidava, não por ele, mas sim, pela forma como me fazia sentir. Sentia-me tão à vontade que me assustava. E não era uma pessoa de temer algo ou alguém.

— Entendo.

— Então, pode me ligar para acertamos tudo e... Bom, posso começar amanhã, se quiser. — Naquele momento, encarei Kirian, que apenas assentiu, mas parecia completamente distante dali. — *Bom, já vou!* Um bom jantar para vocês, meninos.

— Boa noite, Cali! — Elijah me deu um leve abraço, como pode, enquanto segurava a sacola. Beije seu rosto e me afastei.

Virei-me para Kirian, e vi que seguiu em direção a porta da saída.

Assim que ele a abriu, ficamos nos encarando e não soube o que dizer ou fazer. Finalmente entendi - ele me desestabilizava.

Para uma pessoa maluca, aquilo não era novidade. A diferença era na forma como ele o fazia. Ele não precisava fazer absolutamente *nada* - apenas me olhar.

— Boa noite, caladão. — falei, sorrindo e estiquei minha mão novamente, sabendo que aquele era um movimento seguro.

Ao menos, para os meus pensamentos nada decentes e autoexplicativos.

Ele a apertou levemente, e estávamos próximos, o que deixava minha mão próxima a seu peito, não a ponto de tocá-lo, mas com certeza, de desejar ainda mais fazê-lo. Eu precisava sair dali, imediatamente.

— Boa noite, Cali.

Saí, e sabia que deixava para trás um homem que queria realmente conhecer. Assim que o encarei sobre o ombro, vi que permaneceu na porta, olhando-me. Talvez fosse a prova de que não estava enlouquecendo sozinha. Ao menos, torcia para que não.



09

“Combate, estou pronta para o combate

Eu digo que não quero isso, mas e se eu quiser?

Porque a crueldade vence no cinema

[Eu tenho cem discursos que eu quase disse para você”\[11\]](#)

KIRIAN

— Eu acho que não devia perguntar algo assim, mas... —

finalmente fechei a porta, e voltei meu olhar para Elijah. Minha mente ainda se perdia diretamente na mulher de cabelos verdes que seguiu para sua casa. Não entendia nada do que acontecia

comigo. — Teve contato com mulheres durante esses anos, Kirian?

Assenti, sem saber ao certo como responder sobre.

— Cameron me contou por cima sobre isso. — falou e seguiu-o em direção a cozinha. Enquanto ele tirava coisas da sacola, fiquei encostado contra a parede, apenas ouvindo.

—

Disseram que nunca tocou em nenhuma mulher lá.

— Não acho que fui criado para isso, Elijah. — comentei, e abaixei a cabeça. — Oliver falou sobre sexo conosco desde que completamos dez anos, e nossa mãe fez o mesmo. Sempre fui a favor da forma que ela me ensinou que isso deve ser.

— Fico feliz em ouvir isso, de verdade. — Ele parecia mais relaxado e sorriu. — Tive medo que o que viveu tivesse te traumatizado ou... Não sei, irmão. Como disse, não tenho mais que um por cento de noção de como tudo foi com você. Eu tive uma vida normal, como te contei, então...

— Eu não quero pensar no que passei, Elijah. Lembro do conselho que mamãe sempre nos dava, todos os dias: *vivam a vida à sua maneira*. Não pude fazer isso antes, mas vou fazer

agora. Posso ainda ser burro em muitas coisas, mas vou aprender e...

— Não é burro, irmão. — Cortou-me rapidamente, e acabei sorrindo.

Por mais que não tivéssemos nos conhecido antes, Elijah era claramente meu irmão. O que me remetia e relembrava o fato de que queria Cameron conosco. O que era impossível, se desejávamos ter uma vida normal e esquecer nosso sangue.

— Cam vai te ligar, acredito que ainda hoje. — Assenti e ele arrumou todo nosso jantar em alguns segundos. Olhei para a comida e fiquei surpreso, ao me lembrar que era a minha favorita.

— Ele me contou sobre isso. — Apontou para o bife à parmegiana e acabei sorrindo, em gratidão.

— Eu nunca vou parar de agradecer, Elijah.

— Por mais que não precise, vou ficar feliz apenas por poder ouvir isso, irmão. — falou, e parou de repente, como se lembrando de algo. — Sei que não estranha a forma como te trato ou falo, mas se tiver alguma dúvida, saiba que

sempre foi um sonho meu - ter irmãos. Algo dentro de mim sempre gritava sobre isso, e quando Gi me contou de onde vinha e que realmente tinha

irmãos... Foi um pesadelo por um lado, e um sonho se realizando por outro. Então, se eu estiver ultrapassando algum limite ou adiantando as coisas, por favor, só me dizer. Não vou ficar chateado ou...

Fui até ele e toquei seu ombro, um gesto que acabou se tornando nosso, em tão pouco tempo. Encarei-o, e o puxei para mim, abraçando-o. Era o meu jeito de dizer que estava tudo bem e que ele estava fazendo tudo *mais* do que bem. Se um dia imaginei uma vida longe do inferno, ela nunca seria tão bonita quanto ele estava a fazendo ser.

Elijah era meu irmão, e apenas aquilo importava.

Um barulho soou no ambiente, e me afastei, encarando Elijah, que pareceu sem entender por alguns instantes.

— Seu celular! — falou após franzir o cenho, e assenti, indo até a sala, e pegando o aparelho.

Voltei até a cozinha e mostrei para ele, enquanto sentia o aparelho vibrar.

— Para atender sempre clica nesse aqui, o verde. — falou e apontou para onde era. — Para não atender, só clicar nesse. —

Indicou e o encarei ainda confuso. — Tem alguém te ligando.

— Cameron? — indaguei, e ele deu de ombros.

— Só atendendo para saber.

— Certo. — falei e cliquei no verde, levando o celular a orelha, como Elijah me ensinou mais cedo. Talvez eu finalmente estivesse aprendendo algo de fato.

— Alô! — a voz do outro lado da linha era irreconhecível, e fiquei apenas parado, sem saber o que dizer. — Kirian?

— Quem é? — indaguei, sem saber ao certo o que fazer.

— Cameron. — Paralisei diante daquela fala e fiquei em choque. Já completavam vinte anos que sequer o ouvia. — Eu...

Não sei nem o que dizer.

— Nem eu. — Fui honesto, sentindo o peso de cada palavra que vinha dele.

— Espera, eu... — ouvi um barulho ao fundo, como se de um carro sendo desligado, mas não sabia ao certo o que era. —

Peça para Elijah abrir a porta dos fundos, por favor.

Virei-me para Elijah e disse o que ele pediu. O mais novo arregalou os olhos e fiquei sem entender absolutamente nada.

— Cam? — indaguei para o aparelho, e não obtive resposta.

Encarei o celular e no segundo seguinte, quando olhei para a entrada da cozinha, fiquei paralisado. Um homem com um celular na mão e lágrimas nos olhos me encarava. Por mais que fizessem vinte anos, eu sabia que era Cameron. A forma como me encarou e a forma como os braços estavam abertos. Ele veio até mim, e apenas o aceitei.

— Eu só tenho pouco tempo, mas...

Foi tudo o que consegui ouvir, enquanto meu irmão chorava o tanto quanto eu o fazia. Fechei os olhos, sabendo que finalmente algo dentro de mim estava completo novamente. Nem que por apenas alguns minutos.

— Algo te deixa desconfortável aqui? — Cameron perguntou assim que nos acalmamos e estava sentado no sofá.

—Eu estou bem, eu só... Não sei como Oliver não chegou até Elijah, e não sei como, alguém conseguirá não chegar até

mim. — Confessei, e notei o olhar despreocupado de meu irmão.

— Eu tomo todos os cuidados a respeito de você, irmão.

Todos possíveis. E isso inclui não existir mais ninguém que siga Oliver. Ou estão no meu lado no Clã Vallen, ou não existem.

Ali, notei a clara força que ele tinha na voz e como se portava. Cameron não era mais o mesmo. De toda forma, eu não podia julgá-lo, pois também não o era. Apenas torcia para que não se tornasse como Oliver. Acreditava fielmente que aquilo não era possível.

— Eu apenas contei a ele a minha história, e que a casa pertencia a nossa mãe. — Elijah se pronunciou, encostado contra a parede a minha esquerda. — Não sei tocar em assuntos que envolvem diretamente o Clã e a máfia.

Cameron assentiu, e me encarou no segundo seguinte.

— Ainda sei muito pouco de como nossa mãe chegou em um acordo com Oliver sobre Elijah ter uma vida comum. O fato é que ela chegou a algum, porque se ele quisesse apenas tirar mais um filho do caminho, ele repetiria o mesmo que fez com você, irmão. — falou com pesar e compartilhava do mesmo sentimento.

Sabia que era a mais pura realidade. Para ele, jogar mais um filho

em Viamar, se é que chegou algum dia a nos considerar assim, não lhe custaria muito. — Mas sabemos que não teria como nossa mãe esconder uma propriedade dele, já que controlava tudo ao redor, ainda mais, ela era a última da família Tenzi. O que tenho absoluta certeza é que ela jogou alto com Oliver e ganhou, mas vou levar tempo para conseguir descobrir. Porém, a temos uma lista grande de sobrenomes, nomes e até mesmo identidades, das quais temos alguma desconfiança ou conflito, ou até mesmo, que já passou. Essa casa aqui não está inclusa em nenhuma. Estou analisando todos os papéis guardados e dados que temos, não há nada sobre aqui.

— Não está no nome de nossa mãe? — indaguei, sem conseguir entender mais nada.

— Se estivesse, com toda certeza, estaria em algumas das listas. Antes de pedir para que Elijah te trouxesse para cá, eu tive um bom tempo analisando tudo, dado a dado... A casa está no nome de Gianna Cezar, uma mulher completamente comum. Sei que apenas uma pessoa pode ter arquitetado isso tão bem, a ponto de nunca estar nos dados, e ainda, Gianna, nossa antiga babá, sair ilesa do Clã, com Elijah a tiracolo. Apenas Oliver poderia ter feito isso.

— Gianna nunca disse nada? — indaguei, e me virei em direção a Elijah, que negou com a cabeça.

— Como te disse antes, ela apenas me contou o básico de onde vinha e quem realmente era, mas se negou a contar mais.

Ela fez um juramento para nossa mãe e a honra até hoje. Não tem como conseguirmos informações com ela.

— E Oliver? Ele nunca comentou nada? — perguntei, voltando meu olhar para Cameron.

— *O caçula dos Vallen morreu no parto, junto a Felícia Tenzi.*

— Cameron disse simplesmente, como se repetindo o que foi dito no passado. Levei as mãos aos cabelos, ficando completamente descrente. Aquela parte eu sabia, Elijah me contou por cima, depois, focou em como foi sua vida. — Oliver nunca citou o nome dela, de Elijah ou de você, irmão. Ao menos, nunca para mim.

— Acho que assim que ele escolheu seu herdeiro, ele não precisou de mais nada para se reafirmar no poder. — Sugeri, lembrando-me de como Oliver era calculista e centrado.

— Felizmente morreu e mal sabe que escolheu o filho que vai apagar o nome dele de uma vez da história. — A voz de

Cameron soava como um decreto, e notei seu olhar longe dali.

Ele parecia convicto daquilo. Pelo meu lado, não tinha porque ir contra ele.

— Eu só queria que nenhum de nós tivesse que ter alguma ligação com... — Suspirei fundo, e Cam assentiu, sorrindo levemente. — Com tudo isso.

— Cada um tem uma história, irmão. — Deu de ombros, mas eu sabia o quanto ele carregava o fardo que deveria ser meu. Nunca me perdoaria por não ter sido o suficiente para tirar meu irmão daquela vida. — Apenas precisamos fazer o melhor com a nossa. — complementou e eu não poderia concordar menos.

Finalmente, eu enxergava meu irmão ali, a minha frente.

Não o líder do Clã Vallen, ou o posto alto da máfia - apenas Cam.

Naquele momento, tentei-me apegar aquilo, e que de alguma forma, meu irmão teria uma vida diferente da de Oliver. *Ele faria diferente.* Como ele mesmo disse, cabia a nós fazermos nosso melhor. Infelizmente, para ele, era diante do imposto pelo sobrenome. Dentre nós três, naquela sala, Cameron era o que passava a pagar o preço mais alto por ser um Vallen.



10

“Você é tão maravilhoso

Eu não posso dizer nada na sua cara

Porque olha para o seu rosto

E eu estou tão furiosa

Por você fazer me sentir desse jeito

Mas o que eu posso dizer?

[Você é maravilhoso.”\[12\]](#)

CALI

Tudo estava acertado com Elijah.

O dinheiro que me seria pago era quase equivalente ao quanto ganhava na escola. O que demonstrava o tanto quanto o meu trabalho era desvalorizado nas instituições. Suspirei profundamente e separei três livros de minhas prateleiras, além de um caderno para Kirian. Apenas por pensar nele, minha mente parecia se perder. Me indagava se daria certo o ensinar, ou se não seria uma grande bagunça. *Foco!*

Eu precisava do emprego.

Ele precisava aprender.

Daria certo.

Suspirei fundo e coloquei tudo dentro de uma mochila, além de outros acessórios. Separei também o pequeno quadro branco que tinha em casa e canetões para usar no mesmo, assim, poderia ensiná-lo de uma forma melhor.

Assim que deixei tudo organizado, encarei meu celular e notei que era quase a hora marcada com Elijah. As aulas

seriam na parte da manhã e à tarde, a princípio. Segundo ele, poderia avaliar o quanto Kirian estava absorvendo e parar quando notasse que era demais para o dia.

Era o que fazia. Além de surtar um pouquinho pela beleza do meu aluno.

Peguei minhas coisas e saí, não me preocupando muito com minha aparência. Um vestido longo de cor cinza e botas cano baixo, além de muitos colares e pulseiras, diziam muito sobre mim. Além de meus óculos de grau que me permitia ter uma visão melhor do mundo, já que a miopia me impedia.

Odiava usar lentes, portanto, era como Kirian me veria. *Por que diabos eu estava pensando em como ele me veria?* Eu já começava a enlouquecer antes mesmo de vê-lo novamente.

Coloquei a mochila nas costas, e o quadro branco nas mãos. Caminhei até sua casa, e assim que parei, respirei fundo por pelo menos três vezes. Acho que para dizer a mim mesma para ficar calma e que dava conta daquele trabalho.

Eu era boa no que fazia e em como ensinava, porém, sempre me cobrei demais a respeito. Nada poderia sair menos do que *cento e um por cento* perfeito. Resolvi deixar minhas paranoias de lado por alguns segundos, e bati duas vezes na porta.

Ali, esperando que Kirian aparecesse, entrei mais uma vez na minha indagação recorrente se deveria ferrar com as pessoas que coordenavam a escola ou não. Contudo, como sempre, cheguei a mesma conclusão. Ficaria o mais longe possível dos Vallen. *Só eles mesmos sabiam do que de fato eram capazes.* Ser o algoz de alguém, não me parecia uma boa ideia.

A porta se abriu e a visão de Kirian me tomou por completa. Ele usava uma calça moletom na cor preta e uma camiseta na cor azul, que destacava ainda mais os olhos claros.

Se eu pudesse olhar mais de perto, poderia jurar que nunca vi uma cor como aquela. Sorri, tentando resguardar meus pensamentos. Ele parecia mais tranquilo que ontem, e sua feição transmitia tal coisa.

— Bom dia, Kirian. — falei, e ele me abriu espaço para entrar, ainda em silêncio.

Quando me virei, tive a certeza que poderia ter um treco ali mesmo. Kirian levou o cabelo ao alto da cabeça e o prendeu com um elástico, ficando de coque. Se aquele não era um dos meus sonhos molhados, não saberia dizer qual realmente o era. Eu poderia infartar ali. Ou se endoidasse de vez, atacá-lo.

— Elijah me ensinou ontem a usar o elástico. — falou simplesmente, apontando para o cabelo. Pela forma como explicou, com toda certeza, eu estava presa aquele pequeno pedaço de sua beleza. Não sabia ser nada menos do que completamente óbvia. — Acha que ficou bom? — indagou e não soube o que responder. Ainda mais surpresa pela forma como ele parecia estar se abrindo. *Eu precisava de ar!*

Se ficou bom?

Ele estava a coisa mais linda e gostosa que já pus os olhos. Seria uma boa resposta? Ou completamente assustadora por admitir tal coisa?

Optei por sorrir e guardei minhas maluquices e *taras*. Ele ainda aguardava a resposta e acabei assentindo, sem saber

muito bem como dizer. Quem diria, que de repente, a calada da história seria eu.

— Você pode fazer o coque apenas com seu próprio cabelo.
— comentei e ele me encarou surpreso. — Quando eu tinha cabelo comprido, vivia fazendo isso.

— Não consigo te imaginar assim. — comentou e sorri, encostando o quadro branco no chão, e segurando apenas a parte de cima.

— Acho que muitos homens não conseguem imaginar mulheres de cabelos curtos como os meus, ainda mais, verdes. —

Dei de ombros, já acostumada com tais comentários.

Surpreendendo-me, ele negou com a cabeça diante de minha fala, deixando-me confusa.

— Por que? — indagou, claramente interessado.

— Machismo, quem sabe? — indaguei e ele pareceu não entender,

pela

forma

como

seu

cenho

se

franziu

instantaneamente. Assim, percebi que poderia ser uma palavra desconhecida para ele. Se ele não sabia ler e escrever, poderiam existir muitos termos não ensinados para ele. — Melhor dizendo, existe um padrão de beleza para mulheres. Não estou nele.

— Você é linda.

Aquele foi o primeiro baque do dia, direto em meu peito.

Três simples palavras, mas que ditas por ele me fizeram desestabilizar por completo, mais uma vez. Eu sabia que era bonita, pois me sentia assim. Mas ouvir aquilo dele, talvez por ser completamente inesperado, causou-me tamanho impacto.

— Obrigada. — falei e tentei disfarçar meu embaraço. —

Também te acho lindo, Kirian.

Sorri ao notar que ele ficou sem jeito, mas não de um modo ruim. Talvez como eu, completamente surpreso. Não sabia se ele estava jogando algo comigo, pelo menos, não parecia. Contudo, para todas as ocasiões, eu era boa naquilo, e nós dois poderíamos jogar aquele jogo (caso o fosse). Simples assim.

Em seu olhar encontrei a falta de respostas ou palavras, e resolvi, que por mais desestabilizada que ficasse, eu era a falante dali. Portanto, não precisava me intimidar ou me conter, porque Kirian parecia tão sincero quanto eu.

— Gosto disso, que sejamos honestos um com outro. —

falei, e ele pareceu relaxar um pouco, como se pensando a respeito e aceitando como eu. — Que tal começarmos a aula?

— Eu não sei nada, de verdade. — Admitiu baixo, e seu olhar pareceu distante dali.

Eu não tinha ideia da vida que ele levou até chegarmos aquele exato momento, mas existia uma parte de mim, que se sentia completamente tocada pela forma como se expressava, e

pela vergonha, que claramente sentia. Assim, caminhei até ele, parando a um braço de distância.

— Olha, Kirian... Eu não sei nada da sua vida, mas sei que como sua professora, vou te ensinar tudo o que *eu sei*. Não é absolutamente *tudo*, nem de longe, mas, espero que seja o bastante para que se sinta confiante. — Sorri para ele e toquei levemente sua mão abaixada, não como se firmasse um trato, mas sim, como se para apoiá-lo.

Mais uma vez, ao tocá-lo, tudo desapareceu. Felizmente, ele não me rejeitou. Seu olhar subiu e parou no meu novamente, e parecia estar de volta para aquele lugar, tão presente quanto antes. Assim, presenteou-me com um sorriso que me causou a mesma reação. Não sei quanto tempo ficamos ali, apenas nos olhando. Contudo, foi justamente naquele momento que soube que queria saber o gosto dos seus lábios.

Ou seja,

Eu estava fodida!



11

“Mas talvez a gente possa esperar um pouco

Assim podemos manter essa tensão sob controle Mas não há como isso não acontecer

[Com a forma em que estamos nos olhando.”\[13\]](#)

KIRIAN

— Pode repetir? — Cali perguntou, e assenti, encarando o papel a minha frente.

O lápis tremia em meus dedos, mas tentei permanecer firme. Olhei novamente para o quadro branco que ela pendurou ao lado da escada, e no qual escreveu várias letras e alguns números. Percebi que minha grande facilidade era com os numerais, contudo, as letras ainda eram difíceis de se escrever e ler.

Por mais que soubesse falar, era diferente olhá-las no papel, todas juntas, e assim, conseguir chegar a um retorno final.

Não sabia como escrever meu próprio nome, e felizmente, Cali teve toda a paciência do mundo para começarmos do que ela chamou do “zero”.

Um dia, há vinte anos, aprendi um pouco. Na realidade, enquanto Oliver permitiu. Os Vallen sempre foram ensinados em casa, e principalmente, o básico para entendermos sobre como o Clã e toda a máfia funcionava. Não importava a Oliver se sabíamos ler e escrever perfeitamente, se não fosse, com o intuito de usar a inteligência em prol do mesmo. O grande problema comigo, era que sempre desejei aprender mais e mais, porém, não sobre aquilo.

Assim, nunca me foi permitido avançar nas aulas.

Enquanto Cameron podia estudar por horas, eu era confinado

com Oliver em reuniões falando sobre os planos do Clã, junto a outros adultos. Ou até mesmo, era ensinado a atirar em alvos espalhados na floresta atrás da mansão.

Depois de muito tempo entendi que parte dos motivos que me levaram a condenação em Viamar, também poderiam ser pela ânsia de aprender que sempre existiu em meu ser. E nunca foi uma busca de aprendizado sobre o Clã ou a máfia. Oliver Vallen optou por tirar tudo o que eu amava, minha família e meus sonhos reais. Ao menos, uma coisa ele não conseguiu - esperança.

Foquei no presente, que era um *presente* dado dessa mesma esperança na qual me agarrei. Olhei para o papel que Cali acabou de colocar a minha frente, e forcei-me a lembrar do que ela ensinou por algumas horas. *Ok, eu consigo fazer isso!*

Amava estar perto de livros quando criança. Amava os breves momentos aprendendo letras. Era uma das poucas boas lembranças que tinha. Naqueles raros momentos, ao menos, conseguia ser quem realmente era antes de todo o inferno ao redor tomar conta.

— Au... — Limpei a garganta, e foquei ainda mais meu olhar.
— Aula. — Completei e encarei Cali, que abriu um sorriso

imenso no rosto. — Eu li certo? — perguntei e ela assentiu várias vezes, rindo da forma mais bonita que já ouvi alguém fazer.

Era estranho a forma como conseguia sempre ver tudo tão belo em relação a ela. Já que ela deveria ser apenas uma estranha. No fundo, eu sentia que não teria como.

— Agora... — veio até mim, e tirou a folha da minha frente, levando-a consigo. — Pode escrever “aula” no seu caderno?
—

olhei-a surpreso, mas assenti. Sentia que ela realmente acreditava em mim e em minha capacidade. Algo que ninguém fez antes. De certa forma, tudo o que vivia naquela sala era completamente novo.

— Eu vou tentar. — comentei, e posicionei o lápis no papel.

— Vai *conseguir*, Kirian. — falou e a encarei, vendo a piscar um olho em minha direção. — Você está sendo fantástico, sério!

— Eu não sei o que dizer. — Fui sincero, e tentei fugir do seu olhar, mas parecia impossível.

— Não precisa, apenas... gosto do seu silêncio.

Acabei sorrindo e voltei ao papel, concentrando-me. Minha letra sequer se equiparava com a dela no quadro, mesmo assim,

ela me explicou que cada pessoa tem sua própria escrita, e tudo bem ser diferente.

Cali me ensinava diversas coisas e palavras em segundos, e felizmente, não parecia uma enxurrada de informações. Sua leveza era tamanha que me sentia apenas ansioso por mais.

Risquei o papel e com muita calma, dei minha primeira volta no “a”, seguindo para a letra “u” e tentando fazer o laço da letra “l”, e finalizando novamente com a letra “a”. No fim do processo, sentia minha mão suar um pouco, mas algo dentro de mim transbordava de felicidade.

Nunca mais imaginei que teria lápis e papel a minha frente, e que aprenderia algo. Aquele primeiro passo significava o mundo para mim. E mesmo sem entender, Cali, parecia vibrar com minhas pequenas conquistas.

Acho que ela era o tipo de pessoa que chamaria de amiga, se me permitisse o fazer. Porque mesmo sendo tão recente, ela agia da maneira que poucas pessoas fizeram em minha vida.

Aquilo a transformava em algo além de minha vizinha e atual professora.

— Terminei. — falei, e ela veio até mim, parando ao lado da cadeira.

Notei sua análise sobre a letra, e de repente, ela agachou um pouco, olhando de baixo.

— Tá vendo o que chamamos do laço da letra “l”? —

indicou com o dedo e assenti. — Ele precisa ser um pouco mais aberto e maior que as outras letras.

Concordei com a cabeça e tentei escrever mais uma vez, seguindo sua explicação, mas infelizmente, acabei fazendo da mesma forma que a anterior.

— Acho que ainda não consigo. — Confessei, chateado por estar errando, logo após ter acertado tanto naquele dia. Ao menos, no começo.

Cali deu a volta a pairou sobre mim. Não entendi seu movimento, mas continuei como estava, encarando a folha. Ela então colocou a mão direita bem próxima da minha, que segurava o lápis e ao se agachar um pouco, encarou-me.

— Posso? — perguntou, e mesmo sem entender o que faria, concordei com ela.

Por que, depois de tudo, era tão fácil confiar em alguém?

Eu deveria ter medo, receios ou desconfiança, não é?

Entretanto, em relação a ela, não existia nada. A não ser, a vontade de prosseguir por um caminho até então desconhecido para mim.

Sua mão parou sobre a minha e senti a minha sendo firmada no papel.

— Deixe sua mão leve, que eu te guio. — pediu, e fiz como desejou.

Assim ela fez a letra “l” no papel, segurando minha mão e ainda me guiando. No segundo que terminou, soltou minha mão e me encarou novamente.

— Tenta agora. — pediu e o fiz, conseguindo realizar não como ela, mas com toda certeza, com certa melhora.

— O que acha? — perguntei, tentando não ficar feliz por antecedência com meu resultado.

— Que acabou de entender como escrever a letra “l”

cursiva e minúscula. — Bateu palmas e sorriu para mim. Acabei fazendo o mesmo, pois aquele era um grande feito. — Não quero apressar nada, mas, apenas estou forçando um pouco, porque sei

que é capaz, Kirian! Seja o que for que te impediu de aprender a escrever e ler, não está mais te atrapalhando aqui. Isso é nítido.

Fiquei em silêncio, pois sabia que o meu passado deveria ficar trancado e enterrado, foi exatamente o que Cameron me pediu nos poucos minutos que ficou comigo ontem. Em meio ao choro de saudade, e no abraço que nunca mais pensei que daria, ele me pediu para esquecer o passado e de quem um dia fui conhecido. Se alguém descobrisse que Jacob Vallen estava vivo, poderia acarretar tantas consequências, que nem mesmo ele sabia dizê-las.

Além daquilo, eu sabia o quanto ser parte do Clã Vallen assustava as pessoas, ainda mais, carregar o sobrenome. Ao menos, lembrava-me de momentos que provavam aquilo quando era criança. Onde meu pai pisava conosco, as pessoas ou o enalteciam ou se escondiam.

Não existia meio termo. Não desejava aquilo para mim.

Nunca desejei. E jamais tencionaria arrastar alguém para aquilo também. Era uma promessa que fazia a mim mesmo naquele instante, e que cumpriria a todo custo.

— Obrigado por ser paciente, Cali. — falei, e ela se afastou, sentando-se ao meu lado na mesa de jantar, que ali, se tornou de estudos.

— Posso ser honesta? Como fomos antes de começar a estudar? — indagou e passou a mão pelo belo rosto, que evidenciava os lábios na cor rosa. Ela era como um sonho bonito em meio ao tormento, e por mais que nunca desejasse estar perto de uma mulher. Eu desejava estar perto dela.

— Pode. — falei simplesmente, e permaneci encarando-a.

— Estou sendo paga para te ensinar, mas não quero que pense que apenas por isso estou aqui. Acho que independente disso, a gente ia se conhecer melhor. Somos vizinhos, você me viu em um dos meus piores momentos e me tranquilizou à sua maneira. Então, estou aqui por querer estar também, Kirian. Sou meio maluca, ou totalmente, vai depender da sua visão sobre mim. Mas podemos sair para fazer compras da semana juntos no supermercado mais próximo e até mesmo, posso te ensinar a cozinhar.

— O que tudo isso quer dizer? — perguntei, pois, aquela era um tipo de conversa completamente diferente do que estava acostumado. Mesmo assim, parecia um diferente bom.

— Que não quero forçar nada, mas, estou aqui, como sua amiga, se desejar. — Sorriu, e colocou a mão sobre a mesa, em minha direção.

Ela parecia pensar exatamente como eu, o que era assustador. Contudo, dentre todas as coisas realmente assustadoras que passaram por mim, ser amigo de Cali estava mais para um sopro de vida.

— Amigos. — falei, sem saber se deveria confirmar ou não, e toquei sobre sua mão, apertando-a levemente.

— Então... Que tal tomarmos um café antes de continuarmos? — perguntou, e se afastou levemente, levantando-se da cadeira.

— Eu acho que Elijah deixou algumas coisas, mas não faço ideia de como fazer.

— Vamos lá! — indicou com a cabeça em direção a cozinha e sorriu. — Não tem como um ser humano suportar o dia sem no mínimo dois copos de café.

— Pensei que se tomasse em xícaras. — comentei, lembrando-me de como tomava quando criança, e ela sorriu abertamente. Levantei-me e fui em sua direção.

— Meu amigo caladão, não há como viver nesse mundo sem beber café em copos.

Não entendi muito bem, mas a segui até lá, que parou perto dos armários, e pareceu analisar cada passo meu até ela.

— Bom, posso abrir todos os armários e geladeira para procurar o que preciso? — indagou e assenti no mesmo instante.

— Você é um amigo fácil. — Claramente brincou, e não soube fazer outra coisa que não fosse sorrir. — Gosto de te ver sorrindo sobre essa cara de mau que tem.

— Mau? — perguntei, ficando em alerta.

— Assim, quando te vi pela primeira vez, jurei que era um *bad boy* que parte corações de mocinhas inocentes. Talvez,

até um motoqueiro. — falou em tom animado e sorriu em seguida.

Encarei-a sem entender absolutamente nada. — Depois que aprender a ler, acredite, vai ter que ler os mesmos romances que eu, e se iludir junto.

— Por mocinhas inocentes ou motoqueiros? — ela me encarou surpresa, e fiquei ainda mais animado por estar me sentindo tão à vontade para simplesmente brincar junto a ela.

Ela se escorou contra um dos balcões e me encarou profundamente.

— Acho que você merece se iludir por uma mocinha rebelde. — Piscou um olho e focou em abrir os armários e procurar o que precisava.

Afastei-me para deixá-la girar pelo local livremente, e fiquei apenas a observando. Cali era realmente um sopro de vida para o meu recomeço.



“Tudo o que sei é que você segurou a porta

Você vai ser meu e eu serei sua

Tudo o que sei desde ontem

[É que tudo mudou.”\[14\]](#)

CALI

Sorri para Kirian, que mexia o molho de tomate em silêncio.

Nossas aulas já tinham acabado e nada mais justo do que fazer algo com sustância para comermos. Os copos de café foram o suficiente para nos deixar ligados, mas ainda assim, a fome já me

corroía. Era bom ter alguém para compartilhar momentos como aquele novamente.

Eu não tinha família, e a única amiga verdadeira que tinha estava fora do país, por aquilo, passava uma boa parte do tempo do meu dia sozinha. O trabalho costumava ser o meu tudo, mas ali, notei que poderia ter duas coisas boas ao mesmo tempo –

trabalho e uma amizade. Por isso resolvi ser honesta com Kirian.

Era raro, mas eu realmente gostava dele. Simples assim.

— Deixa eu colocar um pouquinho de ervas. — falei e passei ao lado dele, colocando as folhas picadas no molho. —

Pronto, pode continuar mexendo.

Afastei-me e fui até meu celular, encostando-me contra a bancada. Tínhamos começado a cozinhar há um bom

tempo, e como sempre, eu falava sobre tudo e Kirian era um ótimo ouvinte.

Porém, tentava adentrar um pouco do mundo dele, aos poucos.

Não tentando ser invasiva nem mesmo prepotente. Apenas porque queria entendê-lo de fato.

— Que tipo de música você gosta? — indaguei, e ele me encarou sobre o ombro, ainda mexendo o molho.

Sorri e fui até ele, baixei o fogo e peguei a colher de sua mão, tirando-a dali e colocando sobre a pia, e em seguida, tampei a panela.

— Agora só deixar mais uns dez minutos assim. — falei, e ele assentiu, como se decorando cada passo. — *Vai, me conta!*

Qual a música que gosta?

Ele tinha um pano de prato no ombro e parecia tão confortável, que era engraçado imaginar que nos conhecíamos tão pouco ainda. Geralmente, coisas como aquela demoravam um padrão de tempo para acontecer. Talvez fosse mais um problema dos padrões instituídos em nossas vidas.

— Acho que pop. — falou e pareceu pensar um pouco. —

Minha mãe sempre foi a pessoa que nos mostrou músicas, e ela adorava esse tipo.

— Bom... Eu tenho uma *playlist* mista. — Seu rosto fez uma leve careta e tive que segurar o riso. — Uma lista de músicas, sabe? Vem aqui que eu te mostro como funciona.

Ele se encostou na bancada da cozinha ao meu lado. Abri meu celular em um aplicativo de músicas, e lhe mostrei como funcionava.

— Acho que Elijah tentou me explicar sobre isso ontem. — comentou e levou uma mão aos cabelos, e em seguida, coçou a nuca. Claramente envergonhado.

— Com o tempo vai ver que é simples. — Pisquei um olho para ele e selecionei minha playlist. — Eu não nasci na época da tecnologia e consegui pegar o jeito. — Encarou-me com curiosidade. — Já tenho trinta anos, Kirian. — Fui mais clara e dei de ombros, notando que apenas aguicei seu olhar curioso. — O

que foi?

— Pensei que fosse mais nova, como Elijah. — Neguei rapidamente com a cabeça.

— O tamanho pequeno e o rostinho de adolescente ajudam nisso, mas não... Já tô na casa dos trinta. Tive que me adaptar ao mundo com internet, smartphones... — mostrei-lhe meu celular. — Computadores, serviços de *streaming* e tudo mais.

Como parece que não conhece muito disso, prometo te mostrar tudo o que conheço. — falei, sentindo-me incerta sobre como era possível ele não saber de nada daquilo.

Dentro de mim, um alerta soava sobre algo muito ruim ter acontecido com ele. Apenas queria deixar tais pensamentos longe dali. De toda forma, não contribuiriam em nada.

— Agora que sabe minha idade, por que não me diz a sua?

— perguntei, tirando o próprio foco de minha mente.

Kirian felizmente sorriu, não parecendo incomodado.

Muitas pessoas o eram ao dizer tal informação, e agradei internamente por ele não o ser.

— Tenho trinta e dois.

Aquela era uma ótima resposta, e fiquei ainda mais animada e sabia porquê. Porém, tentei colocar no mudo o *diabinho* que falava em meu ombro sobre o quanto deveria investir pesado naquele homem, e ouvi o *anjinho* que me pediu para ter paciência.

Pelo pouco que sabia sobre ele, e pelo pouco que ele parecia saber sobre a vida, com toda certeza, não era o tipo de homem para simplesmente ir para cama. Era nítido na forma como ele parecia atento e curioso a tudo. Além de que, eu com toda certeza, não queria apenas ir para cama com ele.

Volta para a realidade, Cali!

— Faço trinta e três em algumas semanas. — Confessou e sorri ainda mais, porque por mais que amasse seu silêncio,

adorava o fato de ele simplesmente se sentir seguro para falar mais de si.

Nunca fui fã de estar com pessoas complicadas ou misteriosas ao meu redor, e Kirian parecia ser a junção dos dois, contudo, a forma como ele me encarava era tão sincera, que apenas queria ficar por perto, independentemente do que o tornou assim.

— A gente podia fazer uma festa ou... Assistir uma série e comer muita porcaria. — Sugeri e fui até o fogão, desligando o fogo, e abrindo a panela para conferir o molho. O macarrão já estava pronto e apenas faltava o molho, para podermos comer.

— Eu nunca tive uma festa. — comentou baixo, mas consegui ouvi-lo. Não sabia ao certo o que dizer, já que poderia ser algo delicado para ele. Contudo, eu o entendia perfeitamente.

— Eu também não. — Olhei-o de relance e vi a surpresa em seu rosto. — Como te disse quando começamos a cozinhar, eu não tenho família. Cresci em um orfanato que nunca se importou de fato com as crianças, assim... — Dei de ombros. —

Minha primeira festa foi Lind que me deu, e foi surpresa. Nós duas e muitos balões por essa casa aqui. — Apontei ao redor e sorri ao

me lembrar daquilo. Foi um dos melhores dias de minha vida, sem dúvida alguma.

— Lind? — indagou, claramente sem entender.

— Ela foi a última pessoa a morar aqui antes de você. —

falei, e comecei a agilizar nossa comida. — Logo depois que Elijah se mudou, ela alugou a casa, e depois de pouco tempo, nos tornamos melhores amigas.

— Por que ela não está mais aqui? — perguntou, e fiquei feliz com sua curiosidade sobre meus assuntos. Mostrava que não era apenas eu a pessoa com dúvidas.

— Ela conseguiu um emprego fora do país e agarrou a oportunidade, aí... Nos falamos geralmente por mensagem ou videochamada no celular. — Complementei. — Ela faz falta por aqui.

— Sinto muito. — falou e notei que realmente se sentia de tal forma.

Despejei o molho no macarrão e assim que deixei a panela de lado, fui até ele, e toquei levemente seu braço.

— Está tudo bem. — Sorri, tentando melhorar sua feição.

— A gente não se fala faz algum tempo, mas as coisas estão bem

para ela.

Kirian abaixou a cabeça e pareceu pensar em algo, completamente longe dali. Assim que abri a boca para perguntar o que era, batidas na porta nos assustaram, e me afastei dele por simples impulso.

— Ei Kirian! — a voz de Elijah chegou até nós e notei que trazia mais uma sacola como da noite anterior. — Que cheiro maravilhoso é esse? — perguntou e veio até mim, dando-me um leve beijo no rosto. Deixou as sacolas sobre a bancada, e encarou Kirian. — Como estão?

Como Kirian parecia perdido em outro lugar, acabei me adiantando e tentando quebrar o clima ruim que se formou ali.

— Como pode ver, cozinhando. — comentei, e mostrei a travessa de macarronada pronta. — Kirian me ajudou nisso, e com toda certeza, temos que cobrar que ele faça o próximo.

Os olhos claros pararam nos meus e notei que ele parecia voltar ao mesmo lugar que estávamos.

— Agora não pergunte das aulas comigo perto, se Kirian odiou, prefiro não saber. — brinquei e passei por eles, indo até a mesa e colocando a travessa no centro.

Enquanto isso, minha cabeça pareceu voar para longe, assim como, para perto. Não conseguia entender o que modificou tão bruscamente o humor de Kirian. Contudo, parecia ser algo sério, e não sabia se foi algo que eu disse.

Voltei a cozinha e notei que ele e Elijah conversavam baixo, e então, encarei ambos por alguns segundos, esperando que me notassem ali. Por mais que fosse deselegante, gostaria de ter uma audição melhor para captar cada palavra que diziam.

Kirian levantou a cabeça e quando me notou ali, parada, os esperando, abriu um leve sorriso. Parecia que realmente, nada tinha acontecido, contudo, eu ainda me sentia culpada por algo que sequer sabia o que era. Porém, como ele sorria, fiz o mesmo e um sinal com a cabeça em direção a sala de jantar.

— Kirian já colocou a mesa como mostrei, e bom, a comida está pronta. — Avisei, e encarei os dois homens a minha frente.

— O bom é que trouxe carne hoje, assim, podemos misturar tudo. — Elijah comentou e assenti, virando-me para voltar a sala de jantar.

Sentei-me e fiquei ali, aguardando os dois. Kirian foi o primeiro a aparecer, e se sentou à minha frente, e me encarou no

instante que o fez.

— O que foi? — indaguei, sem saber se ele entenderia o quão ampla era minha pergunta. — Eu disse algo que te incomodou ou...

— Está tudo bem, Cali. — falou e esticou a mão sobre a mesa, em um gesto que se tornou *tão* nosso, que fiquei feliz em ver que estava tudo bem.

Apertei levemente sua mão, e ficamos presos um no outro, mais uma vez. Era bom estar ali e era boa a forma com que ele me fazia sentir. Contudo, ainda não sabia o quão profundo aquilo poderia se tornar. Mas como tudo em minha vida, eu apenas me joguei de cabeça, sem a mínima vontade de procurar pela superfície.



13

“Somente feche seus olhos

O sol está se pondo

Você ficará bem

Ninguém pode te machucar agora

Ao chegar à luz da manhã

[Nós ficaremos sãos e salvos.”\[15\]](#)

KIRIAN

Olhei para o celular algumas vezes, tentando entender se seguia ou não as instruções de Elijah. Ele me ensinou como ligar para alguém a partir daquele telefone, mas também, aconselhava-me a não fazer aquilo em relação a Cameron. Contudo, eu precisava falar com ele, de algum jeito.

A história que Cali contou ficava girando dentro de minha mente de forma que não conseguia simplesmente colocá-la no mudo. Tinha algo estranho naquela história, e sabia porque já me foi contada a mesma quando estava na prisão.

Uma das mulheres que me foi levada para que pudesse *extravasar*, como eles diziam, acabou conversando comigo e falando sobre seus motivos para estar ali. Ela passou pela mesma história da amiga de Cali, que foi chamada para fora do país por uma oportunidade irrecusável de emprego. A diferença entre elas, era que sabia o que houve com a mulher que me contou a história toda.

Ela tinha sido colocada para trabalhar em um bordel, e seria vendida ao fim de um ano de trabalho. Sem direito a nada, e se tentasse fugir, seria morta. Muitas foram mortas nos primeiros meses, segundo ela. Contudo, os Vallen salvaram-nas depois de

algum tempo, declarando guerra aos que roubaram e escravizaram mulheres do país que protegiam.

Elas tiveram escolhas quando voltaram, permanecer no Clã ou seguir sua vida normalmente. A mulher que me contou disse que nunca mais teria uma vida fora daquilo que lhe fizeram, e optou por ficar no Clã. Foi dessa maneira que chegou até mim, e era a única coisa que se passou por minha mente quando Cali comentou sobre sua amiga.

Eu tinha que me manter longe do Clã, e recomeçar minha vida. Contudo, aquilo esmagava minha mente desde o momento em que Cali comentou. Poderia não ser nada demais, e sua amiga realmente estivesse fora dali. Porém, em meu interior apontava algo errado.

Não era de ignorar meus sentimentos, e foi isso que me prendeu por vinte anos, e sabia que mais uma vez, eles gritavam.

Toquei no número que Cameron ligou na noite anterior, e a ligação foi diretamente para a caixa-postal. Fechei os olhos, deixando o celular de lado, e sabendo que precisava falar com ele. *Mas como?*

Eu não poderia voltar a mansão dos Vallen e simplesmente me apresentar ou pedir para fazer uma confissão como a maioria

das pessoas. Alguém poderia desconfiar de uma pessoa corajosa o bastante para ir diretamente ao topo do Clã. Suspirei profundamente e toquei o número de Elijah, que era o segundo em minha lista. Felizmente, o dele tocou.

— *Ei, irmão.* — *falou, em menos de dois segundos.*

— Não consegui falar com Cameron. — comentei e ouvi Elijah bradar ao telefone. — Eu preciso fazer isso, Elijah.

— *Kirian, você mal saiu daquele inferno e quer simplesmente voltar para ele?* — indagou e fechei os olhos, sabendo que minha resposta era negativa.

— Eu só... — suspirei profundamente e olhei ao redor, eu finalmente tinha uma vida. *Por que então não conseguia ignorar o que Cali me contou?* — Ela pode estar sendo escravizada, Elijah.

Pelo que você falou, Lind se mudou faz poucos meses, então...

— *Sempre é Cameron quem liga ou aparece... Temos que esperar que ele faça contato, aí pode falar, irmão. Enquanto isso, por favor, não faça nenhuma besteira.*

— Eu não vou. — Desfiz a ligação como me ensinou, e deixei o celular de lado.

Levei as mãos ao rosto e fiquei encarando os quadros e mobília. Sabia que algo estava errado, e nunca me enganei de minha intuição. Assim, peguei o celular novamente e tentei discar o número de Cameron. As primeiras tentativas direto na caixa-postal, mas não desisti. Precisava falar com ele. E ficaria a noite toda naquela se fosse necessário.

Em algum momento entre uma ligação e outra, acabei caindo no sono. Acordei com o barulho de passos e me sentei rapidamente no sofá. Olhei ao redor, e notei que ainda estava escuro, e, portanto, não tinha raiado o dia. Levantei-me e peguei a primeira coisa que encontrei, uma estátua grande de madeira.

Senti o suor correr por meu corpo e fiquei parado, ouvindo os passos da cozinha até ali. *Estava mais próximo.*

Quando a pessoa apareceu a minha frente, abaixei a estátua e suspirei profundamente. Cameron me encarou com

cansaço estampado em seus olhos, e sua feição não era nada boa. Elijah veio logo atrás dele e fiquei ali, parado, encarando meus irmãos.

— Está seguro aqui, irmão. — Foi a primeira coisa que Cameron falou, encarando a estátua. — Liguei para Elijah para falar sobre você e então... Ele me contou sua desconfiança.

— Por que não me ligou?

— Porque temos pessoas que desconfiam sobre sua morte até hoje, Jak... Kirian! — corrigiu-se rapidamente. — Se descobrirem que está vivo, de duas uma: ou realmente te matam ou vão te torturar.

— Por que Elijah não está em perigo? — perguntei, olhando de um para o outro. De repente, aquilo se tornou um grande jogo de perguntas e respostas. Só temia a segunda parte não ser tão boa assim.

— Porque a empresa que ele trabalha tem certa ligação com o Clã, então... Há motivos para termos ligações e agora, reuniões. — comentou e mesmo assim, não me convenceu por completo. Faltava algo naquela história. Eu podia sentir. — Quero que me conte tudo o que a sua vizinha falou sobre a amiga.

— Acha que pode ser real minha desconfiança? —

indaguei, sentando-me e deixando a estátua de lado.

— Acho que quem escraviza nunca para de fato, então...

Apenas, me fale tudo.

Ali conheci uma versão completamente diferente de meu irmão. Talvez porque a única lembrança que tinha dele era de quando crianças e recente, de quando nos reencontramos. Ele parecia sério e focado, e seu olhar demonstrava absolutamente nada. Como se não sentisse nada em seu interior.

Sabia que além de seu sobrenome, era por isso que ele era o líder do Clã Vallen. E por mais que soubesse ou que quisesse me convencer de que não eram a mesma pessoa, conseguia ver a grande semelhança no olhar de Cameron, com o qual Oliver Vallen tinha. Tentei meu melhor para apenas ignorar aquilo ou aceitar que era uma realidade, e contei o que Cali me disse.

Ainda, Elijah complementou algumas partes sobre o último aluguel de Lind, e quando ela saiu de fato da casa. Assim que terminamos, Cameron suspirou pesadamente e digitou algo em seu celular. Fiquei ali, em silêncio, sem entender de fato o que acontecia.

— Tem alguma foto dela, Elijah? — Cameron perguntou e o mais novo passou a procurar algo no celular. Enquanto isso, fiquei apenas encarando Cameron, que parecia nervoso, diferente de minutos antes.

— Aqui. — Elijah deu o celular na mão de nosso irmão e Cameron bradou um palavrão no mesmo instante, entregando o celular de volta.

— Qual o problema? — indaguei, e ele me encarou com pesar.

— Eu a conheço. — Cameron falou e o encarei completamente perdido. — Na verdade, conheci há alguns

anos, na casa dos Ferraro. O nome dela é Lindsay Ferraro, e é a filha mais velha deles e, portanto, a herdeira.

— Puta que pariu! — Elijah exclamou e fiquei ali, sem entender absolutamente nada. — Mas como ela simplesmente conseguiu estar no país com documentos falsos e ainda por cima, alugar a casa de nossa mãe se ela é herdeira de outra máfia? —

Elijah parecia perguntar para o nada.

— Acredito que Oliver deve ter negociado isso diretamente com os Ferraro, e por isso, a colocou justamente nessa casa. É o

lugar mais seguro para escondermos alguém e essa pessoa levar uma vida normal. — Cameron falou e levou as mãos a cabeça. —

Aquele desgraçado sempre fez coisas sem o Clã saber. Mas com certeza preciso falar diretamente com os Ferraro. Hoje ainda.

— Do que estão falando? — perguntei, completamente perdido naquela conversa. — Não me lembro ao certo do sobrenome Ferraro.

— Existem acordos entre as famílias Vallen e Ferraro, mas como sou novo chefe e não sei de nada, preciso me informar. O

Clã Ferraro domina o país vizinho ao nosso, e é o mais forte na máfia estabelecida por lá, e uma trégua foi decretada há alguns anos entre nós. Talvez por isso, porque Oliver fez um acordo diretamente com Leonel Ferraro. — Exclamou baixo e parecia pensar a respeito de algo. — A filha deles viveu

sob o teto da casa que sabemos que nossa mãe nos deixou através de Gianna, e onde Elijah foi criado...

— Isso vai de encontro com o que acreditamos, que Oliver sabia da casa por todo esse tempo, e que nossa mãe fez algum acordo muito sério com ele para que eu saísse do Clã ileso, e isso nunca fosse mencionado. — Elijah falou e o encarei, a desconfiança era nítida em seu olhar.

— Então, de repente, ela diz que conseguiu um emprego e vai embora, deixando a melhor amiga para trás. — Cameron parecia complementar e me encarou. — Tem algo que querem esconder, ainda mais, porque a mudança aconteceu justamente no mês que Oliver parou de conseguir se comunicar.

— O que está imaginando? — indaguei, tentando pensar que Oliver poderia ter deixado uma *bomba* para Cameron. Não seria uma surpresa.

— Que os Ferraro querem esconder algum acordo que fizeram diretamente com o alto poder dos Vallen, no caso, Oliver, mas vou descobrir o que é. — falou e veio até mim, que me levantei, e o abracei levemente. — Sei que ficou preocupado com a amiga de Cali, mas acredite, ela está muito bem protegida, e com certeza, com a família. Mesmo assim, obrigado, irmão. Sem você, nunca desconfiaria de algo errado sobre a tal Lind que morou aqui.

— Eu nem sei o que dizer. — falei, e me afastei dele, encarando-o.

— Apenas foque em viver sua vida e ser feliz. Esse tipo de merda pode deixar comigo, já passou por coisa muito pior por anos. — Sorriu e bateu em meu ombro. Naqueles breves

momentos eu reconhecia meu irmão novamente. Longe da sombra que transpassava por ele quando estava focado em algo sobre a máfia. — Elijah me contou sobre a tal Cali, e eu fico feliz por você. Pelo o que vimos antes de ter certeza que viria para cá, ela é uma boa pessoa.

— Como assim? — indaguei sem entender.

— Sobre ela ser uma boa pessoa? — assenti. — Sim, pesquisamos a vida dela antes de termos certeza de que seria bom ficar na casa e claro, seguro. — explicou, olhando-me profundamente. — Agora, sobre ficar feliz por você... — sorriu de lado, claramente prestes a me provocar. Era a mesma faceta que ele tinha quando crianças. Algumas coisas, por mais que os anos passassem, não nos abandonavam. — Você está começando a gostar de alguém, isso significa que está seguindo em frente.

Mesmo depois de toda essa merda, está seguindo, irmão.

— Cali é minha professora e... minha amiga. — comentei, lembrando-me do que conversamos mais cedo.

— Talvez seja ou vá ser mais do que isso, mas... Vai ter que descobrir sozinho. — Deu de ombros, ainda sorrindo. — Sou blindado para o amor, então, sem conselhos bons para dar.

Absorvi suas palavras e fiquei parado por alguns instantes.

Amor? Era um sentimento desconhecido para mim, ainda mais, no contexto que Cameron o colocava. Poderia ser burro, mas não o suficiente para não o entender. Sabia o que insinuava, mas me sentia exatamente como ele. Não existia parte de mim que pudesse amar alguém. Ou simplesmente, eu ainda a desconhecia. Não me foi permitido encontrá-la durante os últimos anos.

Eu era capaz de amar?

Aquela era uma pergunta que deixaria sem resposta, ao menos, naquele momento.



14

“A verdade é essa

Que eu nunca vi uma boca que eu mataria para beijar E estou aterrorizada, mas não consigo resistir E eu digo

Lindo estranho, aqui está você em meus braços e eu sei Que lindos estranhos só chegam para me fazerem mal E eu espero, lindo estranho, aqui está você em meus braços Mas acho que finalmente, finalmente, finalmente, finalmente é seguro

Para eu me apaixonar.”[\[16\]](#)

Dias depois...

CALI

— Acho que por hoje é isso. — falei e alonguei minhas costas, enquanto Kirian sorria para as palavras que acabara de ler. Ele era incrivelmente rápido e bom em aprender. O que tornava meu trabalho ainda mais fácil. — Está feliz com o que conquistou hoje?

— Escrevi minhas primeiras frases e li várias... — falou baixo, e não sabia ao certo se falava comigo ou apenas consigo.

— Obrigado por isso, Cali! — encarou-me e meu coração esquentou com aquele olhar claro que esteve em minha mente em vários momentos dos últimos dias. Kirian estava se tornando uma constante em minha vida, ele querendo ou não. Ou melhor, eu querendo ou não.

— Mal vejo a hora de te ouvir lendo um livro para mim. —

Sugeri e ele arregalou os olhos. — Você consegue tudo isso, caladão! — pisquei um olho e fui até a mesa, começando a organizar os materiais.

Kirian ainda permaneceu algum tempo encarando seu caderno, e tentei evitar ficar olhando-o tanto. Ele tinha uma beleza que me deixava sem chão, e por mais que já tivesse sido honesta com ele a respeito. Não saberia dizer se ele estava preparado para ouvir o que realmente sentia por ele. Ele me atraía, de uma forma assustadora. Em todos os sentidos. Contudo, via que ele me enxergava apenas como sua amiga, e que aquilo, era o bastante. Ao menos, deveria ser.

— Eu tenho que ir ao mercado hoje ainda, então, não posso te ensinar o jantar de hoje. Mas acredito que Elijah virá com comida ou pode tentar algumas das massas que fizemos esses dias.

Era um fato, eu estava cozinhando e jantando junto a ele todos os dias. Parecia até uma parte de nossa rotina, e eu nem sabia como de repente existia algo nosso. O mais inusitado era que estava desanimada simplesmente por não poder repetir o que fizemos.

— Massa é muito bom. — Sorri de sua fala, e terminei de colocar as coisas na mochila. — É, Cali... Você quer companhia?

— perguntou baixo e notei a fragilidade em seu olhar. As vezes era tão transparente que me deixava sem fala.

— Para o mercado? — indaguei, e ele assentiu levemente.

— Não é um programa muito animado, mas se quiser ir comigo...

— deixei no ar e por dentro eu estava torcendo para que sua resposta fosse positiva. Eu não sabia definir o que aquele homem fazia com meu cérebro em alguns segundos.

Ele assentiu e sorriu, fechando o caderno e se levantando.

— Eu só preciso trocar essa camiseta. — falou, e apontou para a camiseta na cor cinza que parecia um pouco agarrada a seu corpo. *Misericórdia, eu conseguia ver parte dos músculos dele!* Aquela era uma tentação que não merecia e tentei socar o *diabinho* em meu ombro que praticamente gritava para dar algum passo. Passaria como doida, isso sim.

Primeiro: porque mal nos conhecíamos.

Segundo: porque não conhecia basicamente nada da vida de Kirian, tirando o fato de ser calado, irmão de Elijah, ter trinta e dois anos, gostar de pop e massa.

Terceiro...

Eu já não conseguia encontrar as razões para me frear, a não ser, fazer uso de meu bom senso. Kirian era *sim* um homem

tentador, mas não deveria vê-lo de tal forma. Não era o momento para aquilo.

Na realidade, estava a um bom tempo fugindo de namoros desastrosos, e com toda certeza, não estava sabendo lidar com o fato de me sentir tão bem e completamente atraída por um homem diferente de meus exs.

Como eu sabia que o era? Apenas sentia em meu peito.

Todos os outros vinham com um alerta neon de babaca, que eu gentilmente ignorava e me jogava de cabeça. Já Kirian, apenas me apareceu com o aviso de “cuidado, frágil”, e era exatamente isso que me fazia cair.

Ele permanecia como um mistério bonito, como defini na primeira vez que tivemos contato. Talvez aquele fosse um bom apelido. A mente romântica a todo vapor e eu queria me esganar por ainda os ler. Era a minha ilusão particular. Parte da culpa era de Kirian, por ser a personificação dos mocinhos fofos e gentis que conheci apenas nos livros.

Tinha que ter algo errado com ele e não ter descoberto nada do tipo, passando vários dias lado a lado, basicamente, era estranho.

Ele subiu para o primeiro andar e fiquei ali, terminando de organizar tudo. Cantei uma música baixo, para tentar distrair meus pensamentos, mas batidas na porta me paralisaram. Olhei em direção a mesma, e como não se abriu, não poderia ser Elijah.

Pelo que percebi, ele as vezes simplesmente entrava após bater.

Ou nem mesmo batia.

— Kirian! — gritei, e esperei que me respondesse, mas ocorreu o oposto.

Nenhum sinal de resposta.

Subi as escadas, e procurei no primeiro quarto, que por muita sorte ou azar, estava com a porta entreaberta.

— Kirian? — perguntei, após dar duas batidinhas na porta e olhar o interior do cômodo.

Foi no instante em que o vi de costas para mim, apenas de cueca, jogando uma camiseta sobre a cama, e claramente irritado. Fiz minha inspeção particular, analisando seu corpo de costas, apenas coberto pelo pequeno tecido na cor preta. O

diabinho gritou em um ombro e eu... *Eu precisava dar meia volta e sair dali.*

Contudo, quando ele se virou e seu olhar parou no meu, esqueci completamente do que me intrigava, e do que fui fazer ali.

Foi quando pude notar cada pequena parte de seu corpo em evidência, e por mais que estivesse vestida, era como se ele pudesse enxergar meu corpo completamente nu.

Engoli em seco, e dei um passo à frente, sem saber ao certo porque agia daquela forma. Talvez fosse apenas minha mente se desligando e meu corpo gritando.

Kirian permaneceu parado no mesmo lugar, e soltou a camiseta que pegou na mão, ele me encarava profundamente, e felizmente, não parecia intimidado. Assim que ousei tocar levemente seu rosto, fiquei na ponta dos pés e ficamos mais próximos.

Sabia que se ousasse mais, teria seus lábios nos meus.

Entretanto, tentei lembrar dos porquês pareceria maluca se apressasse algo. Contudo, ele estava ali, olhando-me como se fosse a coisa mais bonita que já viu. E eu fazia o mesmo.

Seus lábios seriam meus se os quisesse, então, não tinha mais que pensar. Eu era maluca, e seria bom Kirian conhecer aquilo por completo.

Toquei mais um pouco de seu rosto e ele fechou os olhos por alguns segundos, como se apreciando meu toque, mas ainda, sem sequer me tocar. Queria que ele o fizesse, mas permaneci em silêncio. Umedeci meus lábios e toquei os dele levemente com os dedos. Kirian parecia tão anestesiado quanto eu, e sabia que queria aquilo. *Pelos céus, eu morreria para poder beijá-lo!*

— Eu não vou e não quero fazer algo que não queira. —

falei, sentindo-me ser engolida por minhas próprias palavras. —

Se não quiser, eu...

Ele então levantou sua mão e chegou com os dedos em meu rosto, tocando-me levemente. Ali, eu poderia morrer de fato, tive a plena certeza. Fechei os olhos, assim como ele, e o entendi.

Aquele toque transmitia paz e ansiedade ao mesmo tempo, como se estivesse respirando pela primeira vez o ar puro e fosse perdê-lo se ele parasse. Ele repetiu meus movimentos e de repente, seus dedos pararam em meus lábios, sentindo-os.

— Eu não sei o que fazer. — Confessou e não parei para prestar atenção aos detalhes, apenas o guiei.

Trouxe sua outra mão até meu rosto, e juntei nossos lábios, enquanto minha mão adentrava seus cabelos, e o puxava

para mim. Por mais que ele tenha dito que não sabia, assim que pedi passagem com minha língua, a dele encontrou a minha. E

dali, apenas fui levada a estratosfera.

Nós não nos beijávamos.

Nós nos encontrávamos por completo.

E além do seu toque que me fazia esquecer o mundo ao redor, agora seu beijo, me fazia esquecer meu próprio nome.



15

“Seus olhos são tão intimidantes

Meu coração está batendo, mas

É apenas uma conversa

Não garota, eu não estou acabado

Você não me conhece

[Eu não conheço você, mas eu quero.”\[17\]](#)

KIRIAN

Eu jurava que nunca sentiria tal sensação, mas eu não conseguia parar. Quando parei para raciocinar Cali já estava em

meu colo e contra a parede, e não nos afastávamos por nada no mundo.

Suas mãos estavam em meus cabelos, de repente em meu peito, e as minhas em seu rosto, e pernas, segurando-a contra mim. Como tínhamos chegado ali, não sabia. Mas não queria que ela saísse de meus braços. Não mais.

Afastei-me um pouco apenas para respirar fundo, e ela fez o mesmo. Em seu olhar encontrei a necessidade explícita de algo que era reflexo em mim. Nenhuma mulher antes me despertou tal desejo, muito menos me fez ficar daquela maneira.

— Ei, caladão! — falou, e sorriu de lado, tocando novamente meu rosto. Nossas respirações se acalmaram, e com cuidado, depositei-a no chão. Seu olhar parecia querer me desvendar e não soube ao certo o que dizer, a não ser, ficar

olhando-a. — *Tá* tudo bem? — indagou, e tocou meu rosto com carinho, como fez antes, e o que nos levou diretamente para a parede mais próxima.

— Sim, e você? — perguntei, tocando seu rosto como me mostrou, e ela sorriu lindamente.

— Bem melhor agora, acredite. — Sorriu baixo e me encarou profundamente. — Somos honestos um com o outro, e esses dias atrás te disse para sermos amigos, e agora nos beijamos, e não consigo pensar em algo melhor que isso em toda minha vida. — falou de uma vez, e fiquei paralisado, sem acreditar.

— Está falando sério? — indaguei e ela pareceu estranhar um pouco, mas assentiu para minha dúvida.

— Kirian, eu não minto. — falou simplesmente, e ficou na ponta dos pés, beijando-me levemente. — *Putá merda!* — parou, e levou a mão a testa, batendo-a levemente. — Subi aqui para te avisar que alguém bateu na porta e... Me esqueci até do meu nome.

— Cali. — falei completamente abismado, sem acreditar que ela se sentia exatamente como eu.

— Nem me olhe assim! — acusou, dando alguns passos atrás, e me analisou com o olhar de baixo para cima, suspirando profundamente.

— Assim como? — indaguei, pegando a camiseta jogada sobre a cama, e vestindo-a.

— Como o meu próprio pecado em carne e osso, só que quieto, tímido e lindo. — Virou-se de costas, e fiquei sem entender absolutamente nada. — Vou descer e ver se ainda

tem alguém na porta, enquanto isso, por favor, coloque calças.

Como um furacão, ela saiu, deixando para trás apenas os destroços de sua passagem. Fiquei ali, paralisado por alguns segundos, mas assim que me lembrei que alguém bateu na porta, peguei a calça de moletom jogada também na cama, e coloquei-a rapidamente.

Praticamente corri escada abaixo, e antes que Cali pudesse abrir a porta, me adiantei, passando por ela. Não a encarei para saber que estava assustada com minha atitude, contudo, se fosse algo perigoso, ela não poderia ser exposta. *Não mesmo*. Por mais que Cameron afirmasse que estava seguro ali, parte de mim ainda se via com completa insegurança.

Assim que abri a porta e a fechei novamente, impedindo Cali de abri-la ao segurar a maçaneta, fiquei confuso ao encarar uma mulher que aparentava ser mais velha, cerca de cinquenta anos. Eu não a conhecia, tinha certeza.

— Posso ajudar a senhora? — perguntei, e permaneci segurando a maçaneta com a mão direita para trás.

— Oi. — falou e me encarou por completo, como se curiosa a respeito. Mas seu olhar não me parecia bom, e não sabia dizer o porquê. — Sou Berta Cortes. — Estendeu-me a mão, mas não fiz questão de aceitá-la. — Estou procurando Cali, sua vizinha, aqui do lado. — Indicou com a mão, e tentei encontrar alguma tatuagem nela, que indicasse que era da máfia.

Visivelmente não havia nada, o que mostrou que não era.

Era obrigatório a todos da máfia terem a tatuagem nítida e sempre exposta, ao menos, os de menores poderes.

— O que quer com ela? — perguntei, sem querer falar que sabia exatamente onde Cali estava.

— Sou a ex chefe dela, de uma escola na parte periférica da cidade... Bom, se a ver, pode dizer a ela que precisamos conversar sobre o trabalho.

— Claro, posso sim. — falei simplesmente, e a mulher sorriu abertamente, e ainda me encarava com interesse, o que me assustou por completo, e não de uma forma boa.

— Muito obrigada...

— Vizinho da Cali. — Complementei, e dei um leve aceno para ela, que pareceu entender que era sua deixa.

Ela então desceu as escadas da varanda e a vi ir em direção ao carro preto parado à frente da casa de Cali. Assim que partiu, soltei a maçaneta, Cali praticamente pulou para fora da casa, olhando-me completamente surpresa.

— Como me trancou para dentro? — indagou e acabei sorrindo da forma como parecia brava. — Kirian...

— Eu não conheço a vizinhança, então... — aquela não era uma mentira, apenas não lhe dava os detalhes sobre o que realmente me fez fazer aquilo. — Desculpe por isso.

— Está tudo bem. — falou e sua feição suavizou. — Quem era?

— Sua ex chefe. — falei e ela arregalou os olhos. — Berta Cortes.

— Aquela filha da... — Respirou fundo e me encarou com uma careta. — Aquela mulher queria o quê atrás de mim? —

não sabia se era uma pergunta para mim ou para si, contudo, optei por responder.

— Ela quer falar com você sobre seu antigo trabalho, acho que foi isso. — Cali revirou os olhos e adentrou a casa novamente.

— Ainda bem que não saí, porque de verdade, aqui, ninguém me impede de quebrar a cara dela. — Admitiu, suspirando fundo e parecendo nervosa.

— Posso te ajudar em algo? — perguntei, indo para mais perto dela, e surpreendendo-me, Cali se encostou contra meu peito e apenas ficou.

— Você me faz bem apenas estando aqui. — Confessou e acabei sorrindo, ainda com as mãos ao lado de meu corpo. Ela então tocou minhas mãos e levou ao seu redor, claramente, deixando-se ser abraçada. — Pode fazer isso, caladão! Claro, se quiser.

— Eu quero. — falei, e ficamos ali por alguns segundos, apenas perdidos um no outro.

Aquela pequena mulher em meus braços me marcou desde o primeiro olhar, e ali, ela se tornava uma parte de mim, assim como, tomava parte de mim. Não sabia explicar como, apenas aconteceu. E eu não tinha medo de sentir, apenas, medo de que o mundo pudesse estragar aquilo.

Entretanto, ali dentro, com ela em meus braços, tudo era simples. Todo o meu passado se tornava apenas preto e branco,

e o presente, dourado como a luz do sol, que tanto sonhei em ter por anos. Ali, soube que poderia passar a sonhar com ela.



16

“Sem nenhum medo, mas acho que estou me apaixonando
Não estou orgulhosa

Mas sou o tipo de garota que pega e cai fora Sem riscos, por
isso eu acho que estou com tudo nessa

[Quando eu beijo sua boca, o meu coração acelera.”\[18\]](#)

CALI

Assim que encarei meu celular, tinham cerca de dez chamadas perdidas de Berta, além de muitas mensagens. Revirei os olhos e guardei o celular no bolso novamente, enquanto

pegava o carrinho para fazer as compras. Kirian me seguia, sempre ao meu lado, e notei o claro ponto de interrogação em sua face.

— Nunca fez isso? — perguntei, e ele negou com a cabeça. Mais um item para lista de coisas comuns que ele não fez.
— Em que mundo viveu por todo esse tempo, caladão? —

indaguei, sorrindo, tentando não parecer invasiva.

A realidade era que tinha vontade de entender mais sobre ele e dos seus porquês. Contudo, notei a fragilidade em seu olhar no momento que a pergunta escapou. De certa forma, algo gritava que Kirian não teve uma vida fácil, apenas me perguntava o quanto aquilo tinha custado a ele. E obviamente, por que lhe custara?

— Aqui... — falei, tentando amenizar o clima que se tornou pesado, e dei-lhe o carrinho. — Hoje vou te ensinar a fazer compras. — Pisquei um olho, e fiquei ao seu lado, enquanto entrávamos no mercado.

Olhares me receberam, como sempre. Porém, estava completamente acostumada com os olhares alheios em minha direção. Nunca soube ao certo se pelo cabelo curto e verde, ou pela pele da cor negra, ou pelas roupas nada convencionais que

usava. Contudo, assim que adentramos o primeiro corredor, notei que daquela vez não era apenas eu que chamava a atenção alheia.

Com aquela percepção em mente, parei um momento para simplesmente olhar Kirian, que caminhava lentamente ao lado das prateleiras, olhando-as com atenção. Não consegui segurar um suspiro ao analisá-lo ali. Ele era realmente algo bom para se olhar.

Os cabelos longos estavam presos em um coque no alto da cabeça, mas deixavam muito pouco para a imaginação.

Contudo, o conjunto de uma calça jeans escura justa a suas pernas, e a camiseta preta agarrada a seus músculos, davam um toque de charme ainda maior a sua beleza já natural.

Ele era um show particular para aquela vizinhança tão monótona, e completamente padronizada. Suspirei fundo mais uma vez, e me obriguei a mexer, pegando algumas coisas e colocando no carrinho, enquanto Kirian parecia não notar a atenção que chamava e permanecia me encarando minuciosamente.

— Fazer compras é isso. — falei, assim que chegamos perto das grandes geladeiras. — Pegar algo que falta na

despensa ou precisa para uma receita, e colocar no carrinho, e depois pagar antes de sair. — expliquei por cima, e foquei meu olhar nos variados iogurtes. Eu não sabia ao certo qual queria, e sempre era uma briga interna decidir.

— Comia esse quando criança. — Olhei-o e segui seu olhar em direção ao iogurte de embalagem vermelha.

— Eu nunca comi nenhum desses antes de ganhar meu próprio dinheiro. — Confidenciei, pegando uma bandeja do qual ele mencionou, já que minha vontade de comida estava estritamente ligada a meu cérebro sem filtro.

Acho que éramos daquela maneira. Kirian falava algo sobre si e eu fazia o mesmo. Como uma verdadeira troca sobre nossas vidas. Era bom que não corríamos na forma que nos conhecemos, ao menos, conversando. Nos outros quesitos, eu estava no colo daquele homem minutos antes, e sem querer sair.

Foi uma luta árdua para colocar a cabeça no lugar e entender que não era hora.

Enxergava no olhar assustado dele que não sabia o que estávamos fazendo, mas também, não sabia me dizer o que lhe parava. Contudo, eu o respeitava e conseguia ler

pequenos sinais. Assim, ali estávamos. Fazendo compras juntos, como se

fossemos amigos de anos ou namorados. Aquilo era tão estranho quanto acolhedor.

— Lembro da minha mãe. — comentou, apontando para a bandeja em meu carrinho. — Ela sempre nos deixou comer escondidos.

Encarei-o rapidamente e questionei se não tinha outro irmão na história. Talvez ele fosse irmão de Elijah apenas por parte de algum dos pais, e assim, faria todo sentido. Nenhum dos dois foi claro a respeito de seu parentesco, e também, sabia que não era de minha conta.

Naquele instante, pensei em perguntar a respeito, contudo, sabia que poderia ser cedo demais, além de delicado tratar de coisas assim em um momento tão descontraído que nos encontrávamos.

— Eu ataco a geladeira no meio da noite. — comentei e sorri de lado, notando a dúvida clara no olhar de Kirian. — Nunca sentiu uma fome tremenda de madrugada e correu para geladeira e comeu a primeira porcaria que achou? — indaguei e ele negou com a cabeça. — Já pode começar a fazer isso, então.

A cada minuto ao lado de Kirian, eu aprendia que não sabia absolutamente nada sobre as outras pessoas.

— O que come na madrugada? — perguntou, parando ao meu lado, enquanto eu encarava as prateleiras e pensava se levar molhos de tomate era uma boa ideia ou não. Lembrava-me vagamente que tinha um em casa.

— Algo que exploda qualquer limite de calorias por dia. —

falei e fiquei na ponta dos pés, tentando alcançar um molho, mas sem qualquer sucesso. — *Merda de um metro e meio!*

— Eu posso pegar para você. — Ofereceu-se e ficou a minhas costas, e sem fazer esforço algum, pegou o que eu desejava. — Apenas um? — perguntou e fiquei ali, sem saber o que dizer diante da beleza daquele homem. Ele parecia não ter a mínima noção do quão belo era.

Foco, Cali!

— Dois, por favor. — Pedi, e ele pegou mais um, depositando-os no carrinho.

Cruzei meus braços e fiquei o encarando por alguns segundos, negando com a cabeça.

— Isso não é nada justo. — Fiz um sinal com o dedo entre nós.

— O que? — perguntou, enquanto arrumava o carrinho e fazia todo sentido Kirian ser um virginiano, mesmo que não soubesse ainda a data exata de seu aniversário. Se fosse realmente dali algumas semanas, combinava perfeitamente.

Seu olhar parou no meu e fui até ele, ficando a sua frente.

— Você deve ser o que? — perguntei, esticando meu braço e sabendo que minha cabeça batia em seu peito. — Uns trinta centímetros mais alto?

— Não faço a mínima ideia. — Confessou e assenti, pensando em como éramos visualmente diferentes. — Mas consegui alcançar o que pediu. — Sorriu de lado, e pelos céus, eu amava quando ele se soltava daquela forma.

Amava?

Alguém me diga que não usei a palavra com “a”.

Tentei deixar aquele breve pensamento de lado, e acabei sorrindo da forma como disse a última frase.

— Estou conhecendo a sua versão debochada e estou com medo de ficar sem palavras em breve. — Provoquei e ele apenas continuou a sorrir lindamente, como se preso em mim, assim como eu estava nele.

Ele olhou rapidamente para o lado e assim que me encarou novamente, notei como sua feição mudou.

— O que foi? — perguntei e ele indicou com a cabeça em direção ao lado esquerdo.

Quando olhei, fiquei impactada com a quantidade de pessoas que estavam nos encarando. Fiz uma careta e revirei os olhos, principalmente para as pessoas que claramente engoliam Kirian com o olhar.

Nunca fui ciumenta, a não ser que mexessem com a minha comida. Contudo, ali estava eu, pagando a língua, e controlando o que me corroía por dentro assim que vi os olhares em direção ao homem a minha frente.

— Lembra quando te disse que te acho bonito? —

perguntei e ele me encarou, assentindo. — Pois então, não sou apenas eu. — Abri os braços e dei de ombros.

Peguei o carrinho e segui em direção ao caixa, sentindo-me completamente incomodada. Não sabia se pelos olhares, ou

pela inocência de Kirian, ou pela forma como me sentia.
Com

certeza, a primeira e última eram as principais causas. Odiava me deixar levar por sentimentos desconhecidos. Querendo ou não, ali estava eu, fazendo exatamente aquilo.

Enquanto o caixa passava as compras, joguei tudo rapidamente em minha ecobag e não ousei olhar para Kirian. Não que a culpa fosse dele. A culpa era absolutamente minha, por me deixar levar por algo sem sentido. Ainda mais, sentir-me incomodada a ponto de não querer encarar de frente a situação.

Não era de meu feitio. Suspirei fundo e parei, tentando colocar minha cabeça no lugar, enquanto o homem no caixa terminava de passar minhas compras.

Quando olhei para o lado, Kirian estava a alguns passos, conversando com duas mulheres que deveriam ter a idade de Elijah. *Deus do céu!* Era tudo o que precisava para sentir o que sobrou de meu interior ser corroído. Suspirei profundamente mais uma vez, e paguei as compras, pegando a sacola, e indo até Kirian, apenas para irmos embora.

— Tudo certo? — ele indagou, assim que parei ao seu lado, sem precisar me olhar. Quando o fez, acabei sorrindo, porque no seu olhar encontrava o mesmo que se perdia no meu.

— Sim, já peguei tudo. — Levantei a sacola e forcei um sorriso.

Olhei para o lado e as duas mulheres ainda permaneciam ali, com sorrisos menores que antes.

— Eu realmente não sei onde fica o posto de gasolina, mas acho que Cali sabe. — Kirian falou e me encarou, com aquela inocência que gritava na contrapartida de meu surto desnecessário. Ao menos, apenas o fiz internamente.

— Há duas quadras daqui, seguindo em direção à avenida principal. — falei, encarando as mulheres e forçando o sorriso no rosto. — Só pegar a direita na rua e descer as duas quadras. —

Fui mais específica, e elas assentiram, e notei que com certeza não queriam a informação de mim.

— Vamos? — Kirian perguntou de supetão e o encarei, assentindo.

Dei um leve aceno com a cabeça para as mulheres e saí do mercado, enquanto senti minha mão ficar leve, e Kirian se apropriou de minhas compras.

— Não precisa fazer isso. — Avisei, e tentei pegar a ecobag de volta. — Kirian!

— Está tudo bem? — perguntou, enquanto caminhávamos de volta para casa, e dei de ombros, sem querer mentir para ele.

Não conseguia fazer tal coisa.

— Vai ficar. — Encarei o Sol se pondo e permaneci ao seu lado, enquanto andávamos. — Gostou de fazer compras comigo?

— resolvi perguntar, tentando tirar a tensão que criei sobre mim.

Pelo jeito, até Kirian a notou.

— Vai para a minha lista de coisas realizadas. — comentou e o encarei com carinho. — Quando aprender a escrever tudo, vou fazer a lista.

— Sabe que já pode começar, certo? — indaguei, e ele assentiu. — Posso te ajudar se quiser.

— Acho que quero conseguir fazer sozinho. — falou baixo e com calma, na paz que apenas ele sabia transmitir. — Como um desafio.

— Vai vencer esse desafio e muitos outros. — Sorri para ele, e foquei em nosso caminhar.

Em muito tempo, era a primeira vez que conseguia colocar a mente no lugar após me sentir tão exposta. Kirian poderia achar que apenas eu o ensinava coisas novas ali, porém, o mesmo

acontecia comigo. A cada minuto juntos, descobria algo que nunca vivenciei. Poderia mentir que não tinha medo, eu o tinha, mas estava ainda mais curiosa para saber qual seria a próxima descoberta.



17

“Você acha que é fácil

Você acha que não quero correr para você

Mas existem montanhas (existem montanhas)

E portas das quais não podemos atravessar.”[19]

KIRIAN

— Pode ir em casa quando quiser. — Cali avisou, parando a frente de minha fachada. Assenti, e tentei disfarçar o que veio em minha mente, mas parecia impossível perante ela.

— Está

tudo bem? — perguntou, e optei por ser franco, da forma que sempre éramos um com o outro.

— Não ficou curiosa sobre o porquê de sua ex chefe vir até aqui? — indaguei, e ela pareceu pensar a respeito.

Cali não tocou no assunto naquele meio tempo, e isso permaneceu em minha mente. Como uma dúvida se ela voltaria para o antigo emprego e se isso era o sinônimo de não ficarmos mais tão próximos um do outro. Gostava de aprender com ela.

Gostava de estar perto dela.

— Tenho minhas dúvidas e desconfianças, pra ser sincera.

— Deu de ombros. — Mas pode ser que perceberam que precisam de minha ajuda em algo e queiram pagar um extra, ou...

— Sua vaga de emprego de volta? — perguntei e ela negou levemente com a cabeça.

— Duvido muito. — Encarou-me com pesar. — Por isso estou reticente de ligar para ela ou responder qualquer mensagem. Não sinto algo bom vindo de Berta.

— Se precisar ir até lá, posso ir com você. — Ofereci-me e ela sorriu amplamente, como se entendesse meu ponto. Do jeito

que podia, eu a protegeria. Por mais que parecesse estranho pensar de tal forma.

— Eu agradeço, caladão. Mas... Não acho que seja perigoso no sentido de precisar de companhia... — falou, mas não parecia tão confiante como seu habitual jeito. — Nem sei o que acho, realmente. — Suspirou profundamente e pareceu analisar minha feição. — Parece preocupado. — Acusou, e notei que ela parecia me ler muito bem, o que era uma surpresa. Por mais que não fosse blindado como Cameron, não era completamente transparente. Talvez para ela, eu o fosse.

— A escola está ligada à máfia? — perguntei, sem mais conseguir me conter e aqueles pensamentos que passavam em minha mente. No mesmo instante, o olhar de Cali

mudou por completo. — Sou ingênuo em muitas coisas, mas sei quem comanda o país.

Cali cruzou os braços e me encarou com certo receio.

Claramente, ela não gostava daquele assunto.

— Na verdade não. — falou e deu de ombros. — Eles mentem a respeito dela, no entanto, como se pagassem algo para os Vallen e eles fossem os benfeitores da escola. Por mais que o Clã esteja forte aqui, eles não monitoram tudo. Ao menos, não na

região mais pobre. — falou e tentei não pensar em como isso fazia completo sentido.

Oliver Vallen nunca se importou com os pobres, a não ser, para fazerem seu trabalho sujo. O que demonstrava que a máfia, no seu comando, não era muito diferente de outros Vallen que a comandaram.

— Acho que conhece as regras básicas que são passadas sobre a máfia para os cidadãos, não é? Sobre o Clã Vallen ser o nosso comando? — assenti e ela prosseguiu. — Até mesmo pensei em fazer uma confissão sobre a escola, para livrar as crianças daqueles sanguessugas. Porém, não sou corajosa a esse ponto. Muitas pessoas dizem que uma vez dentro do Clã, o mínimo que seja, você nunca mais sai.

Eu era a prova viva de que se saía. Contudo, eu havia sido expulso pelo líder. Aquilo, mudava a minha saída de figura. Em meio a milhares de casos, com toda certeza, eu era uma exceção.

Por mais que fosse novo quando me tiraram do mesmo, Oliver já havia me ensinado todo o conceito básico e correto a se seguir.

Uma simples confissão poderia te custar a vida.

— Acredito que fez o certo em não seguir com a ideia. —

falei e Cali sorriu abertamente. — O que foi?

— Não acredito que até falar da máfia é fácil quando é com você. — Acabei sorrindo também, notando que ela já não parecia tão preocupada. Se ela soubesse quem eu realmente era, e meu real sobrenome, temia o fato de que nunca mais pudéssemos ter momentos como esses. — Eu vou em casa guardar as compras e tomar um banho. Te espero lá para o jantar, então? — sugeri.

— Sim. — Sorri, e lhe entreguei a sacola.

Cali piscou um olho em minha direção e saiu, logo adentrando sua casa. Eu permaneci ali por alguns segundos, ainda perdido na profundidade que ela levava consigo quando se afastava. Era estranho me sentir tão acolhido e próximo a alguém.

Contudo, era um estranho muito bom.

— Eu estou bem, só liguei para avisar que vou jantar com Cali hoje. — falei e ouvi um barulho estranho ao fundo da ligação.

— Tudo bem, Elijah?

— *Só o trânsito me deixando maluco, como sempre. —*

Praticamente resmungou e o ouvi xingar algo. — Está mesmo próximo dela, não é?

— Ela é minha amiga. — Repeti e lembrei de nosso beijo.

Suspirei fundo e sabia que poderia significar absolutamente nada para ela. Então, apenas guardei aquilo. — Tudo bem para você de não jantamos juntos hoje?

— *Kirian, eu estou feliz por você, isso sim. — falou e notei seu tom mais animado. — Tinha medo de que não deixasse ninguém se aproximar, não depois de tudo... E olhe só, você está indo jantar na casa da sua amiga.*

— Ela é uma boa pessoa. — comentei, e segurei o complemento de que me sentia uma pessoa melhor quando estava perto dela. Cali era completamente diferente de toda a escuridão que tomou conta de minha vida nos últimos vinte anos.

Ela era luz.

— *Ela é, irmão. — falou e o ouvi xingar mais uma vez. —*

Desculpe por isso, mas... A gente se vê amanhã então, certo? —

respondi um simples “sim”. — Qualquer coisa pode me ligar, sabe disso.

— Sei. Obrigado, irmão.

— *E lembre que o dinheiro está ao lado da sua cama... —*

tentei cortá-lo, mas Elijah foi mais rápido. — E não me venha negar, pois sabe que não aceito seus “nãos”. Tenha um bom encontro, irmão.

Ele desfez a ligação e fiquei parado, sem entender o que queria dizer com “encontro”. Sabia o que a palavra significava ao pé da letra, mas não parecia que Elijah queria realmente dizer aquilo. Talvez meu instinto apenas estivesse

errado, e eu estivesse encontrando coisas demais nos detalhes.

Subi as escadas, levando o celular comigo e resolvi tomar um banho. Eu sabia o que exatamente estava ao lado de minha cama, e os porquês de Elijah. Contudo, me negava a depender ainda mais dele, mais do que já fazia.

Tirei minhas roupas e fui em direção ao chuveiro. Naqueles momentos, enquanto a água caía sobre minha pele, conseguia

me desligar um pouco da realidade. Deixei a água cair e fechei os olhos, e a primeira coisa que me veio em mente foi Cali. Ela se tornou uma constante.

Antes era uma curiosidade, até mesmo algo que me fazia sair da zona de conforto. Contudo, no agora, ela era a minha própria zona de conforto, em meio ao deboche, cinismo, risadas, brincadeiras, e principalmente, sinceridade.

Ela trazia coisas novas a minha vida e me ensinava muito além da escrita e leitura. Sorri, lembrando-me de nosso beijo e de como isso me marcou. O bom de ter uma vida normal, era que poderia ter algo como Cali. Uma amizade com alguém fora do Clã era praticamente impossível, se ainda estivesse dentro do mesmo. Contudo, Jacob Vallen não existia mais, e eu, Kirian, não fazia parte.

Tudo em minha vida virou do avesso de repente. Dos pequenos aos maiores detalhes do meu dia a dia. Nada mais era o mesmo. E sabia que não queria voltar ao que era antes. Eu entendia o que Elijah pensava a respeito de eu não conseguir seguir em frente.

A diferença era que poderia ficar preso ao passado e lembrá-lo como uma armadura. Ou poderia tê-lo guardado como

uma parte a ser esquecida, assim como meu sobrenome, e seguir em frente. Fui ensinado primeiro a fazer as pessoas me temerem, e depois, a temer as pessoas. Nenhuma daquelas alternativas me definia. E não pretendia mais ser definido pelo o que Clã Vallen queria de mim.

Eu era Kirian Gatti, que agora vinha em meus documentos.

Era com aquele nome que recomeçava a minha vida e como conseguiria um emprego dali para frente. O que aconteceu desde o momento que botei os pés para fora de Viamar, estava sob o meu comando, e resolvi tomar as rédeas da minha vida.

Eu era feito de sentimentos e gostava de sentir, ainda mais, quando algo me fazia feliz depois de tanto tempo. Cali o fazia.

Portanto, não temia o que crescia dentro de mim, apenas... tinha calma.

Eu esperei vinte anos para poder viver livremente, mais uma vez.

Esperaria o tempo que fosse para entender o que de fato era sentir-se bem com alguém.



18

“É legal que eu tenha dito tudo isso?

É muito cedo para fazer isso ainda?

Porque eu sei que é delicado

[Não é? Não é?”\[20\]](#)

CALI

— Por que preciso ir até aí? — indaguei, mais uma vez, testando Berta. No fundo, sentia que algo estava errado para estarem insistindo tanto por minha presença no meu antigo

emprego. Praticamente fui escorraçada de lá, *por que diabos me queriam de volta assim?*

— *Porque não sabemos como montar uma festa sem você.*

— *Repetiu seu argumento, mudando poucas palavras. Por mais que ela fosse uma mulher intragável, em minha*

concepção, sabia que eles realmente não sabiam montar uma festa.

— Posso passar aí amanhã bem cedo. — falei de uma vez, já cedendo, porque no fundo, era um momento de felicidade para os alunos, e se eu ainda poderia ajudar em algo, não me negaria.

— E que todos os professores estejam as sete na escola, Berta.

Não quero saber de atrasos. — Fui incisiva e esperei que ela me mandasse a *merda*.

— *Sem problemas, Cali. Não vamos nos atrasar. — Aquela era uma grande surpresa.*

— Ok, então. — Respirei fundo, enquanto guardava os molhos de tomate no armário. — Até amanhã!

— *Até, Cali!*

Desfiz a ligação e deixei meu celular sobre um dos armários. *Por que eu estava tão desconfiada daquela insistência*

e convite? Não saberia dizer o que me barrava, contudo, era algo em meu interior que nunca errava.

Eu era uma completa idiota por aceitar voltar lá, logo após ser humilhada, mas não conseguia ser orgulhosa o bastante para não ajudar em algo que beneficiaria diretamente os alunos.

Terminei de guardar as compras e subi para tomar meu banho. Quando a água quente caiu por minha cabeça, fechei os olhos e cantei baixinho, colocando minha tensão para fora. Olhos claros, que agora conseguiu identificar

como azuis quase gelo, vieram em minha mente. Como um tormento ou como minha própria salvação.

Indagava-me sobre muitas coisas e era incerta sobre outras, mas sobre Kirian, surpreendentemente, não ficava de tal forma. Não sabia o porquê ou como, mas em pouco tempo, sentia-me segura com ele, a ponto de me sentir protetora e ciumenta. Era um sentimento novo com desmembramentos diferentes, e apenas deixava seguir o fluxo.

Ao mesmo tempo que ele era calma, eu era um completo furacão. Enquanto ele era de poucas palavras, eu poderia ser uma palestra inteira. Ele repleto de mistérios, eu repleta de confissões. Aos menos, cada um a seu jeito, sempre

sentia que estávamos na mesma página. Nunca enxerguei mentira em suas breves palavras ou em seu olhar. Assim como, nunca o fiz com ele. Talvez por isso nos dávamos tão bem.

E era *isso*, nos dávamos bem.

Ao menos, eu tentava me convencer de que era *apenas* isso.

Saí do banho me sentindo renovada, e deixei os autofalantes ligados pela casa. Gostava de fazer tudo com música, e cozinhar, era a minha parte favorita para fazer tal coisa.

Coloquei um vestido leve, na cor branca, e chinelos nos pés.

Deixei os cabelos soltos e molhados, e não coloquei nenhuma maquiagem no rosto. Gostava de ficar à vontade em casa, e depois de me ver chorando e borrada como um panda, com toda certeza, ver-me ao natural, não seria algo diferente para Kirian.

Desci as escadas, ainda cantando e dançando levemente.

Adorava aquela música e não conseguia pensar em algo que não fosse Kirian. *Quantas vezes ele esteve em meu pensamento quando não estávamos juntos?* Muitas. Era uma resposta simples, e quando ouvi batidas na porta da frente e meu coração pulou no peito, soube que, na realidade, acabava de se tornar complexa.

Outra música começou e parecia ser o destino, deixando-me nervosa por não conseguir pensar em nada que não fossem os olhos azuis claros quase gelo. *Poderia ser mais específica que aquilo?* Acabei sorrindo, abrindo a porta, e tendo como presente, o sorriso de Kirian. Ele me encarou, novamente, como se fosse a coisa mais linda que já viu. Segurei um suspiro e abri a porta completamente para que entrasse.

Ele estava um pouco diferente das roupas habituais que o vi. Usava um jeans quase preto e uma regata na cor cinza, além de chinelos nos pés. Se existia alguém que poderia fazer aquele look se tornar sexy, era ele. Ainda mais, com os cabelos presos em um coque, que só fazia-me pensar em como era bom estar com meus dedos entre os fios.

Foco, Cali!

— Eu espero não ter aparecido muito cedo. — falou, assim que passou por mim e deixou seu perfume atrapalhando meu raciocínio para trás.

Fechei a porta, soltando uma respiração e assim que me virei, sorri em sua direção.

— Estava *agorinha* descendo para começar a cozinhar. —

falei, e passei por ele, tocando levemente sua mão com a minha.

— Tudo bem? — perguntei, tanto pelo contato, quanto por ele.

Surpreendendo-me, ele entrelaçou os dedos nos meus, e apertou levemente minha mão. Aquilo valia mais do que palavras que ele poderia deixar livres. Entre nós, se fosse ocupada a mim a função de falar mais, estava tudo bem. Pois Kirian se mostrava aos poucos em atitudes e gestos.

Contudo, já que estávamos ali, no meu canto, gostaria de tentar fazê-lo se sentir à vontade, da forma como ele me fazia sentir em sua casa, a ponto de confiar um pouco de si em mim.

Aos poucos, eu o conheceria mais.

Fomos até a cozinha de mãos dadas, e notei seu olhar preso em mim, e sequer ligado ao seu redor.

— O que acha da casa? — indaguei, e ele parou, olhando ao seu redor pela primeira vez.

— É bem parecida com a minha, mas muito mais colorida.

— Admitiu e dei de ombros. — Parece com você.

— Vou tomar como um elogio. — Pisquei um olho e o puxei para perto da ilha, e comecei a falar sobre o que faríamos naquela noite.

— Vou fazer lasanha à bolonhesa, que é uma comida trabalhosa, mas muito fácil. — falei, e ele me encarava

atenciosamente. — Enquanto isso, podemos ir tomando um vinho, o que acha?

— Eu nunca tomei. — Arregalei os olhos, completamente surpresa. — Não sei se gosto.

— Kirian... — fiquei sem saber o que falar, e recordei no mesmo instante do que ele disse antes de nos beijarmos. “Eu não sei o que fazer” foram as palavras exatas, e ali, pensei na proporção que tomavam. *Eu fui seu primeiro beijo?*

— Desculpe, eu...

Notei que ele se sentiu envergonhado e até pensei que sairia dali, assim, fui até ele, e toquei levemente seu braço.

— Ei, não tem nenhum problema em estar descobrindo coisas novas. — falei, olhando em seus olhos. — Apenas não entendo como nunca teve contato com esse tipo de coisa, talvez essa percepção seja porque nos conhecemos pouco. E tá tudo bem, caladão.

— Não quero mentir para você. — Confessou e o encarei sem entender. — Eu realmente gosto de você, Cali!

— Eu também. — Sorri, sendo puxada para seus braços, ainda o encarando. — Eu entendo que tenha coisas que não quer falar, eu também tenho meu *íntimo*. Apenas sejamos honestos, sem tentar passar pelo limite um do outro, ok?

— Ok. — Encostou levemente nossas testas, e amei a sensação de acolhimento que me passava.

— Quando disse que não sabia o que fazer, antes de nos beijarmos... Realmente, não sabia? — indaguei, e ele assentiu levemente, e mais uma vez, encontrei a

sinceridade que necessitava em seu olhar. — Pois como dona do seu primeiro beijo, digo que precisamos beber vinho, comer lasanha e dançar pela sala. O que me diz?

— O que quiser. — Neguei com a cabeça, e toquei levemente o seu rosto.

— O que você quer, Kirian?

Ele pareceu surpreso com a pergunta, mas não demorou a respondê-la.

— Quero te beijar de novo. — Levou uma mão até meu rosto, tocando-o levemente, e fazendo-me esquecer de todo o resto. Era seu poder sobre mim, por mais que não tivesse noção.

— Pode fazer quando quiser. — falei, e apenas senti seus lábios tomarem os meus.

Nele, encontrava um menino perdido, ao mesmo tempo que um homem feito. Talvez por coisas ruins do passado, ou coisas que não queria trazer para o agora. Porém, o pouco que eu tinha de si, era bonito. Não só por fora, mas, por dentro.

Principalmente, por dentro.



19

“Dançando com as mãos juntinhas, mãos juntinhas Sim, estávamos dançando

(Sabemos que estávamos com as mãos juntinhas) E eu tive um mau pressentimento

[Mas estávamos dançando.”\[21\]](#)

KIRIAN

— Vem cá! — Cali me chamou para si, com uma mão, enquanto segurava uma taça de vinho na outra.

Ela girou no meio da sala de estar, sobre o tapete, sorrindo abertamente. Tínhamos jantado há alguns minutos, e ela contou de como foi sua vida antes de se tornar professora.

Percebia que a cada segundo tornávamo-nos mais próximos. Reconhecia nela o jeito lutador e de sobrevivente. Cali o era. Ela lutou e sobreviveu para chegar até ali. Assim, me doía saber que não valorizaram sua luta dentro da escola que tanto amava lecionar.

O seu olhar me levava apenas para ela, exatamente como foi da primeira vez que a vi. Acreditava que a forma como ela me olhava, era diferente de como todos, um dia, o fizeram. Até mesmo Kirian, o qual carregava o nome.

Contudo, poderia estar diretamente relacionado ao fato de que quando Kirian apareceu em minha vida, eu tinha me tornado apenas um animal ferido que queria atacar para não se machucar ainda mais. Ele me olhou com humanidade, mas ainda assim, com pena.

Eu entendia o seu lado, assim como, entendia o de Cali.

Ela não sabia toda a verdade sobre mim, na realidade, nem uma pequena parte. Cali não me olhava com pena, e sabia que por

não saber quem eu realmente era. Ao menos, era no que acreditava.

Doía-me não poder contar, porque saber quem eu era, poderia custar sua própria liberdade, e quem sabe, a sua própria vida. Não desejava, de forma alguma, que os olhos castanhos me encarassem de outra maneira ou que ela corresse qualquer risco, o mínimo que o fosse.

Com Cali, eu conseguia voltar a sonhar. Talvez fosse apenas minha mente sonhadora se reconstruindo. Ou simplesmente, como minha mãe disse, que um dia aconteceria -

que eu encontraria um porto seguro. Assim como Cameron, e o mesmo que ela queria para Elijah. Tinha medo do que sentia, porque era novo e recente. Do tipo de sentimento que deveria repelir, mas de alguma forma misteriosa, apenas me atraía.

Diretamente para os braços dela.

Um dia, ouvi de Oliver Vallen que o amor era uma fraqueza.

Nunca consegui enxergar tal sentimento daquela maneira.

Pois, justamente pelo o amor que sentia por meus irmãos e por minha mãe, permaneci vivo. O amor me tornou forte. E o que

sentia pela mulher de cabelos verdes em meus braços poderia ser um bálsamo ou uma tábua de salvação depois de sair de Viamar, contudo, quanto mais perto estava dela, mais entendia que era simplesmente para ser. Para acontecer.

Era para estar exatamente ali, com seus braços ao redor de meu pescoço, e ajudando-a com a taça de vinho. Ela colocou a taça em minha mão e provei mais um pouco do sabor suave.

Era bom e diferente, assim como ela. Entrava para a lista de coisas novas e que me traziam diretamente para ela, em qualquer momento. Não era um romântico, e entendia praticamente nada sobre o assunto. Mas queria entender e aprender. Por nós.

— O que tanto pensa? — perguntou, pegando a taça de minha mão e sorrindo levemente. — Parece longe daqui.

— Eu perdi muito do mundo, e obviamente sei muito pouco... — comecei, e toquei levemente suas costas, onde ela posicionou minhas mãos. Ela nos guiava pela sala, girando, enquanto uma música tocava ao redor. Conseguia assimilar as palavras, e sabia que falava sobre amor. — Tenho pensado em como o seu mundo é, e como as coisas são para você.

— Acho que falo muito sobre mim e já deve imaginar bastante. — Sorriu, e concordei levemente com a cabeça. Ela

encostou o queixo em meu peito, e continuou me encarando. —

Tá ouvindo essa música? — ela fechou os olhos e respondi baixinho que “sim”. — Sou feita de barulho, Kirian. Tanto das minhas conversas, como do jantar. Tanto das músicas que sempre me acompanham. Esse é o meu mundo, cheio de barulho e cor.

— Você é completamente diferente de mim. — comentei e ela abriu os olhos, olhando-me daquele jeito que me deixava completamente perdido. Que fazia-me esquecer de tudo de ruim que me aconteceu.

— E mesmo assim, aqui estamos. Pelo acaso, destino, provação... Como quiser achar, acreditar ou supor. — Ficou na ponta dos pés e me deu um leve beijo. — Acho que gostei de você no momento que te olhei. Como se te conhecesse antes, quem sabe, outra vida?! — riu, e deu de ombros, virando levemente, e voltando para perto de mim. — Pode me achar maluca se quiser.

— Posso. — Sorri de lado, sentindo-me leve. — Ou posso simplesmente ser maluco com você.

— Gosto das duas opções.

Sorriu, e encostou a cabeça contra meu peito, enquanto ainda girávamos pela sala. Fechei os olhos por alguns segundos e apenas me deixei levar, junto a canção. Junto a ela.

Um dia perdi minha completa paz.

Ali, tive a certeza, que pouco a pouco, parecia recuperá-la.

Pouco a pouco.



20

“Será que já estamos a salvo?”

Será que já estamos a salvo?

Será que já estamos a salvo?

Já estamos a salvo, que bom

[Será que estamos fora de perigo?”\[22\]](#)

CALI

— Tem certeza que quer ir? — perguntei e Kirian assentiu, enquanto eu conferia o que levava na bolsa.

Fiz até mesmo um resumo de como imaginava a festa da primavera para aquele ano. Nunca quiseram me escutar com atenção e deixavam tudo em minhas mãos, contudo, já que foi insistência da própria mandachuva do local, sabia

que seriam obrigados a ouvir. Pela primeira vez em anos, seria realmente ouvida naquele lugar.

— Sabe que assim que chegarmos, tem aula, não é? —

indaguei, e ele me encarou atentamente, concordando com a cabeça.

Kirian tentou pegar minha mochila e neguei rapidamente com a cabeça.

— Caladão, são dois ônibus até lá, e no mínimo vamos gastar algumas horas no trajeto de ida e volta. — expliquei novamente, e Kirian se apoiou em minha mesa, como se não dando a mínima para o tempo que demoraria. — *Kirian?* Palavras, por favor.

— Eu estou bem com a ida e volta, e com o tempo do percurso. — falou e sorriu levemente.

Eu amava aquele doce lado dele. E felizmente, não estava surtando o suficiente para não admitir aquilo a mim mesma.

A

noite passada foi um marco para mim. Nunca passei um tempo tão gostoso e feliz ao lado de outra pessoa.

Já tive muitos namorados, mas nenhum deles me levou exatamente para onde Kirian me levava. E não envolvia sexo.

Éramos apenas nós, música no fundo, taças de vinhos e uma dança para lá de bagunçada. A bagunça da gente me fazia feliz.

Seria maluco admitir que tinha me apaixonado por ele no momento que o vi? Sempre amei e acreditei piamente em

clichês românticos, mas amor à primeira vista era o único que nunca o fiz.

E ali estava eu, olhando para o homem que mal conhecia como se fosse o epicentro do mundo todinho. Talvez ele o fosse.

E eu, estava condenada a amá-lo antes mesmo de saber.

Aceitava minha sentença, um pouquinho a cada dia. Felizmente, a cada um, gostava ainda mais da ideia de amar alguém.

— Ok, não me culpe pelo transporte horrível. — Avisei e ele deu de ombros, ainda parado, apenas me olhando enquanto colocava minha mochila nas costas. — Precisa pegar algo em sua casa? — indaguei e ele negou com a cabeça.

— Estou com o celular e um pouco de dinheiro, acha que falta algo? — perguntou ingenuamente e meu coração parecia

que ia explodir.

Os momentos em que encontrava um menino em seu olhar, fazia-me querer colocá-lo em meu colo e nunca mais tirar.

Tais como, os momentos em que encontrava apenas um homem feito, e com toda certeza, eu queria estar em seu colo e nunca mais sair.

Foco, Cali!

— Acho que está bom. — Pisquei um olho. — Apenas fique esperto com suas coisas, o bairro para o qual vamos não é tão seguro quanto aqui. Nem aqui era pra ser, mas como

temos membros do Clã no bairro, ninguém é doido o suficiente para tentar alguma merda.

— O Clã Vallen vigia aqui? — perguntou baixo e notei sua feição mudar. Kirian com toda certeza não gostava da história de sermos regidos pela máfia.

— Acredito que sim, pela forma como é mais seguro. —

Andei em direção a porta de saída, e ele me seguiu. Tranquei a porta e me virei para ele, que estava parado um degrau abaixo. —

Acho que não gosta muito deles, apenas pelo olhar que me dá quando falo, mas... Acredite, não é o único.

— O que pensa sobre isso? — perguntou, enquanto saíamos em direção ao ponto de ônibus mais próximo, e respirei fundo antes de começar a falar.

— Eu entendo o que fizeram por esse país, e ainda fazem.

Nem tudo é condenável, mas é um mundo sombrio no qual não quero entrar. O pouco que sei me assusta o suficiente, e foi apenas contado por outra pessoa, então...

— Sua ex vizinha? — indagou, encarando os próprios pés enquanto andávamos. Aquela postura me deixava completamente perdida.

— Lind tem parentes que entraram para o Clã, e compartilhou algumas coisas. — Dei de ombros, concordando com sua pergunta. — Eu só queria que dessem mais atenção aos bairros carentes dessa cidade. Ainda mais que somos uma das principais, e onde dizem que o chefe vive. — falei com descaso e resolvi sair daquele assunto.

Não nos agregaria em nada. — Mas saindo desse mar de obscuridade, o que me diz sobre você, Kirian?

— Como assim? — indagou, e parou de andar no mesmo instante, com toda certeza alarmado.

— O que achou das músicas de ontem? — pisquei um olho, e ele pareceu relaxar, como se sua mente voltasse para o momento presente.

— Boas. — Sorriu levemente. — São pop, não é?

— Algumas pop rock também, e das antigas. — Paramos a frente do ponto de ônibus e encarei meu celular, sabendo que passaria dali alguns minutos, caso não estivesse atrasado. —

Ainda precisa descobrir a Netflix. — falei e ele me encarou como se fosse um extraterrestre. — Depois da nossa aula hoje, prometo que te mostro e explico o que é.

— Obrigado. — falou, passando as mãos levemente pelos cabelos soltos. Nunca saberia dizer se ele ficava mais sexy daquela forma ou com o coque. — E obrigado por me deixar ir com você.

— Ei! — toquei levemente seu rosto e notei a forma como seu olhar mudou. Era tão abrasador, saber que ele sentia o mesmo que eu, mesmo que fosse apenas a atração assustadora.

— Nada de agradecer, somos amigos, Kirian. Talvez até um pouco mais que isso.

— Gosto da ideia. — Sorri, e encostei minha cabeça em seu peito, sendo presa em seus braços no segundo seguinte.

— Aja o que houver, apenas não perca essa honestidade.

— Pedi, virando meu rosto na direção que o ônibus viria.

Tentando me atentar ao redor, enquanto o toque de Kirian me levava a outra patamar.

Senti seu queixo sobre minha cabeça, e entendi que concordava com aquilo. Felizmente, por mais que fossemos novos naquilo, estávamos indo pelo caminho certo. Ao menos, era o que pensava.



21

“E à medida que o tempo começa a parar

O silêncio começa a transbordar

[Meus gritos são discretos.”\[23\]](#)

KIRIAN

Eu tinha um fone de ouvido na orelha esquerda, enquanto Cali tinha um na orelha direita. Ela escolheu as músicas durante nosso trajeto, e como ela disse, foi longo. Contudo,

não me incomodou em nada. Estava vivendo e livre para ir e vir.

Assim, apenas continuei curtindo o momento, ao lado de Cali. Ela contava algumas coisas a respeito da escola, e ficava nítido que sentia falta de trabalhar lá. Por mais que adorasse o fato de ela me ensinar, torcia para que fosse readmitida naquele dia. Porque, para ela, por mais que não admitisse, parecia significar *muito*.

— Vamos descer nesse ponto. — falou, e enquanto o veículo parava, levantei-me e ela também. Cali seguiu a minha frente, enquanto outras pessoas também desciam.

Notei o olhar de algumas pessoas sobre nós e fiquei incomodado. Não entendia porque o faziam, contudo, certifiquei-me de ficar próximo a ela. Cali guardou os fones de ouvido no bolso da calça jeans e o celular permaneceu na mochila. Olhei-a com atenção e ela sorriu levemente, enquanto subíamos uma rua.

— É aqui perto. — falou e assenti, seguindo seus passos.

— Não tem ideia do por que as pessoas te olham? — indagou de repente e a encarei sem entender.

— Me olham? — perguntei, completamente confuso.

— Kirian, não tem noção do quanto é bonito? — rebateu e parei o passo, ainda mais perdido. — As pessoas te olham por

isso, porque você é realmente algo muito bonito de se ver.

— Não consigo entender. — Fui honesto e passei a mão pelo rosto. — Nunca me vi dessa forma.

— Mas pode começar a ver. — ficou na ponta dos pés e me deu um leve beijo no rosto, sorrindo de lado. — É ali na frente.

— Indicou com a cabeça e a segui.

Em alguns passos, paramos em frente à escola. Fiquei chocado com o fato de ser igual ao que Cali mencionou - um lugar de completo descaso. Era claro pelas paredes mofadas e chão quebrado na fachada.

Contudo, assim que Cali fez menção de abrir o portão vazado a sua frente, meu olhar se prendeu diretamente a um homem posicionado ao lado de uma pilastra. Ele tinha as mãos para frente, e no dorso de uma, o símbolo dos Vallen tatuado -

uma serpente enrolada em forma de V.

— Cali. — falei, e a puxei levemente pelo ombro.

Ela me encarou sem entender, e no segundo seguinte, o portão foi aberto pelo lado de dentro. Entrei a frente dela e a deixei a minhas costas. Outro homem, com uma tatuagem no peito a mostra, olhou-nos com desdém, e sorriu de lado.

— O que diabos está acontecendo? — a voz de Cali sobressaiu, e continuei segurando-a a minhas costas. — Por que o Clã está aqui? — perguntou, e o homem sorriu ainda mais.

— Tivemos uma confissão e viemos confirmar fatos. — O

homem explicou por cima, e foi quando notei o homem da pilastra e mais dois seguirem-no, e ficarem ao seu lado. — Pelo jeito, não estão mentindo a respeito de você, Cali.

Senti meu sangue gelar no mesmo instante.

— O que disseram sobre mim? — ela perguntou e eu permaneci ali, tentando protegê-la.

— Sabe a pena de quem espalha mentiras sobre a máfia e principalmente trai os Vallen por aí? — suspirei fundo e Cali tentou passar por mim, extremamente nervosa. Segurei-a pelos braços e fiz um sinal de negativo com a cabeça.

— O que querem? — perguntei e o homem finalmente me olhou, analisando-me.

— Uma vida por uma mentira. No caso dela, precisaria de mais vidas para pagar, mas...

— Não vão tocar nela! — falei de uma vez, e o encarei imponentemente. — Isso é um erro!

— Está acusando um homem de poder no Clã de errado?

— indagou, e deu um passo à frente, ficando a dois passos de nós.

— Não é um homem de poder. — Rehati, e ele me encarou com os olhos demonstrando ódio. — Os verdadeiros homens de poder não têm tatuagens no peito.

— Parece que alguém aqui fez a lição de casa. — falou com desdém, e apontou com o dedo para um dos homens a nossa esquerda. — Ensine uma lição a ele, Turin.

Tive meio segundo para colocar Cali a minhas costas novamente, e socar a cara do tal Turin, fazendo-o desmaiar ali mesmo. Eles não me conheciam e muito menos sabiam de onde vinha. Os anos em Viamar me moldaram na luta,

juntamente a Kirian, para não morrer sangrando. E por Cali, eu faria o mesmo.

Não tocariam nela.

— Interferir em um trabalho do Clã tem como pena, a mesma que a dela. — Ele falou, claramente calmo. — Vai ser bonito ver dois amantes morrerem, um a um...

— Kirian, precisamos sair daqui. — Ouvi a voz de Cali a minhas costas, enquanto uma de minhas mãos ficou para trás,

segurando-a perto de mim.

Mas sabia que não tínhamos como sair, não lutando.

Suspirei fundo, e olhei rapidamente ao redor. Existiam dois carros na rua, estacionados a alguns metros. Considerando que eles eram dos Vallen, era só questão de tempo ou um comando para nos matarem a tiros. Tinha que considerar aquilo.

— Quais serão as últimas palavras? — o homem a nossa frente perguntou cnicamente e apenas o encarei.

— Quero uma confissão de alto poder.

Senti Cali tremer a minhas costas. Silêncio ao redor fui tudo o que encontrou, e no segundo seguinte, o homem gargalhou alto, claramente não acreditando no que ouviu. Aquele pedido de confissão era raro, porque se não fosse aceita, você estava morto. Contudo, era a melhor chance que tínhamos. E

talvez, a única.

— Ouviram bem? — perguntou aos outros dois homens, que também sorriam abertamente naquele instante. — Todo mundo quer isso nesse momento. Então...

Ele pegou o telefone no bolso e discou um número, olhando-me com atenção. Falou algumas formalidades e pelo seu tom, sabia que a ligação não foi diretamente para Cameron.

Ninguém falava com tom debochado com o líder da máfia, e muito menos, com alguém que tinha o sangue Vallen. Ao menos, era o que me lembrava. Suspirei fundo, e Cali abraçou-me fortemente, como se estivesse com tanto medo quanto eu.

— O seu nome?

Naquela pergunta, eu sabia que se respondesse meu nome real, tudo ali seria resolvido o mais rápido que imaginava.

Contudo, poderia condenar-nos da mesma forma. Jacob Vallen era um monstro ou um morto, não existia outra opção. Não para as pessoas que nunca me conheceram de fato. E elas eram muitas, principalmente, as da máfia.

— Kirian Gatti.

Ele deu de ombros e repetiu o nome para o telefone.

— Kirian, a gente precisa...

A voz de Cali foi parada por um esbravejo a nossa frente e um homem claramente incrédulo. Soltei o ar com força, pois ali soube a resposta. Minha confissão foi aceita.

— O senhor Vallen te espera. — O homem falou, e tentou chegar até Cali e a tocar.

— Ela faz parte da confissão. — falei, impedindo-o de tocá-la, e recebendo um olhar de desprezo como resposta.

Sabia de muitas regras, e principalmente, que ninguém poderia interferir ou tocar em uma confissão de alto poder.

— Vamos. — falou, e seguiu em direção a um dos carros parados.

O homem que derrubei minutos antes acordou, e foi apoiado por um dos outros membros do Clã. Cali passou a minha frente, e me encarou por um segundo, como se tentando entender ou juntando pontos.

— Apenas confie em mim, por favor. — Pedi, e ela assentiu, vindo diretamente para meus braços.

Abraçamo-nos e com meu braço sobre seu ombro, adentramos o carro. Notei um homem no volante, com uma arma nas mãos. Com toda certeza, minha consideração estava certa.

Fomos indicados para o banco de trás, e o homem que claramente estava no comando de todos, estava no carona, enquanto outro dirigia.

— Vocês mal sabem, mas de qualquer forma, estarão mortos antes do meio dia.

Ele que não sabia.

Puxei o rosto de Cali para o meu peito, e notei que o espanto a impedia de colocar para fora o seu medo. Deixei-a ali, tentando acalmá-la, enquanto o carro rodava. Nem eu e nem ela, estaríamos mortos até o meio dia, contudo, se minha suspeita estivesse certa: estávamos indo

diretamente para o lugar que me condenou. Um lugar que pensei que nunca mais pisaria: a mansão Vallen.



22

“Por favor, nunca se torne um estranho

Cuja risada eu poderia reconhecer em qualquer lugar Por favor, nunca se torne um estranho

Cuja risada eu poderia reconhecer em qualquer lugar.”[24]

CALI

Eu não sabia mais o que pensar. Na realidade, mal tive tempo para fazê-lo. Quando pensei que retornava à escola que tanto adorava, de repente, o chão me foi tirado, e era como se caísse de cara no vazio. Suspirei fundo, afastando-me um pouco

do toque de Kirian, e encarando o lugar no qual chegávamos.

Muitas perguntas passavam por minha mente, e nenhuma resposta era encontrada.

Kirian me olhou e tentei confiar cegamente, da forma como fiz desde o momento que nos conhecemos. Contudo, ali, as coisas começaram a soar diferente. Existiam mistérios sobre Kirian, algo que não entendia. E que pela forma como exigiu aquela confissão e ela foi aceita, com toda certeza, era algo além do que poderia imaginar.

Assim que o carro parou a frente de uma mansão, senti meu coração acelerar ainda mais e minhas mãos frias. Eu tinha medo dos Vallen, era a total verdade. *Na realidade, quem em sã consciência não teria?*

Assim que a porta ao meu lado se abriu, e desci do carro, com Kirian a tiracolo, notei que ele não parecia nervoso.

Assustava-me o fato de ele parecer tranquilo, em meio a pessoas perigosas, e que queriam nossas cabeças.

— Kirian. — Chamei-o, enquanto estávamos parados do lado de fora, e os homens que nos trouxeram esperaram a porta de entrada da mansão.

— Confia em mim, Cali. — pediu novamente, e fechei os olhos, tentando me controlar. — Só dessa vez, por favor.

— Eu...

Não consegui responder, pois a porta da mansão foi aberta, e um homem ainda maior dos que os que nos escoltaram, e com certeza, centímetros mais altos que Kirian, apareceu. Ele olhou ao redor, e pareceu proibir com o braço a entrada do homem que via como chefe dos outros que nos trouxeram.

— Apenas os dois. — A voz do homem soou forte e decidida, comprovando o que imaginei, e notei o olhar confuso dos

outros à sua frente. — Vou ter que repetir? — perguntou, e os homens se afastaram imediatamente.

Segurei o ar com força, sentindo uma mão de Kirian em minha cintura, como se me sustentando. Eu poderia desabar a qualquer momento, com toda certeza. *Quem em sã consciência não estaria se estivesse jurado de morte pela máfia?* Kirian não me parecia.

— Os dois podem entrar.

Kirian se moveu comigo e passamos pelos homens que nos trouxeram até ali, e que com toda certeza, atirariam em nossas cabeças se pudessem. Assim que adentramos a mansão, senti a mão de Kirian tremer junto a meu corpo e o encarei. Ali, notei, que ele não parecia tão bem como imaginava.

— Escadas, primeiro quarto. — Foi tudo o que o homem disse antes de sair da casa pela porta que entramos.

Kirian ofereceu a mão e a aceitei, seguindo com ele em direção as escadas. Eu queria perguntar tanta coisa, mas me contive, sem saber ao certo como fazê-las. Estava dentro do lugar máximo de poder dos Vallen, e com toda certeza, o chefe da máfia nos receberia. Eu não estava preparada para aquilo.

Assim que paramos no primeiro andar, Kirian deu cinco passos e parou a frente de uma porta. Olhou-me levemente, e me puxou para si, dando-me um leve abraço e beijando minha testa.

— Kirian, mas...

Ele respirou fundo e abriu a porta, surpreendendo-me por não me deixar falar. Assim que adentrei aquele cômodo, fiquei paralisada ao lado de Kirian. Aquele não era Oliver Vallen, com toda certeza.

Um homem do tamanho de Kirian e olhos castanhos nos encarou e notei que a tatuagem do Clã estava em seu pescoço.

Ele tinha uma expressão que me era familiar, e tentei não pensar sobre aquilo. Contudo, pareceu impossível.

— Uma confissão de alto poder. — O homem falou e cruzou os braços. — Ela não precisa ficar, Kirian.

— Não confio em ninguém perto dela. — Olhei para Kirian, sem entender sua reação, e então, o outro homem assentiu, apertando um botão em sua mesa.

— Sei de alguém que ela confia.

Em menos de um

Em questão de segundos a porta do lado esquerdo se abriu, e Lind adentrou a mesma. Fiquei em choque, enquanto via minha melhor amiga caminhar até nós, e senti o corpo de Kirian passar à frente do meu.

— É Lind. — falei, e Kirian me encarou com seriedade.

— Confia nela? — indagou e eu não soube o que responder.

— Nesse momento, não confio nem em mim. — falei e notei seu olhar vacilar.

Passei a sua frente e encarei o olhar verde de minha amiga, que parecia ansiosa. No entanto, ela não parecia

malcuidada ou machucada, o que me fazia indagar internamente o que diabos fazia naquele lugar.

— Por favor, Cali. — pediu e a encarei ainda mais confusa.

— É melhor vir comigo. — Estendeu-me a mão e fiquei perdida.

Olhei de Kirian para ela, e depois para o homem a nossa frente.

— Não o machuque. — Pedi ao desconhecido e aceitei a mão de Lind.

Olhei sobre meu ombro e encontrei o olhar claro de Kirian, encarando-me com a mesma dor. *Por que doía?* Eu não sabia dizer. Contudo, senti naquele momento que o perdia. E não seria para a morte.

KIRIAN

— Jak... — Cameron limpou a garganta e balançou a cabeça.

— O que houve, Kirian? — indagou e abri os braços sem

saber por onde começar. — O que diabos faziam no meio de uma cobrança de confissão?

— Enganaram Cali. — falei, e ele franziu o cenho, confuso.

— Insistiram muito para que ela fosse a escola, a ex chefe dela fez isso. Cali ama a escola na qual trabalhava, e até me contou que queria melhorar aquele lugar, mas que suas sugestões nunca eram aprovadas. Ela foi demitida por querer uma biblioteca no local, com dinheiro arrecadado em festas.

Cameron passou a mão pelo rosto, claramente pensamento em algo além.

— O que você fazia lá? — indagou sério e dei de ombros.

— Apenas saí com ela, para conhecer mais da cidade e do lugar que ela tanta falava... É um lugar pobre e abandonado, Cameron. — Notei seu olhar mudar e ele suspirou fundo. —

Quando ela foi abrir o portão, notei um dos homens do Clã pela tatuagem no dorso da mão, e aí... Os enfrentei.

— Eles foram lá para matar Cali. — Cameron complementou, claramente juntando os pontos. — E iam te matar por desrespeitar a ordem.

— Ela não fez nada de errado, Cam. — Meu irmão assentiu, encarando-me como se soubesse de algo mais. — O

que está pensando? — indaguei, sentindo-me ansioso.

— Que armaram para ela, e os homens que foram até lá, sequer conferiram se a confissão que tivemos sobre a escola era real ou não. — Passou a mão pela cabeça e negou. — Oliver deixou parte dessa cidade fodida, essa a realidade. Posso nem imaginar o país. Estou tentando lidar com todos os assuntos pequenos para que não ocorram erros. Erros que custam vidas, como aconteceria se não acompanhasse Cali.

Engoli em seco e senti um buraco em meu peito, apenas por pensar naquela possibilidade.

— Pelo que soube de última hora dessa confissão, é a respeito do conselho de professores, que dizem que o dinheiro que arrecadam vai para o benfeitor, vulgo, o Clã

Vallen. Só que nada na máfia está interligada com eles, de forma alguma.

Mesmo que devesse estar de algum modo, apenas ajudando.

— Ou seja, alguém colocou a culpa sobre Cali. — Balancei a cabeça, sentindo a raiva correr por minhas veias. — Como eles não contestaram o fato de a confissão ser tão detalhada e simplesmente foram matar uma pessoa? — perguntei, incrédulo.

— Homens despreparados que acreditam ter poder dentro da máfia penas por ter uma tatuagem do Clã. — Balançou a cabeça, revirando os olhos. — Eles vão pagar por isso, tenha certeza. Assim como, as pessoas que estão realmente por trás da mentira. Tem a minha palavra. — Não o olhei naquele momento, pois lembrava-me do quanto a palavra de um Vallen valia. Ele não pararia de buscar, nem que fosse ao inferno. — Uma coisa é clara: acharam que Cali fez a confissão e desejaram se vingar, colocando a culpa nela. O que não sabem é que quem confessa fica protegido até a história ser tirada a limpo.

— Quem foi? — perguntei, completamente perdido.

— Um aluno da escola. — comentou, deixando-me abismado. — Preciso falar diretamente com ele para ter certeza de mais. Ele não disse nome aos homens, obviamente, porque estava com medo. Ninguém consegue fazer uma confissão completa, por medo de ser morto na hora.

— Como consegue? — perguntei, notando a forma ritmada com que falava.

— O que? — indagou, sem entender.

— Ser o chefe disso. — falei, e ele deu de ombros.

— Aprendi que queria ser melhor que Oliver, *muito melhor*.

Não em sangue ou em dinheiro. Mas dar um valor real ao que o Clã Vallen deveria ser.

— Mostrar o melhor dentro do pior que seja? — indaguei, lembrando-me da frase de nossa mãe, que sempre nos dizia aquilo nos momentos em que nosso pai nos levava para treinar.

— Ela nunca disse algo que não me inspirasse e motivasse a ser melhor.

Assenti, concordando e encarando meu irmão que me endereçou um leve sorriso.

— Você caiu por ela, Kirian. — falou e veio para perto, batendo em meu ombro. — Caiu de uma forma que só vi uma vez. E acredite, não tem volta!

— Acho que ela não vai querer ser minha amiga depois de descobrir quem sou. — Admiti e Cameron me encarou com pesar.

— Tem certeza de que quer contar isso a ela? — indagou, como se existisse uma saída. — Sabe que pode mentir.

Passei a mão por meu rosto e neguei com a cabeça.

— Mentir para ela seria o mesmo que a perder de vez, mesmo que aconteça ao saber da verdade.

— Sabe que se essa informação vazar, teremos consequências... Sabe disso, não é? Te tirei de Viamar para

recomeçar, e não para voltar a ser Jacob Vallen e perseguido. —

falou firme e notei sua clara preocupação. — Não posso te impedir de decidir o que fazer com a sua vida e sua história, mas... posso alertar.

— Eu sei. — Assumi com pesar. — Por mais que pareça precipitado, eu confio nela.

— Confia nela? Realmente? — perguntou e notei sua preocupação. Ficava feliz em ainda existir o lado humano de meu irmão, que me enxergava além daquele maldito sobrenome e de nossa realidade.

— Ela é a melhor pessoa que já conheci. — Assumi e ele assentiu.

— Não que tenha conhecida muitas. — Rebateu debochado, sorrindo de lado e fazendo-me sorrir também. — Foi uma péssima brincadeira, mas... Sabe que eu te apoio no que for.

Apenas quero que esteja seguro e que não corra riscos inesperados. Como hoje.

— Eu sei. — Sorri e soltei o ar que segurava. — Eu sinto que a condenei no momento em que me deixei levar pelos meus sentimentos. — Assumi, e Cameron me olhou com preocupação explícita.

— Nunca condenou ninguém, Kirian. O sangue que corre em nossas veias faz isso. Apenas... — segurou meu ombro com força. — Não deixe isso definir quem você é.

Por mais que quisesse me apegar e acreditar em suas palavras era difícil. Por mais que fugisse de meu passado ele parecia estar à espreita. Por mais que negasse minha

origem, ela sempre voltava à tona. Pela primeira vez na vida temi de fato assumir quem era.

Porque aquilo não custaria apenas a minha liberdade, como outrora.

Poderia me custar Cali.



23

“Vou até você com a fé esmaecida

Me dê mais do que uma mão para segurar

Me pegue antes que atingisse o chão

[Diga que estou segura, você me tem agora.”\[25\]](#)

KIRIAN

A porta do carro foi aberta e finalmente tive um vislumbre de Cali. Ela estava sentada junto a outra porta, com a cabeça encostada no vidro e parecia muito longe dali. Eu a olhei inteira, como da primeira vez que nos vimos, na sacada. Aquele dia

parecia ter sido há uma vida, mas ocorreu há poucas semanas.

Desde aquele momento, não passei um dia sequer sem pensar sobre ela.

— Cali?

Seu olhar parou no meu e notei a forma como parecia extremamente cansada. Ela não disse nada, pela primeira vez, e negou com a cabeça, como se precisasse daquele momento sozinha. Respeita-a, da forma que ela sempre fez comigo. Ao menos, ela ainda me olhava. Por mais que tivesse certeza que não sabia de toda verdade.

Ela apenas sabia sobre Lind e quem ela realmente era.

Sobre mim? Nada. Ficou para mim a decisão de lhe contar ou simplesmente me calar, e inventar algo sobre o porquê de ter minha confissão de alto poder aceita. Ou simplesmente, partir.

Contudo, quando os olhos de Cali pararam novamente nos meus, eu soube que seria impossível.

Ela merecia mais do que apenas meia verdade ou mistérios de um homem que conheceu. Por mais que não fosse uma simples conversa sobre o passado, e que pudesse perdê-la por ser quem era, eu arriscaria. Nunca pensei que encontraria

alguém que me despertaria a vontade de ser cem por cento honesto para poder recomeçar. Mas o tinha com ela.

— Te prometo a verdade. — Sussurrei, e ela assentiu, encarando a janela novamente. Sua mão chegou até a minha, parada entre nós, ela a envolveu e apertou.

Naqueles pequenos gestos eu sabia que ela era a pessoa que merecia tudo de mim.

Javier, que agora sabia ser o braço direito de Cameron, adentrou o banco do motorista, e me deu um leve aceno com a cabeça. Cameron disse que podíamos confiar *apenas* nele, por isso ele quem nos levaria para casa. Por ordens expressas de Cameron de que não poderíamos seguir para casa sozinhos ou em outro veículo. Eu resolvi não contestar.

Os minutos se passaram, e a mão de Cali estava na minha, o que me ajudou a recompor um pouco da paz perdida. Contudo, assim que o carro parou a frente de minha casa, e ela se afastou, senti a falta no mesmo instante, e toda a fragilidade do mundo me acertou.

— Entregues. — Javier anunciou, e destravou as portas.

Ele não nos encarou, e saímos em silêncio. Assim que coloquei meus pés na calçada e fechei a porta, o carro saiu, deixando para trás um homem que conflitava novamente com quem deveria ser, e com quem realmente era.

Cali estava de cabeça baixa, olhando para o carro que saiu. Notei a forma como respirava profundamente e me encarou com pesar. Ela parecia saber que lhe diria algo. Até mesmo, porque eu tinha que ter algum motivo concreto para ser aceito ao alto poder da máfia.

— Te prometo a verdade. — falei, assim que parou a minha frente, e ela apenas assentiu. — Apenas a verdade, Cali.

— Foi o que sempre pedi e prometemos um ao outro. — falou e sem me tocar, seguiu para sua casa, fazendo um leve gesto de cabeça para que a seguisse.

Assim que adentrei sua casa, Cali deixou a mochila sobre o sofá e levou as mãos aos cabelos, ainda de costas para mim. Ela logo desceu as mãos para a nuca e não me encarou. Assim, notei que não era apenas eu que estava frágil ali. Quando se virou e me olhou, soube que todas as armaduras estavam para baixo e nós estávamos completamente expostos.

— Cali...

Ela me encarou e notei os olhos marejados. Levantou uma mão, claramente pedindo para falar, e lembrei-me do nosso segundo contato, e de como desabara ao meu lado. Ali, soube que ela se segurava para não o fazer.

— Eu estou tão perdida que não sei o que falar. Não tenho a *porra* das palavras para contar como me sinto, eu só... —

fechou os olhos e respirou fundo. — Eu quase fui morta hoje, e aí o vi enfrentando os Vallen, depois descubro que minha melhor amiga mentiu o tempo todo e agora... Agora não sei quem é você.

— Assumi e eu a entendia plenamente. — Não sou expert sobre a máfia, mas não sou completamente leiga também. Sei que não é qualquer pessoa que consegue uma confissão de alto poder assim, e sai ileso... Eu... — passou as mãos pelo pescoço e parecia querer fugir dali, mas ainda permanecia, olhando para mim. Buscando verdade em mim. — Quem é você? — perguntou de uma vez, e notei a forma como lhe doía fazer a pergunta.

Doía ter de respondê-la.

Doía ter uma resposta.

— Apenas a verdade, por favor. — pediu, quase implorando, e levou as mãos a nuca, encarando-me profundamente.

— Eu... — olhei para o chão e fechei os olhos por um segundo. Entretanto, minha mente reviveu os vinte anos dentro de Viamar, e os doze anos sendo o filho mais velho de Oliver Vallen. Por mais que quisesse negar, era a verdade. Respirei fundo e encontrei os olhos castanhos tristes e apagados. Soube que não tinha volta e não tinha como reverter aquilo. Cali sabia que algo estava errado. Naquele caso, era eu. — Eu sou Jacob Vallen.



24

“Bem diante de seus olhos

Estou desmoronando

Sem passado, sem motivos

[Apenas você e eu.”\[26\]](#)

CALI

Eu queria poder dizer que esperava por qualquer coisa que sairia de sua boca. Contudo, nunca, em minha mente, se passou o que realmente seria dito.

— Eu sou Jacob Vallen!

Senti meu corpo vacilar e me encostei no sofá, tentando permanecer em pé. Eu estava a ponto de desabar e não conseguia acreditar do que acabara de sair da boca de Kirian... *O*

nome dele era Kirian, certo?

— Não. — Soltei baixo, buscando em minha memória o que sabia sobre aquele nome e neguei com a cabeça. — Jacob Vallen é... — Engoli em seco e o encarei sem conseguir acreditar.

— É o monstro dos Vallen.

Ele baixou a cabeça no mesmo instante e senti o mundo pesar sobre minhas costas. Todas as histórias que se contavam na vizinhança ou os alunos comentavam na escola sobre o mais velho dos Vallen, que não seria o sucessor por ser um sanguinário e o melhor assassino do Clã, me acertaram em cheio. Assim como, os comentários conflitantes sobre ele ter sido assassinado pelo próprio pai quando ainda criança. Não existia a chance de Jacob Vallen estar a minha frente. *Existia?*

Olhei para o homem de cabeça baixa e tentei encontrar tal monstro ou qualquer mentira sobre o que dissera. Ele não estava ali. Não poderia estar.

— Kirian... — chamei-o e ele não me encarou, ainda preso ao chão. — Eu não estou entendendo como isso é possível!
—

falei, lembrando-me de um comentário em aulas sobre poderes e supremacias, na qual, um aluno citou que mentiras sustentavam o poder de famílias por gerações – os Vallen não seriam diferentes.

Aquilo foi como um estalo em minha mente. — Eu preciso saber porque está dizendo ser um Vallen.

O vi mexer os ombros e pensei que me olharia, mas ele não fez. Continuou de cabeça baixa, com as mãos nas costas, claramente, sem conseguir me encarar. Aquilo, quebrou-me por inteira.

— Eu sou Jacob Vallen! — falou mais uma vez, e de forma mais firme. — Fui banido da máfia aos doze anos e preso em Viamar. Passei vinte anos lá. Apenas saí porque Oliver Vallen morreu, e meu irmão do meio – Cameron, assumiu o comando.

— Não. — falei, levando as mãos aos cabelos, sem conseguir acreditar. — Olha para mim. — Pedi, e dei dois passos para perto dele, a ponto de tocá-lo, mas não ousei fazê-lo. Eu tinha perdido completa noção do que acontecia ali depois do que ele dissera.

Finalmente, os olhos claros pararam nos meus, e notei as lágrimas não derramadas. Soltei uma respiração profunda e senti

meu coração acelerar, assim como, segurei-me para não chorar junto a ele.

— Eu não queria te trazer para isso, para o meu mundo...

Eu nunca quis condenar alguém ao meu sobrenome, assim como eu sou. Eu... Eu nunca pensei que ia me sentir assim com alguém, de forma tão simples e fácil, a ponto de querer

mesmo ter uma vida fora do que sobrevivi. A ponto de revelar quem sou com todos os riscos, e sendo tão egoísta. — Confessou e uma lágrima desceu, sendo seguida por outras. — Mas eu te condenei no momento em que deixei se aproximar, quando não impedi que...

Ele parou de falar e sabia exatamente o que diria.

— Talvez eu seja um monstro apenas pelo nome que carrego ou pelo sangue que corre em minhas veias. — falou e fiquei estática, deixando as minhas lágrimas descerem. — Um dia, achei que estivesse morto, mas desde que te vi, eu soube o que é estar vivo... e eu quis *realmente* estar vivo.

— Não...

Não consegui mais ficar ali, apenas parada e deixando-o se despedaçar a minha frente. Não existia lógica quando nosso coração estava completamente entregue e sangrando por outra

pessoa. Não pelo o que ele era, mas sim, pela forma como se sentia.

Tentei ir para seu peito, mas surpreendendo-me e cortando uma parte de mim, Kirian se afastou, dando passos para trás.

Fiquei parada, com o ar como afago, e ele permanecia com lágrimas descendo pelo rosto.

— Eu não quero te magoar, mais do que estou fazendo.

Mas sei que tem um bom coração e não vou deixar que isso influencie no que vai pensar sobre mim a partir de agora. — falou e o encarei perdida, ao mesmo tempo que entendia por completamente. Kirian de repente era a única pessoa

racional na sala. — Se quiser me ouvir, eu vou te contar o que quiser saber...

Quero que queira estar comigo sabendo quem realmente sou. Eu não quero mais omitir ou mentir.

— Isso dói em você. — Considerei, notando a forma como estava completamente perdido a minha frente, por mais sensato que parecesse. Ele estava quebrado. Foi a primeira vez que realmente notei que ele o era. — Não quero que me conte algo que vai...

— Eu deixei Jacob Vallen para trás e tudo o que passei no dia em que saí de Viamar. — falou e notei que não mentia sobre

aquilo. Era claro que ele realmente queria deixar seu passado.

Tentei falar, mas ele acabou se antecipando: — Se quero voltar para isso e te contar, é porque mesmo que não queira, faz parte de quem sou. Depois, eu vou enterrar novamente, uma pá de terra por dia.

— Tem certeza? — indaguei, e ele me encarou, limpando as lágrimas e assentindo.

— Eu preciso ter certeza se você quer *realmente* saber. —

falou e deu um passo à frente, aproximando-se. — Se quiser que eu vá sem dizer nada, eu vou. Percebi tarde demais que te envolvi, sem seu consentimento. Mas agora... Não vou repetir esse erro.

Suspirei fundo, notando como ele parecia se culpar por completo. Eu queria entender seu lado, e a forma como parecia achar que fui o seu pior erro. Contudo, eu não

conseguia. Nunca fiz ou quis fazer parte do mundo do qual ele veio. Assim, não tinha ideia de como ele se sentia. Mas me doía a cada palavra que saía de sua boca, porque parecia doer nele.

Repensei e pensei em como cheguei até ali, e como já estava envolvida de qualquer forma com aquela história. Eu queria dar continuidade ao que vivia com ele? Eu queria dar aquela chance de conhecer sua história de fato?

Coloquei-me em um contexto diferente, se aquele dia não tivesse acontecido, em algum momento, eu faria perguntas sobre seu passado ou ele me contaria algo. O que seria comum em uma vida normal de pessoas que estão se conhecendo.

— Você me contaria tudo isso algum dia? — perguntei, encarando-o profundamente. — Sem motivos exteriores, mas simplesmente por querer me contar seu passado.

— Eu quis fazer isso no momento que nos aproximamos, e prometemos verdade um ao outro... — confessou e senti um alívio dentro de mim. Porque de certa forma, eu ainda acertava sobre aquele homem.

— Então, sabe que de alguma forma, chegaríamos aqui...

— abri os braços e sorri, limpando minhas lágrimas já quase secas. — O que quiser me dizer.

— Pode ser *tudo*? — indagou e encarei a profundidade que isso nos traria.

Suspirei fundo e assenti. Fui até o sofá e me sentei, notando a forma ansiosa com a qual me encarava. Ele não queria

apenas gestos, como eu, ele desejava palavras. Era claro. E eu as entreguei.

— Tudo.



25

“Você poderia cuidar

De uma alma quebrada

Você vai me abraçar agora?

[Oh, você vai me levar para casa?”\[27\]](#)

KIRIAN

— Meu pai sempre soube que eu não era o sucessor certo para os Vallen, muito menos a frente da máfia. Sempre quis estudar, e contava a minha mãe o quanto queria isso. Meu pai percebeu e por isso, me proibiu de prosseguir nos estudos. O que

aprendi foi muito pouco e... — falei, e o olhar de Cali permaneceu no meu. Permaneci em pé, sem querer invadir

seu espaço, por mais que já tivesse trazido todo o estrago. — Então, um dia, ele me desafiou. — Complementei e suspirei fundo. — Eu não sabia que era um desafio, até o momento em que chegamos a uma sala escura, com um homem preso e ajoelhado ao chão. — Notei o olhar de Cali vacilar, e acabei encarando meus pés. Não era nada orgulhoso de falar sobre aquilo. Nem um pouco feliz por ter vivido tal situação. — Então, ele me desafiou a atirar em alguém pela primeira vez. *Atirar para matar.*

Fechei os olhos, enquanto contava daquele exato dia, e minha mente voava diretamente para ele. Era como reviver o exato momento. Lembrava-me dos gritos, e da forma como fui chamado de covarde, porque me neguei a pegar a arma de fogo.

— Jake! — bradou, e passei Cameron para minhas costas, tentando tampar a todo custo sua visão. Ele tinha onze anos, e assim como eu, não deveria assistir aquilo. — Brincando do que, Jake?

Como sempre, sua voz era ácida, e senti meu corpo rejeitar o simples contato de seus dedos em meus cabelos. Fechei os

olhos, e tentei pensar em minha mãe, que se tivesse a chance nos tiraria dali. Contudo, sabia que ela não a tinha. Nunca a teve.

— Sua vez. — Afastou Cameron, entregando-me a arma pesada, que me fez cambalear, mas mantive-me em pé. —

Espero que seja mais corajoso do que isso, Jake! — desafiou-me, mas não importava, eu já queria tirar a arma de minha mão e jogar-lhe. — Se não, Cameron aprenderá a atirar hoje... Para matar.

Arregalei os olhos, e soube que ele não brincava. Desde que me entendo por gente, ensinou-me a atirar em alvos no meio da floresta. Eu odiava aquele contato, mas ele sempre soube bem o que usar. Usava Cameron, meu irmão, para poder me manipular.

E foi assim, que aos doze anos, posicionei a arma, e mesmo diante dos gritos do homem desconhecido a minha frente... atirei.

— Eu errei. — Confessei, e soltei os ombros, lembrando-me de como um erro custou o destino de Cameron e o meu. Ao mesmo tempo que tentava protegê-lo daquilo, acabei colocando-o como sucessor de Oliver. Nunca me perdoaria. — Em menos de um segundo, não sei dizer... a arma já não estava em minha mão,

e sim na de Cameron. Oliver a manuseava na mão dele, enquanto um dos homens do Clã me prendeu nos braços, e me impediu de tentar o parar. Eu tentei. Chutei, gritei, esmurrei, mas foi naquele momento que Oliver Vallen atirou na cabeça de um homem, usando a mão de meu irmão de apenas onze anos. —

Notei o movimento de Cali a minha frente, e tinha certeza que não era fácil ouvir tal coisa. Ainda mais, quando era tão real e tão próximo. Não era uma história de família, não mesmo. Muito menos feliz. — Depois disso, eu fui tirado de casa, sem poder me despedir de minha mãe que estava perto de ter Elijah. — falei, encurtando partes, que ainda pareciam me remoer por dentro, toda vez que simplesmente tinha pesadelos sobre.

Lembrava-me claramente da cena, e era como se estivesse revivendo cada passo. Cada parte do passado que tentei enterrar por todos os vinte anos que se passaram. Ali,

contando para Cali, eu soube que não tinha jogado terra o suficiente sobre o mesmo. Infelizmente.

Lembrava-me do momento em que Oliver deixou Cameron na sala, ainda encarando o morto, e me levou para fora, puxando-me consigo por uma das saídas secretas da mansão, que apenas os membros de alto escalão e a família sabiam.

Lembrava-me do momento em que minha mãe tentou pará-lo, mas foi rapidamente impedida por uma das suas seguranças pessoais. Tentei ir até ela, sem sequer entender o que aconteceria comigo. Ela gritava que me amava e sabia que o fazia, mas que não tinha força dentro do Clã. Ela não pôde parar Oliver Vallen. Ninguém podia.

— Fui preso em Viamar naquele dia. — Engoli em seco e tentei encontrar as palavras certas.

— Viamar é a prisão mais famosa do Clã, conhecida por torturar estupradores, assassinos e traidores - ao menos, é o que se sabe. — Cali falou e eu assenti, sem ainda a encarar.

— Fui considerado um traidor por meu pai, por não conseguir matar. Então, hoje, acredito que pela vergonha que ele sentiu de ter um filho que não era como ele, ele inventou o monstro dos Vallen, ao mesmo tempo que declarou que o filho mais velho morreu de câncer, ou qualquer outro boato. —

comentei e dei de ombros. Eu nunca de fato entenderia Oliver, nem tentei mais. Passei e perdi muito tempo pensando sobre aquilo, e nunca me levou a nada.

Eu tinha muito a contar, mas sabia que não era preciso.

Contar tudo o que passei, detalhe a detalhe, poderia apenas mostrar as monstruosidades de Oliver Vallen, e não de quem realmente era. Não precisava lhe falar que quase morri nos primeiros anos, e não entendia até hoje como consegui sobreviver.

Talvez por sempre pensar em Cameron, Elijah e minha mãe, acreditando inocentemente que eles me tirariam dali. *Um dia*. Mas levou vinte anos para que acontecesse, e mesmo assim, eu nunca pude vê-la novamente.

— Demorei um tempo para entender que não ia sair, e que as surras diárias eram a forma como Oliver encontrou de me punir por não ser o sucessor. — comentei e finalmente consegui encarar Cali, com medo e aterrorizado de encontrar nela, exatamente o que nunca quis - pena. Felizmente, ela não me encarava assim. Ela parecia mais em choque. Entretanto, não era algo bom, mas ainda assim, compreensivo. — Depois de quase cinco anos, pelas minhas contas não muito certas, *Kirian* apareceu em minha vida. Um homem mais velho que foi destinado a ser meu guarda lá dentro, e que seria o único a ter contato comigo. Segundo ele, porque os três anteriores, tentaram vender informações sobre o mais velho dos Vallen para uma máfia rival. Não existia ninguém além de mim naquela cela, uma

pequena janela e concreto. Eu era isolado de todos e de tudo, e recebia o mínimo para poder estar vivo, foi o que ele me contou na época. Demorei a entender que ele me ajudava, porque depois de todo aquele tempo, eu já não confiava em ninguém. —

Confessei e Cali me encarou perplexa. — Ele me ensinou a lutar, em vez de me surrar de fato. No começo, achei que

ele era um teste de Oliver. Mas depois de um tempo, simplesmente aceitei.

Se ele era, simplesmente pagaria por aquilo. Talvez fosse morto.

Mas nunca aconteceu.

— Oliver não te queria morto. — A conclusão de Cali era certa, assim como a que eu tive depois de alguns anos. — Por que?

— Sangue não toca em sangue - é uma das regras inquebráveis do Clã Vallen. Tocar significa morte, assim...

— Ele não podia te matar. — Complementou e eu assenti, concordando. — Quem é esse Kirian?

— Nunca soube nada além do primeiro nome ou de seus porquês. — falei e Cali me encarou confusa. — Sei que depois de alguns anos, em uma noite, ele avisou que sumiria e que nunca mais o veria. Que era para o meu próprio bem. — Lembrava-me perfeitamente de como ele parecia mal com aquilo, e da forma

como senti meu mundo ruir. — Eu nunca mais o vi. Mas depois que ele se foi, a violência voltou e com ela, dois guardas muito maiores que eu, na época. A diferença da minha vida antes de Kirian, é que eu tinha aprendido a brigar, e então, não só apanhava. Eu conseguia bater e derrubar. Foi quando deixaram meu cabelo crescer e começaram a usar isso contra mim. — falei com pesar, e Cali olhou diretamente para meus cabelos. — Mas eu ainda era mais rápido e mais ágil...

— Kirian parece alguém que foi lá para te preparar, como se para te proteger. — falou interrompendo-me e assenti,

concordando por completo.

— Sempre imaginei que ele tinha alguma ligação com minha mãe. — Confessei e Cali me encarou curiosa. — Não sei explicar porque, mas ele sempre me fez jurar que nunca procuraria saber sobre ele ou algo mais. Que o que ele fazia ali, era para mim e *apenas*. Assim, eu o respeitei. Porque ele foi a única boa pessoa que conheci em anos.

— Como saiu de lá? — perguntou e acabei ficando mais aliviado, por ela ainda me encarar diretamente nos olhos. Ela parecia ter medo da história em si, mas não de mim.

— Um dia, os guardas apareceram e me levaram pelo mesmo caminho que fiz vinte anos atrás, também escondido em Viamar. Antes de sair, fui colocado diretamente em um banheiro e jogado lá dentro. Ordens expressas para tomar um banho e me arrumar com roupas em uma sacola. Eu o fiz, sem ainda entender. Foi quando me tiraram de lá e na saída não convencional de Viamar, tinha um carro parado, me esperando.

Depois de alguns minutos eu sabia que era Elijah. Ele é muito parecido com nossa mãe. Foi quando soube da morte dela e de Oliver e que Cameron assumiu tudo, e que eu precisava de uma nova identidade se quisesse uma vida.

— Por isso! — Ela falou quase em um grito e levou as mãos ao alto da cabeça. — Quanto mais me conta, mais tudo faz sentido. O fato de não saber ler e escrever e tudo que desconhece... *Putá merda!*

— A casa do lado foi algo deixado por nossa mãe para Elijah, mas ainda não sabemos ao certo como ela conseguiu o tirar de Oliver e da máfia não saber dele.

— Lind me contou a parte de ter morado ao lado porque a casa pertencia a mãe falecida do sucessor dos Vallen, para o qual, ela é prometida. — comentou e acabei concordando com a

cabeça. Cameron contou por cima de como descobriu tudo sobre Lindsay, e que agora, ele a protegeria de vez - já que ela era sua futura esposa. — Isso é tão roteiro de livro ou filme... *Putá que pariu!*

— Quando cheguei aqui, no dia seguinte, a gente se conheceu e o resto...

— O resto eu sei. — Complementou, e seu olhar parou no meu, enquanto ela tinha uma mão no rosto e outra na cintura. —

Eu tenho certeza que não me contou metade do que realmente passou. — Afirmou e resolvi ficar apenas parado, sem tentar demonstrar algo. — Mas aceito sua omissão sobre isso porque...

Só de imaginar com a ponta do iceberg imagina se... Do que Oliver Vallen morreu? — perguntou de repente, deixando-me sem entender.

— Câncer. — falei, lembrando do que Elijah pontuou. —

Não sei exatamente qual, ou o que realmente aconteceu...

Apenas o fato de saber que ele está morto é o bastante.

— Será que sou uma pessoa ruim por querer que ele tivesse sido torturado de formas incompreensíveis? — indagou de repente, surpreendo-me por completo. — Que os céus me perdoem por desejar isso, mas... — parou e pareceu pensar sobre

algo e negou com a cabeça. — Não posso pedir perdão porque não estou arrependida por desejar isso a ele.

— Ele está morto, Cali. — falei e sei entender como, eu sorri para ela. Cali me trazia algo que nunca pensei que sentiria novamente - carinho. Puro e sem precisar de sentido. —

Felizmente, com isso, eu tenho uma vida.

— Que eu quase *fodi* hoje. — falou e neguei rapidamente com a cabeça. — Não adianta me olhar assim, eu sei que caí feito um patinho na armadilha daqueles *filhos da puta* da escola...

— Cameron vai cuidar disso, ele me prometeu. — falei e Cali pareceu soltar o ar que segurava. — Eu não sei exatamente o que vai acontecer, mas estamos seguros.

— Esse é seu real medo, não é? — indagou e a encarei sem entender. — De que eu não esteja segura? — assenti e ela pareceu pensar sobre algo, enquanto olhava para a porta da sala.

— *Mas e você?* Está confiando em mim, toda a sua vida, seus segredos... tudo.

Ficamos nos encarando por alguns segundos e aquela conexão que apenas conheci com ela, se fez marcante e presente, como sempre. Sorri, tentando não focar nos olhos

marejados. Cali era realmente uma boa pessoa, e merecia algo melhor do que viver a margem de um homem como eu. Por mais que nunca desejasse que meu sobrenome e sangue me definissem.

— Eu te prometi tudo. — Confessei e notei seus olhos ainda marejados. Ela negou com a cabeça e parecia não saber

lidar com o que acontecia. Nunca a julgaria por não o fazer.

Tomando coragem, fui até ela e a puxei levemente para mim, que felizmente, veio. Beijeii sua testa e senti seus braços me envolverem fortemente.

Deixei uma lágrima descer, sentindo minha alma mais leve, por ter compartilhado aquilo com ela, ao mesmo tempo que me sentia culpado por o fazer. Era uma mistura de sentimentos que não sabia explicar. Desde o momento em que encontrei Cali, nunca mais soube lidar com eles. Apenas me deixei ir.

Ali estávamos.

Novamente.

Nos braços um do outro.

Eu ficaria feliz se todos os finais fossem exatamente assim, com ela.



26

“Foi o melhor dos tempos, o pior dos crimes

Eu risquei um fósforo e explodi sua mente

Mas eu não quis fazer isso

[E você não viu.”\[28\]](#)

CAMERON

Assim que meu irmão saiu, permiti-me gritar a raiva que sentia. Por mais que soubesse velar e esconder meus sentimentos, não poderia fingir, estando sozinho, que senti pavor e medo quando chegou até mim que poderia estar morto. Tudo o

que queria para ele, era uma boa vida, diferente da que tive por tantos anos. Jacob merecia mais do que aquilo.

Mas ali estava a máfia e pessoas do Clã Vallen, que eu assumi, quase o destruindo novamente. Estava na hora de as coisas realmente mudarem. Por mais que pensasse em fazer tudo com calma, não existia tal possibilidade. Oliver Vallen tinha tornado aquele Clã apenas uma ordem de matança, medo e deslealdade.

Eu não era como ele.

Peguei a primeira coisa que vi e joguei em direção a parede, tentando esvair a dor que sentia pelo o que meu irmão passou, ao mesmo tempo que tentava me controlar. O ódio cego não levava a nada, eu sabia. Senti aquilo na pele por anos. Jacob o sentiu. Elijah o mesmo.

Precisava que fossemos diferentes. Por mim, por eles e por nossa mãe.

Bati com os dedos sobre a mesa, na qual estava encostado. A porta se abriu após duas batidas, e meu olhar já estava

nela, erguido, como sempre. Javier entrou com seu olhar característico, como se tudo estivesse certo e controlado.

Diferente de como nossas vidas se transformaram nos últimos dias.

— Eles estão seguros? — indaguei, e ele assentiu, parando a alguns passos de mim. — Certeza?

— Essa é a primeira vez em anos que insiste em me perguntar algo. — comentou e eu assenti, e sabia que ele me entendia. — Assim como Lindsay está.

— Quero cada um deles na sala de julgamento em menos de dois minutos. — falei e ele assentiu em seguida. — Exija que o que sobrar deles, após isso, vá atrás dos reais culpados. Mas enquanto você os julga, eu quero falar com o aluno que os delatou, saber exatamente o que acontece naquela escola e ao menos, começar a entender aquela região da cidade.

— Sabe que Oliver nunca puniu os que julgam errado dentro dos Vallen, certo? — perguntou com escória, e eu assenti, dando de ombros. — Muito menos ele pensava nos pobres da cidade, ainda menos, do país.

— Bom, você vai estar lá comigo mandando todos os que são contra as novas ordens pro inferno, se for preciso. — falei com destreza. — O Clã Vallen assumiu a máfia para ser a justiça para um país em caos, é o que dizem. Então, vou apresentar a real justiça.

— Está fazendo certo, amigo.

Um barulho na porta ao lado chamou nossa atenção, e foi a vez de Javier sorrir. Porém, ele ria de mim.

— Sabe que apenas uma pessoa bate dessa forma em uma porta trancada pelo líder do Clã. — falou e deu de ombros, saindo pela porta a minha frente. — Boa sorte, amigo.

Fechou-a atrás de si, antes que pudesse mandá-lo a merda. Apertei o botão para a porta ao lado se abrir, e de repente, vi Lindsay cair sobre seus joelhos. Com toda certeza, estava basicamente escorada na porta e não esperando que a abrisse.

Pensei em ajuda-la, mas pelo pouco que sabia, ela não aceitaria aquilo. Nem eu mesmo deveria estar disposto ao mesmo.

— O que quer, Ferraro? — perguntei, voltando para a mesa, e me encostando.

Notei a preocupação em seu semblante e com toda certeza, ela havia chorado. Os resquícios de lágrimas em seu rosto eram claros. Era a primeira vez que via alguma fraqueza nela.

— Quero Cali segura. — Praticamente exigiu, como boa herdeira dos Ferraro. Ela foi ensinada a nunca baixar a guarda e nunca deixar de exigir o que era dela por direito. Não a julgava, pois fizeram o mesmo comigo. Contudo, não poderia deixar que ela achasse que tinha algum poder ali. — Preciso dela segura.

— Como veio parar aqui? — indaguei, ignorando seu pedido. — Deixei duas seguranças com você.

— Elas vieram comigo. — falou por fim. — Estão atrás da porta que abre quando você toca nesse botão ridículo, e fecha em dois minutos. — Seu tom era cínico.

— Como as convenceu a te trazer aqui? — perguntei e ela me olhava em desespero, com certeza, não querendo entrar naquele mérito. E com toda certeza, a ponto de explodir por eu ignorar todo seu contexto.

— Sou uma Ferraro, eu consigo o que quero.

— Você está longe de casa, Ferraro. — Afastei-me da mesa e fui até ela, ficando a um fio de cabelo de distância.

Poderia negar e dizer que ela não era bonita e que não me atraía, mas ainda assim, não era o suficiente para deixar qualquer brecha. Ninguém conseguiria aquilo, não de mim. — Está na mansão Vallen.

— Tô pouco me fodendo, Vallen. — Arqueei uma sobrancelha, um comando silencioso de que ela estava passando dos limites. — Sabe muito bem disso. — falou, e notei a frieza em seu olhar. — Só quero a minha melhor amiga segura.

— Só isso? — indaguei, e por mais que ela pudesse disfarçar, notei o rápido momento em que os olhos analisaram meus lábios. Eu sabia que ela queria mais comigo, e não era algo que surgiu quando a reencontrei.

— Só.

Afastou-se de mim, dando um passo atrás. Guardei minha arrogância, vendo que ela não conseguia disfarçar a atração que sentia, por mais que sua repulsa fosse maior. Contudo, ela teria que se acostumar ou não com aquilo, porque no final de tudo, ela era minha prometida. A prometida que eu estava disposto a rejeitar, assim que possível.



27

“Eu vou esperar, eu vou esperar

Eu vou te amar até você nunca sentir

A dor, eu vou esperar

Eu prometo, não tenha medo

Eu vou esperar, meu amor está aqui e veio para ficar

[Então, deite sua cabeça em mim.”\[29\]](#)

CALI

Eu nunca pensei que me sentiria tão bem, estando nos braços de alguém.

Na realidade, sempre busquei me sentir de tal forma. Em todos os meus breves relacionamentos e até mesmo, em momentos de uma noite e nada mais. Buscava avidamente por aquele sentimento. De me sentir parte de algo, além da minha profissão.

Depois de muitos anos, sem que eu percebesse ou desejasse, aconteceu. Eu estava nos braços de alguém, sentindo-me parte de algo maior. Algo que não se resumia apenas aos meus sentimentos, ou aos dele. Resumia-nos em algo que ao toque, fazia esquecer o mundo ao redor. Criando o nosso mundinho, longe de qualquer coisa que pudesse machucar.

Em tantos detalhes Kirian se encaixava na minha vida, na minha alma, no meu corpo, e eu sabia, que em meu coração.

Afastei-me levemente e notei seu rosto molhado pelas lágrimas que desciam. Ele tinha medo, e agora eu conseguia entender ao menos um por cento do que sua vida foi. Toquei seu rosto e limpei-o, com todo carinho que sentia.

Ele me alertou e avisou. Eu sabia dos riscos que correria permanecendo com ele. Eu o alertei e o avisei. Ele sabia exatamente o que lhe aguardava se fosse completamente sincero.

Ele era um mar de quietude, mas que com um temporal, como eu, poderia se tornar uma ressaca em pouco tempo. Sabia que éramos muito diferentes em diversos aspectos, mas ali, notando sua fragilidade, e a forma como me encarava, sabia que existia muito mais em comum. A gente queria estar junto e se culpava de colocar o outro em perigo. *No real perigo.*

Fui novamente para seu peito e o abracei com toda minha força, e senti os braços se apertarem ao meu entorno no segundo seguinte. Ele soluçou e chorou junto a mim, e eu tinha consciência que não sabia nem um por cento do que tinha para contar. Descobri porque ele falava tão pouco e

porque trazia consigo um ar tão grande de mistério. Eu conseguia lê-lo, antes mesmo de querer o fazer.

Aquele dia estava sendo destrutivo. Dentre voltas e revoltas que aconteciam a cada segundo. Mas como sempre, nos braços dele, eu não conseguia pensar em mais nada. Apenas queria permanecer ali. Eu conhecia aquele homem, que estava nos braços. Por mais recente que fosse e por mais instantâneo que parecesse. Eu o conhecia.

Conseguia sentir seu coração bater acelerado, assim como o meu. E *eu* sabia que ele não era um monstro. Ele poderia ter o

sobrenome que fosse, aquilo não o definia. O que o definia para mim, era o que se mostrou. Suas atitudes, olhares, poucas palavras, sorrisos simples, gargalhadas inesperadas...

— Só a verdade. — falei baixo, e o encarei, tocando levemente seu rosto. — E a gente... É o que importa. — falei e notei seu olhar perdido. — Apenas fica e vamos fazer as coisas darem certo.

— Não posso te condenar a mais nada. — falou, encostando nossas testas e notei a tensão em seu corpo.

— Mas eu posso escolher estar com você. — Rebatí, e o fiz me encarar. — Não me condenou a nada, Kirian. Isso... — fiz um sinal entre nós e ele acompanhou meu dedo com o olhar. — É

algo inevitável. Como nos sentimos pelo outro, ia acontecer, querendo ou não. Se negando ou não.

— Eu não sei fazer isso, Cali. — Avisou, e notei o quanto isso era profundo sobre si. — Eu nunca tive um relacionamento

dessa forma, nunca... Eu não quero errar e te machucar.

Passou um dedo sobre meu rosto delicadamente, sobre algumas lágrimas secas, e suspirei, encarando-o com carinho.

— Já fiz o bastante hoje. — Confessou e neguei rapidamente com a cabeça, puxando suas mãos para a minha boca, beijando-as.

— Vem.

Puxei-o levemente e seu olhar se perdeu, claramente não entendendo o que eu faria. Apenas sorri, e ele me seguiu, confiando em mim. Como sempre fez, desde o primeiro momento em que nos vimos. E tinha a clara certeza quando abriu seu mundo para mim. Kirian me dava mais do que as pessoas entregavam durante uma vida. Ele apenas não parecia ter noção daquilo. Mas eu o mostraria.

Saímos de casa e nos levei até a parte da frente, coberta pela grama já um pouco alta. Sorri, lembrando-me do momento exato em que ele se sentou ao meu lado, e simplesmente ficou.

Mal sabia eu, que ao fazer isso, ele realmente ficaria. Mal sabia ele, que ao fazê-lo, que eu queria que ficasse. E permanecesse.

Parei no mesmo lugar onde minhas lágrimas e desespero encontraram conforto em um completo mistério bonito, que ele o era, naquele primeiro momento. Ali, olhando-o profundamente, eu sabia que Kirian ia muito além da beleza e de seus mistérios. Eu o sentia e via como único.

Soltei-me de sua mão e me sentei, cruzando as pernas, e esperando que ele fizesse o mesmo, quando fiz um sinal

com a cabeça e bati na grama ao lado. Ele não demorou nem dois segundos para me seguir, e assim, sentou-se, deixando uma pequena distância entre nós. Mais curta do que da primeira vez, porém, ela ainda existia. O que me mostrava que ele se sentia próximo a mim, mas ainda tinha medo.

— Eu também tenho, sabe? — indaguei, e encarei o céu, notando a lua cheia que nos presenteava com sua alta compostura. — Tenho medo de muitas coisas na vida... — olhei-o de lado e ele me encarava, como se em busca de respostas para perguntas nunca feitas. — Principalmente do verdadeiro amor.

— Você acha que sou isso? — perguntou baixo, do seu jeito típico, e olhando-me como se fosse a única coisa que valia a pena de ser vista. Ele ainda não sabia do quanto aquilo me tocava, ao mesmo tempo que me deixava completamente insegura.

— Eu acho. — Admiti, e sorri, tentando não surtar por finalmente colocar aquilo para fora em palavras claras. — Acho que soube desde quando nos vimos e eu só queria ficar olhando para você. — Confessei e respirei profundamente, fugindo por um

segundo de seu olhar. — E isso me dá medo *pra caralho*, Kirian!

Ainda mais agora.

— Por que? — indagou e notei a forma como ficou acuado.

— Não é nada do que está pensando. — falei e puxei sua mão para a minha, ficando mais próxima. — É a minha insegurança gritando que você tem *tanto* para conhecer e descobrir... Eu sou uma mulher normal com sonhos bem

normais, e ao mesmo tempo que sinto que pode me deixar a qualquer minuto, você me olha como se fosse ficar para sempre. E quero dizer, o sempre real.

— Mas eu quero ficar... — comentou baixo, fazendo-me mergulhar em seu olhar. — *Para sempre*, como você diz.

— Eu nunca me senti dessa forma por ninguém, mas e você, Kirian? Não teve sequer a oportunidade de quebrar a cara por aí. — brinquei, mas no fundo, eu sabia que isso me tocava além.

— Minha mãe dizia que se um dia encontrasse algo que me fizesse querer proteger, lutar e guardar, eu conheceria o amor.

— comentou e mais uma vez, acertou diretamente em meu peito.

— Não quero te pressionar a estar comigo porque me contou sua história e... Não quero parecer uma maluca confessando que quero estar com você. — falei e fechei os olhos por alguns segundos. — O medo que senti na hora que ameaçaram a sua vida foi a pior sensação de toda minha vida. —

Confessei, e senti meu corpo tremer ao lembrar. Senti os dedos de Kirian em meu rosto, e abri os olhos, sendo recebida pela intensidade que apenas ele me trazia. — Sou uma bagunça completa, e estou sendo sincera sobre isso. A gente pode não funcionar em mil aspectos, mas quero que saiba o que sinto, mesmo assim.

— Parece que nós dois temos medo de machucar o outro...

— comentou e eu assenti, envolta por sua mão em meu rosto.

— Gosto de nós dois descomplicados, bêbados e dançando na minha sala de estar. — Confessei e um sorriso lindo apareceu em seu rosto. — Podemos partir daí, o que acha?

— Bêbados e dançando na sala de estar? — perguntou e eu assenti, ficando ainda mais próxima dele, e me sentindo envolta daquele sentimento que tanto me atormentava e de repente, apenas saía e explodia. Mil pedaços de amor caíram sobre mim, com o nome de Kirian cravado em cada um. — Tem

certeza? — indagou e sabia que não era uma simples pergunta de duas palavras.

Ele queria que eu fosse honesta sobre tudo. Que eu tivesse certeza de continuar. Não era a primeira vez naquela noite que ele o fazia, e sabia que não seria a última, mas a resposta seria a mesma, em todas as milhares de vezes, se necessário.

— Eu tenho, mas... — sorri, e senti seus dedos acariciarem minha bochecha. — Acho que preciso de um beijo para ter completa certeza.

— Cali.

Repreendeu, sorrindo como eu, e me senti como uma adolescente próxima do *crush*. Era exatamente como ele me fazia sentir em alguns momentos. Muitos deles. Mas quando seus lábios vieram para os meus, eu tinha a certeza de que não era uma adolescente. Era uma mulher sentindo-o tomar cada parte de meu corpo, coração, mente e alma.



28

“Eu, eu te amei apesar de

Temer que o mundo nos divida

Então, querido, podemos dançar

[Oh, no meio de uma avalanche?”\[30\]](#)

CALI

Olhando para o teto de minha sala de estar, fiquei me indagando quantos giros minha vida deu naquele dia. Suspirei fundo e voltei meu olhar mais para baixo, e o de Kirian estava sobre mim, como sempre. Eu estava deitada em uma almofada,

colocada sobre suas pernas, uma manta sobre meu corpo, assim como sobre o dele. Fazia frio, mas estranhamente, não me era ruim.

Talvez porque eu estivesse junto a alguém que realmente olhava para mim.

Talvez porque gostaria de estar junto com aquela pessoa pelo resto dos dias.

Quais as chances de se apaixonar à primeira vista por alguém e essa pessoa ser a certa? Qual a probabilidade de não ser mais um carro de fuga de outro relacionamento, ou um verão cruel longe do verdadeiro amor?

A resposta me vinha como uma brisa no momento em que o olhar dele encontrava o meu. Afagando-me com sua presença e me energizando a ponto de querer gritar o quanto me fazia bem.

Era um amor diferente dos amores que esperei e busquei. Era um amor antes mesmo de eu saber que o era, e talvez fosse a explicação mais simples.

Não era pela cor ou formato dos olhos, do cabelo ou da pele... era pela forma como os olhos me liam e me seduziam para si, sem o mínimo de pretensão.

— Acha que estamos seguros aqui? — perguntei, e trouxe uma de suas mãos para meus cabelos, deixando-a ali.

Fazer tais gestos, mostrava-lhe o que era bom para mim, e sabia que era o que esperava. Agora sabia do exato porquê de ele não entender basicamente nada sobre toque. Só de pensar no que passou, meu coração se apertava. Por aquilo, tentava focar nas coisas boas dentre as ruins que vieram. Ao menos, queria encontrar as boas para ele também, de alguma maneira.

— Tenho certeza. — Sorriu levemente, encarando-me da forma que apenas ele conseguia. Talvez, apenas ele ousou. E eu adorava a forma como ele parecia me adorar. — Para todos os efeitos, eu não existo mais, então...

— Ei! — levei uma mão a sua boca e o silencieei. — Jacob Vallen não existe, mas Kirian... *o meu Kirian* está bem aqui.
—

Passei minha mão por seu rosto, com todo meu amor, e ele a pegou, levando-a até seus lábios, dando um leve beijo. — Te incomoda ter trocado de nome e tudo isso para recomeçar?

— *Sinceramente?* Nem um pouco. A questão maior é que sempre odiei meu sobrenome, e nunca tive algum apego por meu primeiro nome. Acredito que o problema nunca esteve nos nomes em si, mas em como eram importantes para Oliver e toda a máfia.

Me sinto honrado de poder ter escolhido o nome de alguém que me ajudou e esteve lá por mim quando o mundo parecia acabar.

— Você parece focar apenas nas coisas boas e bonitas que te aconteceram em meio a tanta... — fiquei em silêncio, assimilando tudo aquilo. — Mas acho que o importante é focarmos no agora, não é? — indaguei, e levantei meu tronco, ficando de lado para ele, com as pernas ainda esticadas. Kirian acompanhou meus movimentos e assentiu em seguida. — O que gosta de fazer que te faz focar em coisas boas e bonitas?

Ele pareceu pensar um pouco e voltou sua atenção para mim.

— Banhos quentes, repetir a mim mesmo que estou seguro, encontrar meu irmão caçula, jantar com ele e com você, falar com Cam ao telefone, cozinhar com você, aprender com você... — sorriu levemente e prosseguiu: — Estar com você, Cali.

Levei uma mão até seu rosto, e sorri, encostando nossas testas.

— Você nasceu um romântico e mal sabe disso. — falei e beijei-o levemente. — Que tal eu ler um livro para gente hoje? —

perguntei, e seu sorriso aumentou consideravelmente.

— Eu gostaria muito, eu só não quero atrapalhar caso queira dormir e...

— Ei! — acariciei levemente sua barba. — Sei que não percebeu, mas eu praticamente te coloquei aqui para dentro e não quero que saia tão cedo, eu sou uma mulher forte, Kirian, mas não vou mentir...

— Está com medo. — Complementou, como se finalmente lesse aquilo em meus olhos.

— Eu estava bem enquanto comíamos algo e bebíamos vinho, mas quando deitei aqui e fiquei com você, olhando para o nada e vendo tudo, reconsiderarei o que não pensei antes. Ou que pensei e bloqueei por alguns segundos. Tenho medo de a qualquer momento alguém venha estourar nossa bolha e... —

Respirei fundo e virei minhas pernas em direção ao chão, ficando sentada, com os cotovelos sobre os joelhos. — Sabe, eu te amo, e tô pronta para quebrar a cara de qualquer um que tente te machucar... Mas só de pensar que alguém pode querer te machucar, isso... — parei de falar, sentindo-me exausta apenas por considerar a possibilidade.

— Ei! — foi a vez de ele me chamar atenção e me puxou para si, levemente, e quando notei, estava basicamente sentada

sobre seu colo. — Confia em mim, certo? — indagou e assenti prontamente.

— Confio, completamente. Eu só... Só tô surtando porque nunca amei alguém a ponto de ter medo de perder. — Confessei, deixando algumas lágrimas descerem. — Sou briguenta, barraqueira, mando a merda se preciso, caio na porrada... Não sou de ter medo, Kirian.

— Hoje foi um dia ruim de várias formas, Cali. — falou devagar e me dando toda sua atenção. — Às vezes, o melhor, é colocar para fora. Porque depois, pode custar nossa própria sanidade.

Olhei-o com toda minha paz perdida, e consegui reencontrar parte ali. Na sua fala pausada e certa. Nos braços que me acolhiam para si. No olhar que tirava parte do desconforto em meu peito.

Encostei nossas testas e apenas fiquei ali, por alguns segundos, tentando colocar para fora o que não fiz antes.

— Obrigada por entender a minha própria confusão. —

falei e suspirei profundamente. — Nem eu me entendo, na maioria das vezes.

— Eu não sou bom com palavras, mas estou aqui.

— Kirian, você é *tudo* exatamente assim. — passei meus braços ao seu entorno. — Não quero, nunca, que se torne um estranho.

— Eu não vou. — Sua fala era decidida, enquanto colocava minha mão sobre seu coração. — Não quero isso, Cali.

— Eu sei. — Sorri e uma de suas mãos subiu para meu rosto, secando minhas lágrimas. — Sou uma bagunça completa.

— É a bagunça que eu quero.

Naquele momento ele desarmou a última barreira que existia em mim, caso ela ainda estivesse de pé. Kirian era um sonho que respirava, a minha frente, como o parceiro que sonhei por toda a vida. O complemento certo para uma mulher que adorava ser livre, e principalmente, livre para amar alguém da forma bagunçada que era.

— Pode ficar aqui hoje? — perguntei, sendo mais direta que antes, e entendendo a mim mesma, de que não queria passar aquela noite só.

— Dormir aqui? — indagou, como se ainda tentando me entender, e assenti, tentando não parecer maluca por oferecer

aquilo.

Ter Kirian sob o mesmo teto que eu durante uma noite, e poder vê-lo logo de manhã não seria algo ruim. Nem de longe.

— Não estou dizendo para dormirmos juntos, apenas... —

tentei me explicar, mas o olhar observador de Kirian e a forma como parecia levemente sem jeito, acabou me deixando da mesma forma. — Tenho um quarto de hóspedes, lá em cima. —

Pisquei um olho e ele pareceu relaxar, e sorriu levemente.

— É que eu não durmo com ninguém há muitos anos. —

Praticamente se explicou e eu neguei com a cabeça.

— Não precisa explicar, acredite, tudo tem seu tempo e...

Se um dia cair na minha cama, não vai ser para dormir. —

Provoquei, vendo que voltava a ser eu mesma, e ele arregalou os olhos, espantado. — *Brincadeira!* — gritei, e agarrei-o, abraçando com todo meu carinho. — Ou não. — Sussurrei em sua orelha e me afastei, pulando de seu colo e ficando de pé.

Aquele assunto.

Aquela proximidade.

Ok, Cali estava de volta!

— Vem! — estendi-lhe a mão e ele ainda parecia paralisado com minha fala, mas o sorriso para o lado me contava outra história - aquele sorriso que me fazia derreter. — Vou te mostrar o quarto de hóspedes.

Ele assentiu e segurou minha mão. Assim que me virei para ir em direção as escadas, fui parada por sua mão me puxando para si. Surpreendendo-me fui até ele, levemente, como se fosse para ser. Kirian me puxava para si, de fato, pela primeira vez. Se eu já estava encantada com tudo que aconteceu nos momentos perdidos em nós que já tivemos, ali, senti-me flutuar.

Ele não hesitou. Puxou-me para si, beijando-me profundamente, como se precisasse daquele beijo como se necessita de oxigênio. Eu sentia o mesmo, no momento em que nossas línguas se encontravam e adoravam, e suas mãos me puxavam para si, como se para deixar claro que

ele era meu, mas também estava ali, para que eu fosse dele.

Eu o era.

Ele sabia.

Mas ali, entendi que não era para responder qualquer dúvida. Era um beijo de reafirmação. Era um beijo de amor.



29

“E nossas peças caíram

Bem no lugar certo

Presos nos momentos

Batom no seu rosto

[E assim vai...”\[31\]](#)

Dias depois...

KIRIAN

— *“Mas seus braços estão lá para me consolar. E por fim, sua boca. Na noite em que sinto aquela coisa novamente, a ânsia que tomou conta de mim na praia, sei que isso teria acontecido de um jeito ou de outro. Que aquilo de que necessito para sobreviver não é o fogo de Gale, aceso com raiva e ódio. Eu mesma tenho*

[fogo suficiente...](#)”[32] — Cali parou de repente, e afastou seu corpo levemente do meu. Ela estava deitada sobre meu peito, entre minhas pernas, enquanto terminava de ler uma de suas trilogias favoritas, e os livros eram de fato incríveis. Estava ansiando o dia todo por aquele momento com ela. Para que eu pudesse ouvir o final da história. — Sua vez, o que acha? — indagou, entregando o livro de capa azul em minhas mãos. — Hoje você foi muito bem lendo os textos que passei e...

— Acha mesmo que consigo? — indaguei e ela não me entregou resposta alguma.

— O que você acha? — instigou-me, e sabia que era o que Cali fazia diariamente a meu respeito. Ela encorajava minha ambição de acreditar mais. Principalmente, em minha própria capacidade.

— Acho que consigo. — Olhou-me com reprovação e fez sinais positivos com a cabeça, como se para me apoiar. Não resisti, e aproximei meus lábios do seus, sentindo o gosto que era tão bom e abrasador. Assim que me afastei, ela sorriu levemente, e continuou a me encarar como se fosse o seu sonho mais bonito.

Era exatamente do que ela me chamou na noite anterior.

Era exatamente o que eu vivia naqueles dias.

O caos de um dia nos marcou, mas ele passou. Cali não me olhou diferente, independente do que agora sabe sobre mim e sobre minha família. Pelo contrário, ela parecia entender ainda mais a respeito de quem eu era.

E de alguma forma, finalmente pude ser honesto sobre como me sentia sobre algo e ainda mais, sobre o que desconhecia. Ela me motivava, todos os dias, a querer ser melhor.

Não apenas como pessoa, mas para descobrir que pessoa boa poderia ser.

— Eu consigo. — falei por fim, e ela bateu palmas, virando-se rapidamente para onde estava antes, deitada sobre mim, e tive de me ajeitar melhor para deixar o livro a uma distância boa para ler, ao mesmo tempo, que meus braços a envolviam. —

“Necessito é do dente-de-leão na primavera. Do amarelo vívido que significa renascimento em vez de destruição. Da promessa de que a vida pode prosseguir, independentemente do quão

insuportáveis foram as nossas perdas. Que ela pode voltar a ser boa. E somente Peeta pode me dar isso. Então depois, quando ele sussurra: Você me ama. Verdadeiro ou falso? Eu digo a ele: [Verdadeiro.](#)”[33].

Minhas mãos tremiam quando terminei e senti as de Cali pairarem sobre elas, ao mesmo tempo que seu olhar, me encarou de baixo. Fechei o livro, ao mesmo tempo que ela se virou, e seu olhar se prendeu de fato no meu. Sem dizer absolutamente nada, me abraçou, da forma que apenas ela o fez. Ela me acolhia e me fazia sentir parte de algo. Parte de nós.

— Eu tenho tanto orgulho. — falou, afastando-se apenas o necessário para que seus olhos estivessem nos meus. Eu entendia que nossa relação era real ali, na forma como sempre buscávamos o outro no olhar. De forma, que sabíamos que podíamos nos ler por completo. — Estou tão feliz que está conseguindo tudo isso... — suspirou fundo e sorriu amplamente.

— Obrigado. — Deixei o livro sobre o encosto do sofá e levei a mão até seu rosto, acariciando-o levemente. — Parece que em alguns dias vou poder começar a trabalhar? — indaguei e ela sorriu ainda mais, fazendo um gesto que não compreendi com a cabeça, se era positivo ou negativo.

— Eu acredito que em algumas semanas, mas... Isso depende do que vai trabalhar, com o seu irmão. — comentou e eu assenti, sabendo que Elijah insistia para que eu trabalhasse com ele quando Cali acreditasse que estava pronto para o que ele desejava.

— Ele tem feito muito por mim, ele e Cameron... — suspirei fundo e pensei sobre o que se passava por minha mente há alguns dias. — Mas não sei se é certo continuar a depender deles... Talvez eu só queira conquistar algo sozinho.

— O que quer dizer? — indagou, claramente curiosa e eu dei de ombros.

— Estão precisando de repositor no supermercado aqui perto, e eu pensei que...

Calei-me, sem querer parecer otimista demais. Sabia que as contratações não eram feitas através de nenhum documento de formação, pelo o que Cali me contou, portanto, eu tinha alguma chance se soubesse ler e escrever muito bem.

— Por que não me contou? — perguntou e me encarou com carinho. — Por que não contou a seus irmãos?

— Tenho medo de que Elijah me ache ingrato, e Cameron, praticamente sumiu nos últimos dias, como te falei... Não podemos ter um contato direto, quem me conta algo sobre ele é Elijah, que apenas me disse isso. — Dei de ombros e ela assentiu.

— E eu?

— Você é uma mulher incrível, Cali. Tudo o que tem é fruto do seu esforço e trabalho, eu... Nunca pude nem provar que sou capaz. Tenho medo de te decepcionar. — Fui honesto e foi como se tirasse quilos de minhas costas. Sentia-me acuado com aquilo há dias. — Sei que é errado comparar pessoas pela sua formação ou não... Mas não sei como eu, alguém tão simples e com um passado tão aterrorizador, pode ser um homem bom para você.

Ela pareceu pensar sobre algo, e de repente, apenas se afastou do meu corpo, levantando-se. Esticou sua mão e a aceitei, como sempre. Fui até ela, que andou comigo até a sala de jantar, na qual, passamos a estudar durante os últimos dias.

Não saberia dizer como, mas eu apenas voltava para casa geralmente para tomar banho e pegar algo que esqueci.

Os meus dias tinham sido ao lado de Cali. E eu amava o quanto ela fazia um relacionamento como o nosso, parecer tão

imbatível.

— Sabe que não era para sermos nada além de professora e aluno, certo? — indagou de repente, com seu tom um pouco

menos ameno. Olhei-a, no momento em que afastou sua mão da minha, e foi em direção a outra ponta da mesa de oito lugares. —

Senta aí, nessa ponta. — pediu, e o fiz, sentando-me na cadeira contrária da sua, na mesma reta.

— O que está fazendo? — perguntei, completamente perdido.

— Te dando fatos sobre nós. — Piscou um olho e ajustou os óculos de grau no rosto. — Eu podia sempre ter ficado aqui e você aí... Não é uma distância considerável, mas ainda assim, é uma distância. Porém, conseguiria te ensinar assim, e você aprender. — Ela se levantou, e andou até a cadeira ao meu lado, sentando-se. — Mas eu escolhi estar aqui, mais perto o possível, assim como você. Todos os dias em que fazemos isso... — fez um sinal com o dedo entre nós, e eu sabia do que falava. — Dos dias em que choramos juntos ou separados... Das incertezas e certezas na mesa... Eu sei que estou feliz com você, Kirian. Feliz de uma forma que me dá medo, mas ainda assim, me dá mais coragem para permanecer. Você me orgulha por ser exatamente

assim. — escorou o cotovelo na mesa, apoiando o rosto com a mão. — Então, não precisa se sentir inferior por qualquer coisa...

Porque eu escolhi sentar na cadeira mais próxima, e quero permanecer nela.

Eu não sabia o que dizer, e apenas fiz o que minha mente, coração e alma necessitavam, beijei-a. Diferente do que imaginei, se era que tinha imaginado algo, o beijo se intensificou. Antes que eu pudesse raciocinar, ou que Cali o fizesse, ela já estava sobre a mesa.

Suas mãos no meu cabelo, as minhas em suas costas e pescoço. Um beijo que parecia tornar aquilo tudo ainda mais real, e mais constante. Eu não sabia de fato o que fazia, mas tinha uma única certeza, eu não queria que aquela sensação passasse.

CALI

Se existia alguma dúvida para Kirian de que éramos um casal, ela acabava ali. O que me consumia era o mesmo fogo que via claro em seu olhar, no momento que apenas nos afastamos para respirar fundo. A mão firme meu rosto, a outra da mesma maneira em minha cintura, puxando-me diretamente para si.

Fui novamente para ele, e o seu beijo me consumiu, tomando-me para si sem ao menos tirarmos as roupas. Era como se ele me desvendasse apenas com sua boca. Mas eu sabia, que aquela boca poderia fazer muito mais em outras partes de meu corpo, assim como, eu poderia fazer o mesmo com ele.

Assim que nos afastamos novamente, eu não disse nada, apenas pulei da mesa, e o puxei comigo para o andar de cima. No momento em que começamos a subir as escadas, eu notei que ele parecia querer fazer *mais* do que simplesmente tocar minha mão. Ele queria o mesmo que eu. Ir além.

Perto do quinto degrau, eu o encostei na parede, e senti todos os músculos sob sua camisa, era como se retesassem diante de meu toque. Subi novamente minhas mãos até seu rosto e ele me olhava como se pudesse me consumir inteira. Como se desejasse aquilo. Eu faria de tudo para ter aquele olhar novamente todos os dias.

Peguei sua mão parada em minha cintura, e a descii, deixando-a em minha bunda, de forma que ele a espalmou. Um grunhido baixo saiu de sua garganta, ao mesmo tempo que um gemido escapou da minha.

— Eu não sei o que fazer. — Confessou, em meio a beijos em meu pescoço, que subiam para meu rosto e boca.

Puxei o ar que me faltava, devido a forma como me sentia enredada por ele. Completamente intoxicada pelo desejo e paixão que se formou ao nosso redor. Era exatamente o que faltava em todos os outros. Se comparasse o simples toque de Kirian em meu corpo, e o que isso me causava, mostrava que esperei exatamente por aquilo - sem ao menos saber que o fazia.

— Faz o que quiser comigo. — falei, puxando-o para cima, e querendo chegar o mais rápido possível em meu quarto. —
O

que desejar, Kirian.

Virei-me de costas, e ele veio até mim, com as mãos espalmadas em minha barriga, coxa e a boca em meu pescoço.

Uma bagunça de nós se formava, e mesmo que soubesse que ele nunca tocou alguém como me tocava, mal sabia que tocava exatamente nos pontos que deixavam minhas pernas bambas e fazia todo meu raciocínio se esvaír.

Assim que adentramos o quarto, virei-me para ele, parando-o de imediato. Sabia que ele temia fazer algo errado, mas neguei rapidamente com a cabeça e levei um dedo até sua boca, calando qualquer desculpa que quisesse explicar.

Fiquei a sua frente, e puxei o nó de meu vestido preto, deixando-o cair no segundo seguinte no chão. Apenas uma calcinha evitava que ele me visse por completa, e aquela sensação, de me sentir tão íntima de alguém, a ponto de não pensar em nada a não ser estar nua e inteira para ela, me arrebatou por completo.

— Você é... — Sua respiração estava entrecortada, e apenas piorou quando retirei o último tecido. — Cali...

Fui até ele, e antes que pudesse alcançá-lo, suas mãos já estavam puxando a camiseta que vestia. Ele se embolou, fazendo-me rir, ao mesmo tempo que ele o fazia, tirando a peça de seu corpo. O olhar gelo me arrebatou, e o sorriso sumiu no segundo em que levei minhas mãos até sua calça de moletom.

Ele acompanhava cada movimento meu, e notei a sua adoração ali, não apenas por mim, mas pelo meu corpo.

Kirian se adiantou e terminou de tirar a calça, ficando apenas de cueca a minha frente. Ele era o completo pecado, e

poderia não ter noção daquilo, mas o era. O meu completo pecado. Não me importaria de ser uma pecadora consciente a partir daquele momento.

Ele abriu a boca para dizer algo, mas a fechou novamente.

Suspirou fundo, assim como eu. Tremia de vontade para tocá-lo novamente. Assim como, para sentir seu toque sobre mim.

Chegava ao limite de esperar para poder esquecer em que mundo estávamos. Juntos.

— Não pensa muito, apenas faz. — falei e fui até ele, instigando-o a baixar o tecido.

Olho no olho, permanecemos, enquanto ele ficava completamente nu a minha frente. O olhar de Kirian voltou ao de antes, consumindo-me. Uma chuva começou do lado de fora, mas não me importei nem um pouco se alguma janela estava aberta.

Eu apenas queria queimar até o amanhecer com ele.

Quando nossos lábios se conectaram novamente, eu soube que não íamos parar. Mãos nos meus cabelos. Beijos e mordidas sendo distribuídos por meu colo, pescoço e lábios. Ao mesmo tempo que ele me tomava para si, eu o tomava. Numa sincronicidade que nunca imaginei.

Minhas costas na parede, meu corpo em seu colo, o olhar de predador me consumindo. Minhas mãos se perdiam por seus músculos,

barba,

cabelo

e

cada

pequeno

pedaço.

Surpreendendo-me, ele me prendeu contra a parede, e de repente, desceu os beijos selvagens e fortes, em direção a meus seios, pegando-me completamente desprevenida.

Eu meio aos meus gemidos, e aos grunhidos de aprovação dele, sua boca me consumiu por completa, beijando cada pequena parte de meu corpo, fazendo-me gritar enquanto ele me explorava. Senti as pernas fraquejarem, ao me deparar com a imagem da luxúria e devassidão que ele transmitia. A boca em meu corpo, o olhar me queimando, as mãos ainda me exigindo para si.

Puxei-o para mim, recobrando um pouco do controle, e o beijei, empurrando-o em direção a cama. Quando ele caiu sobre o colchão, e eu fui sobre ele, não pude deixar de admirar cada pedacinho seu exposto. De cada músculo esculpido, a cada cicatriz que ele carregava. Porque aquele era ele, por completo.

Minha boca pairou sobre a dele, e desceu, beijando-o da mesma forma que fez comigo. Explorando-o da maneira como me consumiu.

Quando a racionalidade se perdeu de vez, em meio ao cheiro de nós espalhado por aquele quarto, voltei para ele, olhando-o profundamente, e em meio a todo o desejo e paixão, encontrei amor. Desci sobre seu corpo, e senti seus braços tremerem, enquanto segurava minha bunda. Baixei minha boca para a dele, e nos encontramos novamente. Daquela vez, por completo.

Eu conseguia ver aquilo acontecer desde o primeiro olhar.

Tudo de mim.

Tudo dele.

Totalmente interligados.

Atração, paixão, desejo... Amor.



30

“Quando a intimidade chega, ir embora é uma opção
Permanecer, também

Escolher ficar é para quem entendeu

Que a verdadeira magia não está no destino

Aliás, não há destino; só existe eu e você

O resto é poesia pro nosso amor

Pra nossa dor

Pra nós

[Meu talismã.”\[34\]](#)

CALI

Estava quente de um jeito tão bom, que me imaginei à frente da lareira, tomando chocolate quente. Suspirei fundo, e o cheiro que me invadiu era diferente do que esperei. Contudo, era tão familiar, que me apeguei ainda mais ao

que fosse. Foi no instante que senti o corpo quente, que estava sob o meu. Abri os olhos devagar, acostumando-me com a luz que adentrava a fresta da minha cortina blackout que deveria estar completamente fechada.

Eu precisava do completo escuro para dormir. *Mas quem disse que pensei no sono quando estava nos braços dele?*

Suspirei fundo, como uma adolescente apaixonada e analisei-o, ainda preso em seu sono, claramente tranquilo e profundo. Sorri, sentindo-me atraída por ele, e por cada pequeno pedaço que o formava. Nus, abraçados, em meio a nosso cansaço após o prazer, nos perdemos. Sequer saberia dizer em que momento fechei os olhos, apenas lembrava de sentir os seus lábios em minha testa antes daquilo.

Levantei-me com cuidado, puxando um dos lençóis cobres caídos do lado da cama, para meu corpo. Não queria sair, contudo, minha sede falou mais alto. Assim, procurei a camiseta

de Kirian perdida por ali, e assim que a encontrei, vesti-a, assim como, minha calcinha. Aquela intimidade, de ter tais gestos e momentos com alguém, era tão diferente quando acontecia na realidade. Os livros passavam a essência, mas o que sentia ali, fazia-me querer cantar e rodar pelo quarto.

Deixei o quarto, ainda olhando para o homem que me tinha por completo. Fechei a porta com todo cuidado e desci as escadas pé por pé, sem querer atrapalhar seu sono, e com a pretensão de poder voltar para o seu aconchego assim que tomasse água. Quando cheguei a sala de estar, notei que deixei parte da janela aberta, e as minhas plantas que ficavam abaixo da mesma, com toda certeza, agradeceram pelo banho que tomaram.

Eu era uma péssima mãe de plantas.

Fui até a parte aberta, e a fechei, olhando se não molhou nada além dos vasos e o chão. Felizmente, os móveis mais próximos não pareciam ter sido molhados. Porém, se os tivesse, não evitariam meu sorriso. Eu estava feliz. Simples assim. O que pudesse ser estragado não me importava. Por dentro, sentia-me tão bem, que era fácil ignorar ao meu redor.

Girei pela sala e comecei a cantar baixinho, indo em direção a cozinha. Era o que fazia para ficar feliz, e quando estava feliz demais para explicar em palavras. Kirian me tirava cada uma delas.

Batidas na porta da cozinha, que ficava nos fundos, me fizeram parar de girar, e parei a poucos centímetros da geladeira.

Olhei para meu visual, e agradei o fato de Kirian ser bem mais alto e sua camiseta ficar como um vestido. Passei as mãos levemente pelos cabelos que poderiam estar bagunçados e fui em direção a porta. De repente, senti receio. *Por que alguém bateria na porta de trás?*

Fiquei em completo alerta, e pensei se deveria discar o número de Elijah.

— Cali, sou eu! — ouvir a voz de minha melhor amiga me fez soltar o ar que mal sabia que segurava.

Por precaução, olhei pela janela ao lado, e notei que apenas ela estava ali, em suas costumeiras roupas de couro.

— Ei! — falou, assim que abri a porta, e olhei ao seu redor, procurando pelo o que nem sabia. — Tenho um segurança, mas estão invisíveis no momento.

— Não é arriscado vir aqui? — perguntei, abrindo a porta por completo, e deixando-a entrar.

— Não quando o líder dos Vallen me liberou. — comentou e a encarei sem entender.

— Pensei que não concordassem em nada. — falei, lembrando-me da conversa que tivemos na mansão dos Vallen, quando soube quem ela realmente era. — Lind?

— Tem uma coisa... a sua proteção. — comentou e me encarou minuciosamente. — Você parece tão... brilhante.

— Sem comentários sobre isso. — Fiz um sinal sobre mim, e a encarei com interesse. — Não viria aqui à toa. O que tem a ver com minha proteção?

— Bom, nada. Esse é apenas o único tópico que Vallen e eu concordamos. Ele me contou algo e então pude trazer as boas novas.

— Lind, tá me deixando confusa. — falei, e fui até a geladeira, abrindo-a e pegando uma garrafa de água.

Dei um longo gole e notei a postura de minha amiga mudar de repente, assim como seu olhar. Ela sorriu, claramente animada, e eu me virei na direção que olhava.

Kirian estava parado perto da entrada da cozinha, vestindo apenas sua calça de moletom, com os cabelos presos naquele coque que me deixava doida para bagunçar cada fio.

— Agora eu entendi o brilho. — falou em deboche, e deu um leve aceno de cabeça para Kirian. — O Vallen me mandou.

—

Notei que ela falava formalmente com ele, e talvez, ela não fazia ideia de que Kirian era, na realidade, um Vallen. Aquela era a história dele, e não minha para compartilhar.

— Por que? — Kirian perguntou, e notei que pareceu completamente preocupado.

Fui até ele, e seu olhar finalmente chegou ao meu. Fiquei na ponta dos pés e lhe dei um leve beijo, da forma como gostaria de começar aquele dia.

— Oi. — falou e notei seu olhar mudar em minha direção.

Só via amor.

Virei-me novamente para Lind, e ela parecia encantada com o que via.

— Nenhuma palavra sobre isso. — Apontei-lhe o dedo, e fui novamente até a geladeira, guardando a garrafa. — Agora, palavras do porquê da sua visita surpresa.

— Sabe a velha escola? — indagou, e sabia que era sua forma de chamar o local que eu trabalhava. Lind sempre teve pavor do local por conta do descaso que os próprios funcionários tinham.

— O que tem? — indaguei, olhando-a com atenção.

— Bom, Vallen me deixou a cargo de escalar os novos professores e a nova diretora... — deixou a frase no ar, e fiquei sem entender. Abri a boca para perguntar sobre os outros, mas Lind parecia saber que o faria. — Sem perguntas sobre os outros, acredite em mim, não quer a resposta sincera.

Abri a boca novamente, e encarei Kirian, que negou com a cabeça, como se fosse o certo. Não precisava pensar muito para saber que algo muito ruim acontecera com eles, como a morte.

— Não sei porque o Vallen se importa tanto com ele. —

Fez um meneio de cabeça para Kirian, e notei que ele ficou desconfortável. — Mas, é claro que ele se importa, mesmo que não admita. Assim, espero que possa contar com os dois para fazermos daquela escola um lugar melhor.

— Lind...

— Quero que seja professora e a nova diretora de lá. —

falou, deixando-me completamente surpresa. — Sei de todos os desejos que tem para o local, e acredite, eles serão atendidos. E

bom, Kirian, não é? — indagou, e ele assentiu em sua direção, mas notei um breve sorriso no canto de sua boca. — Vallen pediu para que lhe trouxesse o pedido de fazer o melhor naquele lugar, sendo o bibliotecário.

— O que? — gritei e dei um pulo no lugar, sem conseguir acreditar. — Temos a biblioteca?

— Sim, pronta para uso e melhor... Com *muitos e muitos* livros.

Não consegui me conter e fui até Lind, abraçando-a com força, a qual fez o mesmo. Senti as lágrimas descerem e assim que me afastei, notei a forma como ela parecia feliz por mim. Lind, melhor do que ninguém, sabia dos meus sonhos e projetos para aquele lugar.

Assim que me virei para Kirian, notei seu olhar como o reflexo do meu. Ele parecia extasiado. Fui até ele, sem pensar mais, e me joguei, sendo pega em seu colo e sentindo o calor que me fazia sentir em casa. Kirian era como um lar para mim.

Quando me afastei um pouco, notei que estava sobre seu colo, enquanto Lind sorria e batia palmas de nós.

— São um livro romântico perfeito, como você sonhava. —

falou, enquanto eu voltava ao chão, e ela suspirou profundamente. — Seu livro de romance, Cali.

— Se você diz. — Dei de ombros, sorrindo abertamente. —

Não posso dizer que não.

— Então? O que vocês me respondem? — indagou, e sabia que não falava sobre os romances. — Aceitam a proposta de transformar aquele fim do mundo em uma escola de verdade?

— Claro! — falei de uma vez e não precisei pensar, virei-me para Kirian, que assentiu levemente para ela. Ele parecia tão longe, mas ainda assim, tão perto. — Sabe que vou continuar te ensinando por mais um tempo, não é? Nem que seja a noite, e...

— Na cama? — Lind perguntou, intrometendo-se, e o rosto de Kirian ficou vermelho no mesmo instante, enquanto ela gargalhava.

— Puta merda, Lind! — reclamei, mas acabei rindo também.

— Não pode dizer isso como se...

— Kirian já sabe que é meio ou completamente maluca, Cali. Só pelo jeito que ele te olha, tenho certeza. E pior, ele realmente gosta de você assim. — brincou e acabei revirando os olhos. — Eu gostaria de ficar mais, porém, tenho poucos minutos hoje.

— Tudo bem. — falei com pesar e fui até ela, abraçando-a.

— Obrigada mesmo por lembrar de mim e se preocupar...

— Sabe que é a irmã que sempre sonhei, e nunca se esqueça disso. — Abraçou-me novamente, e notei seus olhos marejados quando me encarou. — Ligo mais tarde pra dar todos os detalhes, e espero que esteja de roupas quando falar comigo.

— Lind!

— Lindsay? — a voz de Kirian chegou até nós, e ela o encarou, assim como eu.

— O que?

— Pode dizer obrigado a... — Ele limpou a garganta de repente, e eu tinha certeza do que diria se não tivesse recobrado a razão. — Ao senhor Vallen. Obrigado por... tudo.

Lind claramente não entendeu por completo, mas assentiu para ele.

— Obrigado por isso.

— Bom, ela é como minha irmã... Vou ter que te aturar de um jeito ou de outro, cara. — Piscou para ele, e sorriu. — Tenho que ir, mas... Já sabe! — debochou em minha direção, mas sabia do que falava.

Assim como apareceu, Lindsay se foi.

No momento que fechei a porta atrás de mim, meu olhar voltou para Kirian e percebi que não existia bolha entre nós, e que ninguém poderia estourá-la. Era algo real e que poderíamos preservar. Fui até ele, que sem dizer nada, abriu os braços, envolvendo-me novamente.

— Eu te amo, Cali.

Sua declaração me pegou desprevenida, não porque não soubesse do que sentia. Eu sabia. Eu sentia. Porém, ele nunca deixou as palavras saírem de tal forma. Sorri, e o encarei com todo o amor que transbordava, sabendo que queria guardar cada momento em minha memória.

— Eu te amo. Verdadeiro ou falso? — indaguei, e notei a surpresa em seu olhar, assim como, a leveza.

Ele me beijou levemente, antes de dizer:

— Verdadeiro.

DEPOIS...

“Eu não quero olhar para mais nada agora que te vi Eu não quero pensar em mais nada agora que pensei em você Eu tenho dormido há tanto tempo numa noite escura de vinte anos E agora, vejo a luz do dia

[Vejo apenas a luz do dia”\[35\]](#)

Fazia frio.

Cali não sabia se adorava aquele tempo ou se o detestava.

Contudo, ao menos, a chuva prometida na televisão, não veio.

Suspirou fundo, enquanto corria com o bolo pela escola e tentava passar despercebida pela biblioteca. Torcendo no fundo para que Kirian estivesse ocupado demais com os livros, sem o risco de vê-la desesperada nos corredores.

Ela sabia que ele era dedicado ao que fazia, e que amava estar ali, em meio a literatura. O problema era que ela era péssima com surpresas. *Nunca fez nenhuma, como poderia simplesmente ser boa?*

Suspirou fundo e quando passou pela biblioteca, pediu aos céus para que ele não tivesse visto e desconfiado de algo.

Finalmente, chegando ao refeitório, sorriu ao encontrar alguns funcionários e principalmente, sua melhor amiga, que veio especialmente para aquele dia.

As pessoas ao redor, mal sabiam quem Lind era, muito menos, o saberiam. Porém, sabia que estava ao redor de pessoas que se preocupavam com aquela escola, assim como ela. Ao mesmo tempo, ansiosa para que em breve, o lugar se enchesse de alunos que adoravam ela, mas também, Kirian.

Principalmente ele.

Ela tinha certeza que ele se adaptaria fácil ali, pois combinava com ele, por completo. Contudo, a resposta que os alunos tiveram a biblioteca, e quem a organizaria e cuidaria, foi espetacular. Kirian se tornou amado em pouco tempo. E ela soube, mais uma vez, como foi fácil cair por ele. Era praticamente impossível não o fazer.

— Cheguei!

Virou-se para a voz masculina e sorriu ao ver Elijah, indo até ele para o abraçar, ao mesmo tempo que o olhou alarmada.

— Não parou na biblioteca, certo? — indagou, completamente preocupada.

— Dei uma breve olhada, mas Kirian parece mais ocupado em escrever algo em um papel, do que com o mundo ao seu redor...

— Elijah! — repreendeu o homem mais novo, que sorriu abertamente, com o olhar encantador de sempre. — Você não vale nada!

— Sou o melhor irmão! — piscou um olho e foi até Lind, dando-lhe um beijo no rosto.

— Não vou discordar disso. — Ela falou baixo, apenas para provocar Cali sobre Kirian ainda não ter sua benção. Mas no fundo, todos eles sabiam que Lindsay adorava o romance da amiga, e principalmente, o cuidado que Kirian tinha com ela.

— Vocês são péssimos! — acusou-os, revirando os olhos.

— Agora me ajudem a arrumar tudo. — Olhou rapidamente para seu relógio de pulso e quase gritou. — Faltam apenas cinco minutos. Rápido!

Os dois que a escutavam gargalharam, e ela surtou por completo.

Também, ali estava ela, organizando a primeira festa de aniversário do homem amava. E mais, era surpresa.

Kirian olhou para o papel a sua frente e suspirou fundo, analisando sua letra. Era a primeira vez que passava para o papel o que sentia. Nunca fez nada parecido antes, porém, a ideia de que seria único para Cali, o acalentava. Ele

sempre tentava ser o melhor para ela, pois ela sempre entregava tudo de si.

Lembrava de ter conseguido pesquisar em seu celular, depois de uma explicação de Elijah a respeito do Google, sobre prazer feminino. O irmão não o julgou, felizmente, na realidade, apenas gargalhou de sua cara. Dizendo que ele parecia bobo por Cali. De fato, ele poderia o ser.

Foi assim que a surpreendeu com sua boca na primeira vez que fizeram amor. Ele nunca pensou que encararia o sexo de tal forma, mas o era. Com ela, e todas as vezes que o repetiram, foi exatamente aquilo. Suspirou fundo, sabendo que era o

primeiro aniversário, em anos, que se sentia grato e feliz. Queria poder dizer a Cali, de forma diferente, como se sentia naquele dia.

Contar a ela que era o dia de seu aniversário e que queria comemorar a noite toda com ela. Gostaria de ver mais pessoas, como seus irmãos, porém, sabia que Cameron não estaria presente, e aquilo, o fazia preferir apenas deixar de lado tal desejo.

Dobrou o papel com cuidado, como assistiu em um vídeo na internet e colocou no envelope de cor verde, que era exatamente da cor dos cabelos de Cali. Nunca entenderia como teve a sorte de encontrar aquela cor justamente na papelaria perto de sua casa.

Sorriu, sabendo que depois de um tempo mal sabia onde ele morava ou Cali morava. Se revezavam entre as casas, era a verdade. Existiam roupas dele no armário dela, assim como, produtos dela sobre o balcão de sua pia.

A vida era bonita até nos pequenos detalhes.

Ele descobria a cada dia.

Longe da escuridão que viveu, e finalmente, perto da luz.

Uma luz que chegava ao esverdeado, e o acolhia como ninguém fez. Acolhia-o por inteiro. Amava-o por inteiro.

Ele tinha muito a dizer, e descobriu que poderia fazer tal coisa pela primeira vez escrevendo. Deixou o envelope guardado dentro de sua pasta e ficou orgulhoso de si.

O sinal tocou e notou os alunos correram pelos corredores, de forma nada diferente do habitual. Eles eram apaixonantes, como Cali sempre disse. Finalmente, sentia-se feliz por fazer parte de algo que ajudava as pessoas, e ainda, o ajudava da mesma maneira. A cada dia naquela biblioteca, sentia-se mais perto do que sonhou se tornar. Remetia-o ao sonho de ser formado em algo. Ainda não definiu o que, mas sabia que queria.

Levantou-se e foi em direção a diretoria, onde geralmente encontrava Cali para almoçar. Assim que abriu a porta, estranhou encontrar o local vazio, mas como num estalo, lembrou-se do que ela disse mais cedo, de que o encontraria no refeitório.

Desta forma, andou pelos corredores, e passou a estranhar o fato de os alunos não estarem espalhados pela quadra ou pelos bancos. Franziu o cenho e acelerou o passo em direção ao

refeitório. Estranhamente, o local tinha o grande portão fechado, deixando tudo ainda mais confuso.

Quando o abriu, soube que a vida não poderia ser melhor.

Bexigas, papéis, e um grito de *Parabéns* o acertaram por inteiro. Enquanto a mulher que amava, trazia consigo o bolo com o número trinta e três, e todos ao redor usavam *chapéuzinhos* coloridos com livros diferentes em cada um. Kirian ainda tinha poucos gostos específicos, mas com certeza, Cali prestou atenção em sua essência e no que desejava.

Era uma chuva de cores a sua frente, assim como, de pessoas cantando *Parabéns*. Há alguns metros, enquanto sorria, notou a presença de alguém especial - Cameron. Ele estava encostado em uma pilastra, vestindo uma blusa de moletom com capuz, uma máscara preta, que escondia sua aparência.

Cameron sabia que era arriscado estar ali, mas tomou todo cuidado para poder, por um segundo, viver algo feliz, mesmo que distante, perto de quem realmente amava. Aos poucos as pessoas descobriam quem era o novo líder dos Vallen, e sabia que seria suspeito aparecer ali de cara limpa. Mas ele foi, ao menos, para poder trocar um olhar com seu irmão.

Kirian sorriu para ele, e em seguida, o fez para Elijah e Cali, que estavam mais próximos. Nem precisou se perguntar como Cali descobriu seu aniversário, Elijah era a resposta à sua frente. Segurou as lágrimas, perdido naquele momento. Ali, soube, mais uma vez, que teve de fato um recomeço. Uma nova chance.

Ao fim do dia, quando Kirian ficou a sós com Cali, tomou coragem e lhe entregou o envelope de cor verde. Ela o encarou sem entender, já que aquele era seu aniversário, não o dela.

Porém, no silêncio do homem que amava encontrava mais certezas do que dúvidas. Desta forma, abriu o envelope e foi o momento em que se apaixonou novamente por ele.

“Meus sentimentos sempre foram claros.

Sempre soube sentir... Sempre quis sentir.

Hoje eu posso fazer isso

E não poderia ser mais feliz

Por fazer isso com você.

Você me ensinou mais do que letras,

números e

símbolos.

Me ensinou como a vida é bonita, Cali.

Como ela pode ser bonita ao lado de quem amamos.

E eu sei que sou ruim com palavras

E fico feliz de ter alguém tão bom com elas ao meu redor
Mas só queria dizer obrigado

Por tudo

Por ser quem é

Por ser o meu amor

Não sou tão bom em dizer

eu te amo

Mas eu te amo

Hoje, aos trinta e três

E espero que para sempre.

Com amor,

K.”

ELIJAH

— Sua carinha não é de bad boy, mas sim do tipo que vai se foder por causa de mulher. — Tasha falou, indicando com a cabeça a mulher que agora se apresentava no palco do bar.

—

Tem um coração muito bom, e gente boa, vai por mim, só se fode!

Tomei mais uma dose de tequila e pisquei para ela, que apenas negou com a cabeça e logo passou por mim, esbarrando levemente, e eu não pude deixar de rir da sua informação.

— Não é como se eu fosse...

Pisquei algumas vezes quando ouvi o barulho da porta de entrada sendo praticamente derrubada e pisquei algumas vezes, deixando o copo sobre o balcão, e ouvi o grito de todos ao redor.

Assim que notei armas sendo direcionadas para todos, por puro reflexo, vi-me indo até o palco e ficando à frente de Mia.

— Então você se escondeu aqui...

Notei de relance um cara com o símbolo dos Cortês tatuado e segurei uma respiração. O que a máfia do Clã Cortês fazia no território dos Vallen? Ainda mais por cima, armados?

— Não passa de uma puta mimada, Mia.

— Eu não vou voltar para lá, Cortês!

Assim que ela falou, eu a encarei, como se tentando entender o que acontecia, mas não era como se pudesse indagar, não naquele instante.

— Achou até um brinquedo? — olhou-me e eu o encarei perplexo, quando apontou a arma diretamente para o meu peito.

Filho da...

— O que fazem no território dos Vallen? — perguntei e ouvi apenas o barulho dele engatilhando a arma.

— Chega dessa porra! — a voz de Tasha estourou ao redor, e vi-a apontar uma pequena arma para a cabeça do homem que estava me ameaçando.

De onde Tasha tirou uma arma?

— Ficou maluca? — praticamente gritei, e queria tirá-la dali no mesmo instante. — O que querem? — optei pela diplomacia, ao ver todas as armas serem apontadas para Tasha, e o ar me faltou.

O homem a minha frente apenas sorriu de lado, e ouvi Mia gritar algo, mas antes que pudesse escutar, senti apenas algo

sendo acertado diretamente na minha cabeça e a escuridão me acertar.

“O que acontece quando um Vallen não reconhecido é levado em cativo e condenado por outra máfia?”

OS VALLEN

E aqui estamos, após conhecermos por dentro da vida, coração e dor de Kirian e Cali. Espero que de alguma forma eles tenham chegado até vocês com toda a intensidade que depositaram em mim. Agradeço desde já, por ter dado uma chance seja a primeira ou a segunda vez com essa história.

Contudo, temos mais para contar desse universo... e vamos continuar com Elijah...

A partir de Elijah, teremos um lado mais profundo da máfia e principalmente, o teremos no livro de Cameron. Espero que estejam ansiosas para eles!

E claro, espero que tenham gostado de Kirian e Cali, o tanto quanto me apaixonei por eles em meio a escrita. Caso o tenha feito, não esqueça de deixar sua avaliação. E me conta se está empolgada para conhecer mais do universo dos Vallen e dos vários segredos que os acompanham.

Muito obrigada pela leitura!

Com amor,

Aline

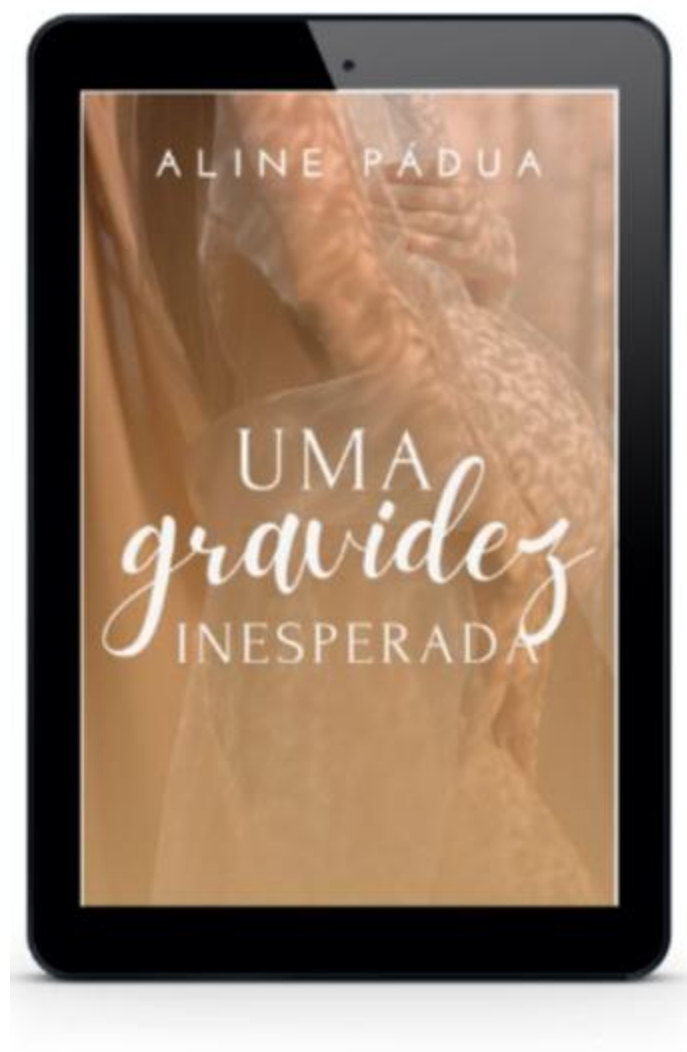
CONTATOS

Instagram: @alineapadua

Tiktok: @autoralinepadua

Twitter: @alineapadua

Meus outros livros: [aqui](#)



OUTRA SÉRIE

UMA GRAVIDEZ INESPERADA

Família Torres - Livro 1

[adquira o seu clicando aqui](#)

SINOPSE

Se no meio do caminho de algumas pessoas tem uma pedra, no meio do caminho de Maria Beatriz, sempre teve Inácio. O herdeiro da fazenda que fica ao lado das antigas terras de sua família, tornou-se um homem bruto e fechado, que quando aparece na sua frente, ela já sabe que só pode ser problema ou alguma proposta indecorosa. Maldito peão velho!

Inácio Torres é um homem de poucas palavras, mas que vê em uma mulher tagarela, a oportunidade perfeita. Mabi precisa de dinheiro, ele o tem. Ele precisa de um casamento falso, e ela é a escolha perfeita. Porém, a única coisa que recebe de Mabi, como sempre, é uma negativa. Maldita criança sonhadora!

No meio das voltas que a vida dá, uma noite de prazer os marca. E a consequência será muito maior que o arrependimento: UMA GRAVIDEZ

INESPERADA.



CEO INESPERADO - meu ex melhor amigo

Família Torres - Livro 2

adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se nem tudo que reluz é ouro, Júlio é apenas a melhor imitação de pedra preciosa que Babi colocou os olhos.

O seu ex-melhor amigo, a abandonou e quebrou seu coração quando eram adolescentes. Bárbara Ferraz jurou a si mesma que nunca mais o deixaria ficar perto. *Maldito CEO engomadinho!*

Júlio Torres sabe que deixou uma parte de si para trás. Sua ex-melhor amiga o odeia e ele, muitas vezes, teve o mesmo sentimento por si. *Maldita sombra!*

Júlio sabe que não pode mais ignorar, porque ele não quer apenas a sua melhor amiga de volta, ele a quer como sua.

Babi foge dele como o diabo foge da cruz. **Entretanto, como fugir se depois do reencontro e finalmente os pratos limpos, ela se descobre grávida do seu ex-melhor amigo?**



O BEBÊ INESPERADO DO COWBOY

Família Torres – Livro 3

adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se existe amor à primeira vista, Abigail Alencar e Bruno Torres compartilham o completo oposto. Abi o detestou desde o primeiro momento, e com o passar dos anos, o sentimento permaneceu. Bruno é o típico cowboy cafajeste, arrogante e popular, que ela não suporta um segundo na presença.

A cidade pequena sabe de seu desgosto e desinteresse no mais novo dos Torres, porém, ele sempre pareceu ficar ainda mais animado em confrontá-la. Se existe algo sobre Bruno que ela conhece bem, é que ele não foge de um desafio.

Assim, quando Abi o encontra como babá da sua filha de apenas um ano, ela só consegue pensar que ele quer algo. Bruno jura que está ali apenas para tirá-la do sério, como sempre, mas tudo acaba por mudar, naquele exato instante.

Existe uma linha tênue entre o amor e o ódio... eles estarão dispostos a cruzá-la?



FELIZ NATAL, TORRES

Família Torres - Livro Extra

adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

O Natal parou de ser uma data festiva, e tornou-se dolorosa, assim que Maria Beatriz perdeu os pais. No entanto, nesse ano, tudo mudou e ela vai lutar para que essa data seja ressignificada. Que ela possa sorrir na data, o tanto quanto, um dia o fez, no passado. Assim, ela precisa que tudo saia PERFEITO.

Uma árvore de Natal destruída, enfeites perdidos pela casa, a ceia que não vai chegar a tempo, um desmaio...

Será que ela terá o seu Feliz Natal ao lado dos Torres?

Esse é um conto natalino, narrado na visão de Mabi e Inácio (do livro Uma Gravidez Inesperada), onde você poderá passar essa data tão especial ao lado da Família Torres.



UMA FAMÍLIA INESPERADA PARA O VIÚVO

Família Torres - Livro 4

adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Olívia Torres sempre teve em mente que para bom entendedor meia palavra bastava. Assim, quando se apaixonou perdidamente e descobriu que o homem com o qual se envolveu era casado, o seu mundo perdeu o chão. Ela apenas foi embora, sem olhar para trás.

Contudo, com Murilo, ela nunca pôde parar de olhar. Ainda mais, quando descobriu que estava grávida.

Murilo Reis perdeu tudo. Nunca pensou, que em algum momento, poderia voltar a sentir algo. Entretanto, bastou um olhar para Olívia, para

ele compreender que ainda existia uma chance. Chance essa, que se perdeu por completo, quando ela o deixou.

Anos depois e uma coincidência do destino, Murilo descobre que não apenas as lembranças daquele amor de verão permaneceram, mas sim, que ele tem uma filha.

Um amor de verão pode ser o amor para a sua vida?



GRÁVIDA DO CEO QUE NÃO ME AMA

Família Reis - Livro 1

adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

O triste é que aquele velho ditado se tornou real em sua vida: Valéria que amava Tadeu, que amava Bianca, que amava Murilo, que não amava ninguém.

Desde que seus olhos pousaram em Tadeu Reis, Valéria se apaixonou. Não sabia dizer se era pelo olhar escuro enigmático, o sorriso que ela queria tirar daqueles lábios cerrados ou o fato de ele ser tão atencioso com quem amava.

Porém, Tadeu apenas tinha olhos para outra mulher, e Valéria escondeu aquele sentimento no fundo de sua alma, tentando matá-lo durante os anos que se passaram. Uma coincidência do destino, os coloca

frente a frente. Ela sabe que ele é errado, mais do que isso, uma grande mentira, porém, seu corpo não resiste.

E uma noite com o homem errado não é o fim do mundo, certo?

Para ela, tornou-se um outro começo, já que terá uma parte dele consigo, para sempre. Valéria está grávida do homem que não a ama. E

não pretende deixá-lo descobrir.



O CASAMENTO DO CEO POR UM BEBÊ

Família Reis - Livro 2

adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Águas passadas não movem moinhos - era o que Lisa repetia a si mesma. Contudo, estar sempre tão próxima

do único homem que realmente se apaixonou, fazia com que ela quisesse voltar, e na verdade, se afogar com ele. Igor Reis era um erro, e ela sempre soube.

Ainda assim, não podia evitá-lo para sempre, já que seus círculos de amizades eram tão próximos. Então, era apenas isso: Igor era um amigo. Um ótimo fofoqueiro e uma pessoa para

perder horas conversando - mesmo que quisesse perder muito mais.

Todavia, quando ele bate na sua porta no meio da madrugada com um bebê a tiracolo, ela não sabe o que de fato está acontecendo. Porém, nada é tão ruim que não possa piorar, e ele a pede em casamento.

Nas voltas que a vida dá, Lisa se vê com o sobrenome Reis, um bebê para chamar de seu e um contrato de casamento por um ano com o homem que ama.

Até onde o casamento do CEO por um bebê será uma mentira?



A FILHA DO VIÚVO QUE ME ODEIA

Família Reis - Livro 3

adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Os opostos se atraem.

Carolina Reis queria jurar que isso estava errado, mas não pôde evitar a forma como seu corpo reagiu ao cowboy bruto e grosso que, literalmente, atravessou o seu caminho. Franco era uma incógnita, com um chapéu de cowboy escuro e uma expressão tão dura, que lhe fazia indagar se ele em algum momento sorria. *Bruto insensível!*

Franco Esteves não tinha tempo para perder, muito menos, com uma patricinha mimada que encontrou sozinha no meio da estrada. Porém, não conseguia evitar ajudar alguém, mesmo que este parecesse ser no mínimo uma década mais

novo, com olhos claros penetrantes e um sorriso zombeteiro. *Diacho de madame!*

O que era para ser apenas um esbarrão no meio do nada, torna-se uma verdadeira tortura, quando Carolina assume, por coincidência a função de tutora da filha do cowboy. Ele só quer evitá-la. Ela só quer irritá-lo. No meio do ódio e atração que lhes permeiam, uma adolescente se torna um vínculo que eles não podem evitar.

Mas até onde ela será a única a uni-los?



GRÁVIDA EM UM CASAMENTO POR CONTRATO

Família Reis - Livro 4

adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se no meio do caminho de algumas pessoas tem uma pedra, no meio do caminho de Nero, sempre teve

Verônica. A matriarca dos Reis era uma mulher que intimidava a qualquer um, e ele nunca conseguiu entender uma reação da mesma. Quando ela estava a sua frente, ele sabe que tudo o que deve fazer é correr para a direção oposta.

Verônica Reis é uma mulher que nunca demonstra o que sente. Sendo assim, praticamente impossível desvendar o que se

passa em sua cabeça, e muito menos, em seu coração. Contudo, sempre lhe intrigou o fato de que Alfredo Lopes – ou apenas Nero para os demais – parecia querer enfrentá-la em uma simples troca de olhares, e nunca a temer.

No meio das voltas que a vida dá, um contrato de casamento é o que os une. O que ela e muito menos eles esperavam, era que no único momento que deixassem a guarda baixar, teriam algo maior do que o arrependimento para lidar: **UMA GRAVIDEZ EM UM CASAMENTO POR CONTRATO.**

[1] Trecho do livro JOGOS VORAZES, parte de Jogos Vorazes, uma trilogia literária de aventura e ficção científica, escrita pela americana Suzanne Collins. Fonte: Wikipédia.

[2] Trecho da canção Teatro dos Vampiros, da banda brasileira Legião Urbana.

[3] I'll Keep Coming – Low Roar

[4] Fall In Line – Christina Aguilera feat. Demi Lovato

[5] BB's Teme – Jenny Plant

[6] Fall In Line – Christina Aguilera feat. Demi Lovato

- [7] Don't Be So Serious - Low Roar
- [8] All To Well - Taylor Swift
- [9] Deep - Julia Michaels
- [10] [Gorgeous](#) - Taylor Swift
- [11] The Archer - Taylor Swift
- [12] [Gorgeous](#) - Taylor Swift
- [13] [There's No Way](#) - Lauv feat. Julia Michaels
- [14] [Everything has changed](#) - Taylor Swift feat. Ed Sheeran
- [15] [Safe & Sound](#) - Taylor Swift feat. The Civil Wars
- [16] [Beautiful Stranger](#) - Halsey.
- [17] [Take Your Time](#) - Sam Hunt
- [18] [Your Time](#) - Rita Ora
- [19] [Rewrite The Stars](#) - Jamer Arthur feat. Anne-Marie
- [20] [Delicate](#) - Taylor Swift
- [21] [Dancing With Our Hands Tied](#) - Taylor Swift
- [22] [Out Of The Woods](#) - Taylor Swift
- [23] [The Weight Of The World](#) - J'nique
- [24] [New Year's Day](#) - Taylor Swift
- [25] [Take Me Home](#) - Jess Glynne
- [26] [Last Time](#) - Taylor Swift feat. Gary Lightbody

[27] [Take Me Home](#) - Jess Glynne

[28] [Getaway Car](#) - Taylor Swift

[29] [Little Do You Know](#) - Alex & Sierra

[30] [Dancing With Our Hands Tied](#) - Taylor Swift

[31] [So It Goes...](#) - Taylor Swift

[32] Trecho do livro A ESPERANÇA, parte de Jogos Vorazes, uma trilogia literária de aventura e ficção científica, escrita pela americana Suzanne Collins. Fonte: Wikipédia.

[33] Trecho do livro A ESPERANÇA, parte de Jogos Vorazes, uma trilogia literária de aventura e ficção científica, escrita pela americana Suzanne Collins. Fonte: Wikipédia.

[34] Trecho da canção Meu Talismã da cantora brasileira Iza.

[35] [Daylight](#) - Taylor Swift

Document Outline

- [SINOPSE](#)
- [NOTA DA AUTORA](#)
- [PLAYLIST](#)
- [NOTA](#)
- [PRÓLOGO](#)
- [01](#)
- [02](#)
- [03](#)
- [04](#)
- [05](#)
- [06](#)
- [07](#)
- [08](#)
- [09](#)
- [10](#)
- [11](#)
- [12](#)
- [13](#)
- [14](#)
- [15](#)
- [16](#)
- [17](#)
- [18](#)
- [19](#)
- [20](#)
- [21](#)
- [22](#)
- [23](#)
- [24](#)
- [25](#)
- [26](#)
- [27](#)

- [28](#)
- [29](#)
- [30](#)
- [DEPOIS...](#)
- [ELIJAH](#)
- [OS VALLEN](#)
- [CONTATOS](#)
- [OUTRA SÉRIE](#)